

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



“Para bom tradutor meia expressão basta”

**A problemática da tradução de construções fraseológicas
entre o alemão e o português**

MARIA JOÃO SIMÕES COSTA E SILVA DIAS

MESTRADO EM TRADUÇÃO

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



“Para bom tradutor meia expressão basta”

**A problemática da tradução de construções fraseológicas
entre o alemão e o português**

MARIA JOÃO SIMÕES COSTA E SILVA DIAS

MESTRADO EM TRADUÇÃO

2015

Trabalho sob a orientação do Professor Doutor José Justo

Agradecimentos

Ao meu orientador Professor Doutor José Miranda Justo pelo trabalho de orientação e por toda a ajuda, disponibilidade e amabilidade demonstradas desde o primeiro momento.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação profissional e pessoal ao longo do mestrado.

Ao meu marido que sempre me apoiou e me acompanhou em todos os momentos do meu percurso académico.

A todos os meus amigos e colegas por terem feito parte desta etapa.

Resumo

Este trabalho tem como objectivo explorar a teoria e a prática ligadas à tradução de construções fraseológicas, ou seja, das estruturas fixas de uma língua com um significado particular.

Os fraseologismos, a par de outros mecanismos, têm um papel fundamental na criatividade do falante, bem como na criação de novas metáforas e realidades. Porém, não existe ainda uma definição consensual daquilo que se entende por “fraseologia” ou por “construção fraseológica”, e, como tal, também não existe ainda uma teoria universal ligada à tradução destas unidades. É por essa razão que a tradução de fraseologismos é um tema bastante complexo e uma área que constitui uma grande dificuldade para o tradutor, pois é necessário percebermos a diferença entre as várias construções fraseológicas para definirmos a estratégia de tradução a adoptar. Além disso, o significado destas unidades não pode, na maioria das vezes, ser decifrado a partir dos seus elementos individuais, mas sim a partir do seu conjunto, e grande parte destas construções é ainda muito específica de uma língua e de uma cultura. Desta forma, não existem, muitas vezes, fraseologismos equivalentes na língua de chegada e uma tradução literal também não faria sentido. Nestes casos, a criatividade do tradutor revela-se uma ferramenta extremamente útil para ultrapassar as inúmeras barreiras que a tradução de fraseologismos nos oferece, sobretudo quando o autor da obra original também modifica os fraseologismos.

Na primeira parte do trabalho serão analisadas as questões teóricas principais relacionadas com a tradução de fraseologismos e algumas características próprias das construções fraseológicas. Serão abordados também os problemas de terminologia existentes e será feita uma ligação entre a tradução de unidades fraseológicas e o ramo da linguística cognitiva. As principais classes de construções fraseológicas analisadas serão as expressões idiomáticas e os provérbios (considerados, para este trabalho, parte da fraseologia e não um ramo isolado). Serão também apresentadas algumas estratégias de tradução de construções fraseológicas, estratégias estas a analisar na segunda parte do trabalho.

A parte prática deste projecto consistirá na análise de estratégias de tradução de fraseologismos presentes (a) em duas traduções alemãs de Mia Couto, *A Varanda do Frangipani* (*Unter dem Frangipanibaum*) e *Terra Sonâmbula* (*Das Schlafwandelnde Land*), obras traduzidas por Karin von Schweder-Schreiner, (b) e

numa peça de teatro de Bertolt Brecht, *Mutter Courage und ihre Kinder*, traduzida por Ilse Losa: *Ti Coragem e os seus filhos*.

Através dos exemplos recolhidos vamos poder observar duas abordagens distintas de tradução de construções fraseológicas e a forma como a criatividade da tradutora tem um papel fundamental na tradução das obras de Mia Couto.

Palavras-chave: fraseologismo, construção fraseológica, expressão idiomática, provérbio, criatividade

Abstract

The purpose of this work is to explore the theory and practice related to the translation of phraseological expressions, in other words, the set structures of a language with a specific meaning.

Phraseological units, in addition to other mechanisms, have a key role in the creativity of the speaker, as well as in the creation of new metaphors and realities. However, there is still no consensual definition of concepts such as "phraseology" or "phraseological construction". Therefore, a universal theory related to the translation of these units still doesn't exist either. That is the reason why the translation of set phrases is considered a very complex subject and a field which is particularly difficult to the translator, since it is necessary to understand the difference between the several phraseological units in order to establish the translation strategy to be adopted. Besides, in most cases, the meaning of these units cannot be decoded from their individual elements, but only from its whole set, and a big part of these constructions are also very specific of a language and culture. So, in the majority of instances, the equivalent set phrase does not exist in the target language and a literal translation wouldn't make sense either. In these cases, the translator's creativity turns out to be a very useful tool to overcome several barriers that the translation of set phrases presents us, especially when the author of the original work changes set phrases, too.

The main theoretical issues related to the translation of set phrases and some particular features of phraseological units will be reviewed in the first part of this work. The existing terminology problems will be approached as well, and a connection between the translation of phraseological units and cognitive linguistics will be established. The main groups of phraseological constructions that will be analyzed are the idiomatic expressions and proverbs (which will be considered here as a part of phraseology instead of an isolated field). Some translation strategies of phraseological constructions will be presented too and analyzed in the second part of the paper.

The practical part of this project will consist of the analysis of translation strategies of phrasemes (a) in two German translations of Mia Couto, *A Varanda do Frangipani* (*Unter dem Frangipanibaum*) and *Terra Sonâmbula* (*Das Schlafwandelnde Land*), translated by Karin von Schweder-Schreiner, and (b) a theater play by Bertolt Brecht, *Mutter Courage und ihre Kinder* translated by Ilse

Losa: *Ti Coragem e os seus filhos*.

Through the gathered examples, we will be able to perceive two different approaches of phraseological constructions' translation, as well as the way the creativity of the translator influences the translation of Mia Couto's works.

Key-words: phraseme, phraseological expression, idiomatic expression, proverb, creativity

Zusammenfassung

Die vorliegende Arbeit bezweckt die Theorie und die Praxis, die mit der Übersetzung von den phraseologischen Konstruktionen einer Sprache, also mit den festen Wortverbindungen, die mit einer besondere Bedeutung versehen sind, zu erkunden.

Die Phraseologismen spielen neben anderen Mechanismen eine grundlegende Rolle bei der Kreativität des Sprechers sowie bei der Bildung von neuen Metaphern und Realitäten. Es besteht jedoch noch keine konsensuelle Definition über was unter "Phraseologie" oder "phraseologische Konstruktion" gemeint wird und somit gibt es noch keine universelle Theorie über die Übersetzung dieser Einheiten. Aus diesem Grund ist die Übersetzung von Phraseologismen ein ziemlich komplexes und besonders schwieriges Thema für den Übersetzer, da dieser den Unterschied zwischen den verschiedenen phraseologischen Konstruktionen verstehen muss, um die Übersetzungsstrategie definieren zu können. Abgesehen davon kann die Bedeutung dieser Einheiten meistens nicht ab ihrer individuellen Elemente sondern nur ab des Ganzen entziffert werden und ein Grossteil dieser Wortverbindungen bezieht sich auch noch spezifisch auf eine bestimmte Sprache und Kultur. Es existieren sehr oft keine entsprechenden Phraseologismen in der Sprache in die diese übersetzt werden sollen und eine wortwörtliche Übersetzung würde auch keinen Sinn machen. In diesen Fällen ist die Kreativität des Übersetzers ganz besonders nützlich, um die zahlreichen Hürden zu überwinden, die bei der Übersetzung dieser Phraseologismen entstehen, insbesondere wenn der Autor des Originalwerkes die Phraseologismen auch verändert.

In dem ersten Teil der Arbeit werden die grundsätzlichen theoretischen Fragen, die mit der Übersetzung von Phraseologismen verbunden sind sowie einige Eigenschaften der phraseologischen Konstruktionen analysiert. Die vorhandenen Terminologieprobleme werden ebenfalls behandelt und es wird eine Verbindung zwischen der Übersetzung von phraseologischen Einheiten und dem Zweig der Kognitionslinguistik erstellt. Die wichtigsten Klassen der analysierten phraseologischen Konstruktionen sind die idiomatischen Ausdrücke und die Sprichwörter (die bei dieser Arbeit als Teil der Phraseologie und nicht als isolierter Zweig betrachtet werden). Es werden ebenfalls einige Übersetzungsstrategien bei

phraseologischen Konstruktionen unterbreitet, wobei diese Strategien im zweiten Teil der Arbeit analysiert werden.

Der praktische Teil dieses Projektes besteht aus der Analyse der Übersetzungsstrategien von Phraseologismen in (a) zwei deutschen Übersetzungen von Mia Couto, *A Varanda do Frangipani* (*Unter dem Frangipanibaum*) und *Terra Sonâmbula* (*Das Schlafwandelnde Land*), von Karin von Schweder-Schreiner übersetzt, (b) und dem Theaterstück von Bertolt Brecht *Mutter Courage und ihre Kinder*, von Ilse Losa übersetzt: *Ti Coragem e os seus filhos*.

Die vorgelegten Beispiele zeigen zwei verschiedene Übersetzungsarten von phraseologischen Redewendungen und ebenfalls wie die Kreativität der Übersetzerin eine ausschlaggebende Rolle bei der Übersetzung der Werke von Mia Couto spielt.

Stichwörter: Phraseologismus, phraseologische Konstruktion, idiomatischer Ausdruck, Sprichwort, Kreativität

ÍNDICE

Parte I

1. Introdução, p.16

2. Questões teóricas gerais, p.18

2.1. A fraseologia ao longo do tempo, p.20

2.2. Terminologia, p.21

2.3. Idiomaticidade, p.24

2.4. Estabilidade, p.27

2.5. A fraseologia e as várias áreas científicas, p.28

3. Linguística cognitiva, p.30

3.1. Metáforas e metonímias conceptuais, p.34

3.2. A linguística cognitiva e as construções fraseológicas, p.36

4. A tradução de construções fraseológicas, p.39

4.1. Equivalência, p.42

4.2. Tradução de expressões idiomáticas, p.43

4.3. A diferença entre “expressão idiomática” e “metáfora”, p.47

4.4. Tradução de provérbios, p.49

4.5. *Idiomatic false friends*, p.52

4.6. Estratégias de tradução, p.53

4.6.1. Estratégia da compensação, p.58

5. A produção fraseográfica, p.61

6. Fraseologia no ensino de língua materna e estrangeira, p.63

Parte II

1. Introdução, p.65

2. Análise de traduções alemãs de Mia Couto, p.67

2.1. Introdução a Mia Couto, p.67

2.2. A língua de Mia Couto, p.68

2.3. Análise de estratégias de tradução, p.71

2.3.1. Equivalência, p.73

2.3.2. Literalidade, p.79

2.3.3. Recriação, p.84

2.3.4. Invenção-reconstrução, p.90

2.3.5. Tradução semântica, p.92

2.3.6. Fraseologismos não recriados, p.99

2.4. Conclusão da análise, p.101

3. Análise de uma tradução portuguesa de Bertolt Brecht, p.103

3.1. Introdução a Bertolt Brecht, p.103

3.2. O estilo de Bertolt Brecht, p.105

3.3. Análise de estratégias de tradução, p.108

3.3.1. Equivalência, p.110

- 3.3.2. Literalidade, p.117
- 3.3.3. Recriação, p.119
- 3.3.4. Invenção-reconstrução, p.121
- 3.3.5. Tradução semântica, p.123
- 3.3.6. Compensação, p.127
- 3.4. Conclusão da análise, p.132

4. Conclusão, p.134

5. Bibliografia, p.136

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Categorização e protótipos, p.31

Figura 2 – Similaridades, p.32

Figura 3 – Língua de ninguém, p.41

Figura 4 – Estratégias de tradução em Mia Couto, p.71

Figura 5 – Estratégias de tradução em Bertolt Brecht, p.108

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Terminologia, p.21

Tabela 2 – Idiomaticidade, p.24

Tabela 3 - *Vollidiomatische Phraseme*, p.25

Tabela 4 – *Teilidiomatische Phraseme*, p.26

Tabela 5 – Expressões idiomáticas, pp.45-46

Tabela 6 – Expressões idiomáticas equivalentes, p.46

Tabela 7 – Diferenças entre a metáfora e a expressão idiomática, p.49

Tabela 8 – Provérbios correspondentes, p.50

Tabela 9 – Provérbios equivalentes, p.50

Tabela 10 – Provérbios sem correspondente ou equivalente, p.51

Tabela 11 – Diferenças entre a expressão idiomática e o provérbio, p.52

Tabela 12 – Compensação, pp.59-60

Tabela 13 – Equivalência – Mia Couto, pp.73-76

Tabela 14 – Literalidade – Mia Couto, pp.79-81

Tabela 15 – Recriação – Mia Couto, pp.84-86

Tabela 16 – Invenção-reconstrução – Mia Couto, p.90

Tabela 17 – Tradução semântica – Mia Couto, pp.92-95

Tabela 18 – Fraseologismos não recriados – Mia Couto, pp.99-100

Tabela 19 – Equivalência – Bertolt Brecht, pp.110-114

Tabela 20 – Literalidade – Bertolt Brecht, p.117

Tabela 21 – Recriação – Bertolt Brecht, p.119

Tabela 22 – Invenção-reconstrução – Bertolt Brecht, p.121

Tabela 23 – Tradução semântica – Bertolt Brecht, pp.123-124

Tabela 24 – Compensação – Bertolt Brecht, pp.127-129

PARTE I

1. Introdução

Quando se ouve falar em “tradução”, pensa-se de imediato numa actividade que consiste apenas na transposição de uma mensagem de uma língua para outra. Contudo, a tradução encerra muito mais do que isso, sendo um fenómeno que está presente na nossa vida quotidiana. Berman (BERMAN: 2012, 25) afirma, por exemplo, que não existe tradução que não seja, simultaneamente, pensamento.

Os estudos da tradução têm evoluído muito ao longo dos tempos, as ideias acerca desta prática têm sofrido alterações consideráveis e os teóricos têm-se debatido com inúmeras questões no que toca à tradução. O certo é que a tradução está longe de ser uma actividade meramente mecânica.

Traduzir é, de facto, pensar e interpretar, e esta tarefa está presente em todo o acto de comunicação (STEINER: 2002, 16). Apesar de o sentido mais abrangente e mais comum do acto de traduzir englobar duas línguas, esta ideia também é válida dentro de uma só língua. Ou seja, sempre que falamos (e ainda que não estejam presentes duas línguas distintas) estamos a traduzir, pois estamos a receber e a decifrar sinais. Segundo Schleiermacher, por exemplo, estamos a traduzir quando reformulamos o nosso discurso. Ou então, se analisarmos a mesma língua em épocas diferentes, verificamos que esta varia de tal modo, que passa a ser quase uma língua distinta (SCHLEIERMACHER: 2003, 25). Nestes casos estamos perante uma tradução intralinguística.

Se passarmos para o plano da tradução interlinguística e nos perguntarmos como seria uma língua sem tradução, rapidamente chegamos à conclusão de que seria algo muito pobre, pois a tradução tem um papel fundamental no enriquecimento de uma língua (juntamente com os neologismos), através de tudo aquilo que traz para uma cultura. Na sua obra *Depois de Babel*, George Steiner afirma que não existem duas línguas que representem o mesmo mundo e a mesma realidade (STEINER: 2002, 116). Apesar de o tradutor não conseguir transpor directamente esses modos distintos de ver o mundo, tem uma função importantíssima de mediador linguístico e cultural. Steiner vê a tradução como algo indispensável e, visto que a tradução só existe devido à diversidade de línguas, esta diversidade também é fundamental para a nossa

existência. Isto porque é através da linguagem que construímos o nosso idiolecto e o nosso discurso individual, e é essa diferença que é absolutamente vital para a construção e preservação da nossa identidade (STEINER: 2002, 268). É por essa razão que a “maldição de Babel” se tornou uma bênção aos olhos de muitos teóricos e muitos tradutores, como Miguel Serras Pereira (Miguel Serras Pereira, Instituto Cervantes, Apresentação da tradução de *D.Quixote* de Cervantes). Este tradutor e autor refere, inclusivamente, que, tal como cada cultura, as línguas estão também em permanente evolução, pois enquanto inúmeras palavras caem em desuso a toda a hora, outras novas surgem e entram para o nosso vocabulário. A linguagem possui ainda a capacidade de conceptualizar o mundo e de construir novas realidades, e tal característica foi decisiva para a sobrevivência do Homem face à morte, pois foi a criação de tempos futuros e de proposições contrafactuais, tais como as que são introduzidas por “e se”, que nos permitiu ir mais além. Para além disso, somos ainda capazes de construir uma alternativa à realidade: sabemos inventar, esconder, formular hipóteses, etc.

Tudo isto se aplica, em particular, ao caso da tradução de construções fraseológicas, construções estas que oferecem ao falante a capacidade de criar novas metáforas e novas realidades, e que conseqüentemente enriquecem uma língua. Grande parte destas estruturas é muito específica de uma língua e de uma cultura, pelo que uma simples tradução literal de muitas destas unidades não faria sentido. Tendo em conta que o objecto da tradução não é a palavra, mas sim o discurso, ou seja, a língua em situação de comunicação, e que muitos dos enunciados fraseológicos não têm uma expressão equivalente na língua de chegada, a criatividade do tradutor tem um papel fundamental na sua tarefa e na resolução de inúmeros problemas de tradução. É a esta língua mediadora que Miguel Serras Pereira chama “língua de ninguém” (citado em JORGE: 2012, 71), conceito que se revela essencial na tradução de fraseologismos.

2. Questões teóricas gerais

A linguagem tem por base, não só regras livres do sistema, mas também estruturas fixas, e é precisamente a este tipo de estruturas que chamamos construções fraseológicas (ALVAREZ: 2012, 11).

É também através dos fraseologismos que as especificidades e a maneira de pensar de uma comunidade se formam. Podemos dizer que “a fraseologia é uma parte importante da história e do património de uma língua, e dos laços que a unem ao universo e ao falante através de uma herança partilhada, vinda dos confins das grandes línguas de civilização” (JORGE: 2012, 60). Ou seja, as construções fraseológicas são uma parte fundamental de uma cultura, pois são “elementos [...] de uma partilha de gerações, entre o passado e o presente, entre a língua de ontem e a língua de hoje [...] que reflectem a evolução da língua e as metáforas do passado” (JORGE: 1997, 34). Por outras palavras, podemos dizer que os fraseologismos constituem vestígios linguísticos de uma cultura, na medida em que carregam consigo parte da história de um povo. A expressão “(viver) à grande e à francesa”, por exemplo, significa viver com ostentação e tem origem na primeira invasão francesa, quando Jean-Andoche Junot chegou a Portugal com os seus trajes luxuosos (Informação retirada da revista Sol, 31 de Março de 2008).

Como sabemos, as línguas são organismos vivos e estão em constante mutação, e são também as unidades fraseológicas, a par de outros mecanismos, que concedem à língua um lado criativo, permitindo aos falantes moldar a língua consoante a sua imaginação. Daí resultam novas realidades, novas formas de ver o mundo, bem como novas metáforas.

Contudo, a fraseologia “oferece barreiras à sua própria delimitação enquanto objecto de investigação. É uma enormíssima mala de [P]andora que encerra as suas variadíssimas qualidades e defeitos...” (JORGE: 2012, 61). Isto significa que ainda não existe uma definição consensual de “fraseologia” e basta colocarmos questões como “o que é a fraseologia?” ou “quais são as categorias que se enquadram na fraseologia e quais as diferenças entre elas?” para sentirmos dificuldades em definir o conceito.

De uma forma geral, podemos dizer que a fraseologia é a área que se ocupa das unidades fraseológicas. Estas representam as expressões fixas de uma língua que têm um significado especial (PALM: 1997, 7). Tais estruturas contêm duas ou mais

palavras e sofrem um processo de lexicalização. Desta forma, o seu significado não pode ser decifrado a partir dos seus elementos individuais, mas sim através do seu todo: “tirar o cavalinho da chuva”, por exemplo, não tem o significado que o somatório das palavras constituintes da expressão possui. Porém, “a sua idiomatidade (dos fraseologismos) pode ser maior ou menor” (CHACOTO: 2012, 214). É justamente este carácter idiomático que constitui o problema da teoria e da prática da tradução, pois é extremamente difícil para um falante de uma língua estrangeira reconhecer este tipo de enunciados num texto (PALM: 1995, XI).

O certo é que existem inúmeras definições daquilo que se entende por “construção fraseológica”, bem como variadíssimas teorias acerca das categorias que constituem uma unidade fraseológica.

Para Saussure, por exemplo, a fraseologia podia ser entendida como um conjunto de factos de língua, “combinatórias sintagmáticas impostas pelo uso colectivo” (citado em JORGE: 2012, 61). Para outros teóricos, como Bally, a fraseologia faz parte da lexicologia e divide-se em duas áreas: a fraseologia popular e a fraseologia técnico-científica (JORGE: 2012, 61).

Para Fleischer, a fraseologia é “um campo de estudos que trata de grupos de palavras que se unem de forma mais ou menos fixa e cujo sentido é entendido pelo conjunto de seus componentes, sem a necessidade de compreensão de cada um dos seus elementos” (citado em ALVAREZ: 2012, 11). Isto significa que os falantes devem possuir um conhecimento semântico capaz de, entre outras coisas, decodificar uma mensagem que pode estar subentendida. As expressões idiomáticas, por exemplo, além da função denotativa, permitem aos falantes expressar sentimentos e emoções. Mas para isso, o falante tem de ser capaz de interpretar e de usar correctamente uma expressão idiomática, conhecer os aspectos socioculturais em que esta se insere, bem como as suas situações de uso.

Para Guilhermina Jorge, que combinou a definição de vários autores, “a fraseologia é uma disciplina que faz parte da lexicologia, onde cabem vários tipos de enunciados constituídos por duas ou mais palavras e que seleccionam alguns dos seguintes traços: invariabilidade sintáctica das palavras, sentido idiomático, metafórico ou moralizante, ausência de substituições paradigmáticas e consagração dos enunciados pelo uso” (JORGE: 2012, 61).

É certo que ainda não há uma teoria universal sobre a fraseologia e sobre as suas subclasses. Contudo, podemos dizer que todos os investigadores dos estudos

fraseológicos afirmam tratar-se de uma área extremamente vasta que encerra vários tipos de fenómenos linguísticos.

2.1. A fraseologia ao longo do tempo

A fraseologia, enquanto subdisciplina da lexicologia (ou se quisermos, enquanto uma disciplina linguística independente), remete para a obra *Traité de stilistique française* (1909) de Charles Bally (informação recolhida em DOBROVOL'SKIJ: 2012, 15). As suas ideias não tiveram consequências imediatas, mas foram retomadas por Viktor Vinogradov nos anos 40, e o trabalho deste autor levou à publicação de inúmeros trabalhos por parte de muitos investigadores russos. Graças à literatura soviética sobre fraseologia, o interesse por este fenómeno disseminou-se também nos Estados Unidos e na Europa (BURGER: 1982, 1).

Contudo, a fraseologia só se tornou uma área de interesse reconhecida internacionalmente a partir dos anos 70. Entre os anos 70 e 80, diversos autores publicaram as suas obras sobre fraseologia, todas elas com diferentes perspectivas sobre o tema, com diversas definições e categorizações. Algumas publicações importantes a referir são *Idiom Structure in English* de Adam Makkai (1972), para a língua inglesa, *Probleme der Phraseologie* de Harald Thun (1978), para as línguas românicas, e *Handbuch der Phraseologie* de Harald Burger, Annelies Buhofer e Ambros Sialm (1982) e *Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache* de Wolfgang Fleischer (1982), para a língua alemã (informações recolhidas em DOBROVOL'SKIJ: 2012, 17).

À medida que o interesse pela fraseologia cresceu, surgiram também inúmeras publicações sobre o assunto, realizaram-se diversas conferências e em 1999 foi criada a “EUROPHRAS” (*European Society for Phraseology*). Em 2000 foi ainda publicado o primeiro número da revista *Cadernos de Fraseoloxía Galega*. Esta revista é publicada todos os anos e conta com a colaboração de vários investigadores de todo o mundo.

Actualmente, os estudos fraseológicos trabalham com os seguintes aspectos (DOBROVOL'SKIJ: 2012, 21):

1. Classificação de fraseologismos
2. Motivação e imagem de cada enunciado.

3. Análise de fraseologismos de um ponto de vista da linguística cognitiva
4. Exploração de aspectos culturais
5. Investigação fraseológica baseada num *corpus*

2.2. Terminologia

Os investigadores dos estudos fraseológicos tentaram, ao longo dos anos, encontrar uma terminologia consensual para classificar os vários tipos de enunciados que fazem parte da fraseologia. Contudo, uma grande parte da problemática da definição de “fraseologia” e das respectivas subclasses gira em torno da falta de coerência terminológica entre os vários autores. Para circunscrever a área que estuda as expressões fixas, são utilizados vários conceitos, o que também acaba por denunciar o facto de este campo ser bastante recente.

A terminologia utilizada actualmente varia entre termos oriundos da palavra *phrasis* (gr.lat.), “expressão discursiva”, da qual derivam designações de conceitos como *Phraseologie* (fraseologia) e *Phraseologismus* (fraseologismo), e termos vindos de *idiōma* (gr.), “particularidade”, da qual resultam expressões como *Idiom*, *Idiomatizität* (idiomaticidade), etc. É de referir que, neste trabalho, as palavras *Idiom* (alemão) e *idiom* (inglês) não serão traduzidas para o português, devido a toda a complexidade terminológica que estas encerram. Contudo serão aqui utilizadas enquanto conceitos abrangidos pelo hiperónimo “fraseologismo”.

Terminologia		
Alemão	Português	Inglês
Phrasem/Phraseologismus	Fraseologismo	Phraseme/Set phrase
Idiom	Fraseologismo	Idiom
Phraseologische Einheit	Unidade/construção fraseológica	Phraseological unit/expression
Redensarten/Redewendungen/idiomatische Ausdruck	Expressões idiomáticas	Idiomatic expressions
Spruchwort	Provérbio	Proverb/Saying

Tabela 1 - Terminologia

Acontece que a palavra *Phraseologismus* (fraseologismo), por exemplo, pode designar uma subclasse da fraseologia, ou seja, pode ser um sinónimo de *Idiom*, ou pode designar um termo mais genérico, onde se inserem várias construções, excepto os provérbios. A seguinte questão também pode ser colocada: será que as estruturas paremiológicas (provérbios) fazem parte da fraseologia? Alguns investigadores russos falam separadamente de fraseologia e de paremiologia, apesar de a paremiologia fazer parte dos fenómenos fraseológicos. Contudo, existem outros autores, como Harald Burger, que deixam essa dicotomia de lado, não utilizando o termo “paremiologia” (a não ser quando se referem especificamente a essa categoria).

Harald Burger (BURGER: 2007, 2) fala, inclusivamente, da fraseologia num sentido mais restrito, que só engloba as estruturas com sentido idiomático inferiores ao nível da frase (como as expressões idiomáticas), e num sentido mais amplo, levando em conta também as colocações e os provérbios, que, como veremos posteriormente, representam entidades textuais autónomas. Christine Palm (PALM: 1995, 1-3), também fala da fraseologia *im engeren Sinne* e *im weiteren Sinne*, incluindo na primeira categoria as expressões idiomáticas e na segunda as seguintes construções:

- Provérbios: *Ein Unglück kommt selten allein* (“Uma desgraça nunca vem só”)
- *Sagwörter* ou *Wellerismen*: Representam enunciados semelhantes aos provérbios. Contudo, estas construções não possuem uma função moralizante e são constituídas por três partes, nomeadamente o “dito”, a indicação de quem o profere, bem como a acção do falante (FLEISCHER: 1997, 78).

Exemplo: *Was sich liebt, das neckt sich, sagte die Katze und fraß die Maus.*

- *Geflügelte Worte*: Consistem em citações com uma fonte concreta que se tornam consagradas pelo uso e reconhecidas pelo falante/leitor.

Exemplo: *Carpe diem!* (Horácio, *Odes*)

- *Lehnspruchwörter*: Englobam enunciados originários, não da sabedoria popular, mas sim da literatura grega e romana, bem como da Bíblia.

Exemplo: *Mens sana in corpore sano* (“*Ein gesunder Geist in einem gesunden Körper*”/“Mente sã em corpo são”) ou *Omnia vincit amor* (“*Alles überwindet die Liebe*”/“O amor tudo vence”).

Actualmente, os investigadores da área da fraseologia utilizam cada vez mais a expressão *Phrasem* em alemão ou *phraseme* em inglês. Contudo, também este termo levanta certos problemas, pois, segundo a terminologia de alguns autores ingleses, *phraseme* pode ser sinónimo de *idiom* enquanto termo genérico para todos os fraseologismos. Porém, para outros autores, um *idiom* é justamente uma subclasse de um *phraseme*. De facto, o termo *phraseme* ou *Phrasem* poderia ser introduzido como termo genérico. Porém, tendo em conta o domínio da língua inglesa enquanto língua de artigos científicos, e visto que os autores ingleses não tendem a usar a palavra *phraseme*, Harald Burger (BURGER: 2007, 2) propõe uma alternativa: utilizar como termo genérico (*Oberbegriff*) a expressão *set phrase* no caso da língua inglesa, enquanto sinónimo de *Phraseologismus*. Dentro deste conceito, surgem categorias como *collocations* (*Kollokationen*/colocações), *idioms* (*Idiome*), *proverbs* (*Sprichwörter*/provérbios), etc.

Em geral, podemos dizer que as categorias de fraseologismos a definir dependem sempre da escolha do termo genérico, mas os problemas surgem quando o *Oberbegriff* colide com o termo utilizado para designar as subclasses. Vinogradov por exemplo distinguiu três tipos de fraseologismos (informações recolhidas em DOBROVOL'SKIY: 2012, 16):

- *Frozen idioms*: fraseologismos não-motivados, cujo significado não deriva do sentido dos seus elementos individuais.
- *Motivated idioms*: fraseologismos motivados e com transparência semântica.
- *Restricted collocations*: colocações cujo sentido pode ser decodificado a partir dos seus elementos individuais

Cowie, por sua vez, utiliza o termo *set phrase* como termo genérico, e *pure idiom*, *figurative idiom* e *collocation* como subclasses (informações recolhidas em BURGER: 2007, 3). Já Moon utiliza apenas o conceito de *phraseology* para designar a classe principal onde se inserem *idioms* e *set phrases* (informações recolhidas em BURGER: 2007, 3). Para outros investigadores, não há um termo genérico para categorizar os diferentes enunciados fraseológicos e utilizam apenas *phraseologische Erscheinung* (“fenómeno fraseológico”) para designar o conceito que abrange os *Phraseme* e os provérbios (*Sprichwörter*).

Como podemos ver, um consenso terminológico está longe de ser alcançado entre os vários autores. Isto também se deve ao facto de os fraseologismos serem classificados consoante inúmeros aspectos por parte dos vários investigadores: existem classificações semânticas, lexicais, morfológicas, ligadas à motivação, à idiomaticidade, à estabilidade etc. Existe também uma abordagem cognitiva da fraseologia, que se tem revelado muito útil nos últimos anos e que merecerá a minha atenção mais adiante.

Neste trabalho, o termo “fraseologia” vai ser utilizado para designar a área que estuda as unidades fraseológicas. Também vou utilizar “construção fraseológica” e “fraseologismo” como sinónimo de “unidade fraseológica”, de *idiom* e *phrase* do inglês e de *Idiom* e *Phrasem* do alemão. Além disso, apesar de alguns autores utilizarem separadamente os termos “paremiologia” e “fraseologia”, não vou fazer esta distinção, e vou considerar toda esta área como “fraseologia”.

2.3. Idiomaticidade

Como já foi referido, o significado de uma unidade fraseológica não pode ser retirado do sentido dos diferentes elementos que a constituem, pois cada fraseologismo tem um significado próprio. Isto implica uma alteração semântica do conjunto de palavras, e por idiomaticidade entende-se justamente essa capacidade de transformação. Glasser define a idiomaticidade como a “tendência que as frases têm de adoptar significados que transcendem o significado das suas partes” (citado em MARTINS: 2009, 25). Wolfgang Fleischer dá os seguintes exemplos para ilustrar este fenómeno (informações recolhidas em PALM: 1997, 9):

Fraseologismo alemão	Tradução
<i>Gustav hat bei seinem Vater ein Auto in der Garage</i>	O Gustav tem um carro na garagem em casa do pai
<i>Gustav hat bei seinem Vater einen Stein im Brett</i>	O Gustav é amado pelo seu pai

Tabela 2 – Idiomaticidade

No primeiro caso, temos uma frase, cujo significado resulta do significado de cada um dos componentes (*Gustav hat bei seinem Vater ein Auto in der Garage*). Contudo, o sentido do segundo enunciado passa pelo conjunto que engloba todos os elementos (*Gustav hat bei seinem Vater einen Stein im Brett*) e se apresentássemos esta construção a um falante não nativo, este teria alguma dificuldade em decifrar o seu significado por se tratar de um fraseologismo, ou seja, de uma expressão fixa.

Há diversas classificações de fraseologismos quanto à sua idiomaticidade, pois esta difere em grau. Ou seja, a idiomaticidade das unidades fraseológicas pode ser maior ou menor.

Segundo a classificação de Christine Palm (PALM: 1997, 12) existem:

1. *Vollidiomatische Phraseme*, que englobam os fraseologismos menos transparentes e cujos componentes sofreram uma transformação semântica, ou seja, enunciados em que o grau de idiomaticidade é mais elevado.
2. *Teilidiomatische Phraseme*, onde se incluem os fraseologismos que podem também ser interpretados de uma forma literal. Logo, o seu grau de idiomaticidade é menor.

Vollidiomatische Phraseme:

Exemplo	Contexto	Significado	Equivalente
<i>Bahnhof verstehen</i>	<i>Ich verstehe immer nur Bahnhof.</i>	Não perceber nada	“não perceber patavina”
<i>vom Fleische gefallen sein</i>	<i>Du fällst noch vom Fleisch, wenn du nur so wenig ißt.</i>	Ser magro	“ser pele e osso”
<i>jm. zu schaffen machen</i>	<i>Ihre Tochter macht ihnen schwer zu schaffen.</i>	Dar grandes preocupações a alguém	“dar que fazer a alguém”
<i>mit jm. noch ein Hühnchen zu rupfen haben</i>	<i>Mit dem habe ich noch ein Hühnchen zu rupfen.</i>	Ter assuntos ou questões para resolver com alguém	“ter contas a ajustar com alguém”

Tabela 3 – *Vollidiomatische Phraseme*

Teilidiomatische Phraseme:

Exemplo	Contexto	Significado	Equivalente
<i>einen Kater haben</i>	<i>Was für einen Kater ich am nächsten Morgen hatte.</i>	Sentir os efeitos da recuperação da ingestão excessiva de álcool	“estar de ressaca”
<i>den Teufel nicht an die Wand malen</i>	<i>Mal’ den Teufel nicht an die Wand!</i>	Dizer/fazer alguma coisa que indique que algo pretendido não vai acontecer	“que o diabo seja cego, surdo e mudo” “não digas isso nem a brincar”
<i>auf der Straße liegen</i>	<i>Wenn du nachher auf der Straße liegst, ist es zu spät.</i>	Estar desempregado	“estar no olho da rua”
<i>einen dicken Hund haben</i>	<i>Der hat mal wieder einen dicken Hund, was?</i>	Ter um bom jogo/ grandes probabilidades de ganhar	“ter uma boa mão”
<i>jm. den Kopf waschen</i>	<i>Die Mutter hat dem Jungen den Kopf gewaschen.</i>	Convencer alguém da sua opinião	“fazer uma lavagem ao cérebro” “fazer a cabeça a alguém”

Tabela 4 – Teilidiomatische Phraseme

2.4. Estabilidade

A estabilidade (*Stabilität*, *Festigkeit* ou *Fixiertheit*) também é um critério com base no qual muitos autores estabelecem a sua classificação de fraseologismos, e pode ser vista segundo vários aspectos.

Há casos em que a estabilidade do fraseologismo é mais elevada e em que os seus elementos lexicais não podem ser substituídos sem que o significado do enunciado se altere (BURGER:1982, 2). Na expressão *ins Gras beißen* (“morrer”), por exemplo, não podemos substituir o verbo “*beißen*” por outro verbo como “*fallen*”, sem que o significado do fraseologismo varie, pois o enunciado *ins Gras fallen* nada tem que ver com “morte”.

A verdade é que existem fraseologismos mais fixos do que outros, havendo também construções fraseológicas para as quais a alteração de elementos lexicais não tem efeitos tão restritivos. A expressão *auf die schiefe Bahn geraten* (“seguir por maus caminhos”) pode ter várias formas: *auf die schiefe Bahn kommen*, *auf die abschüssige Bahn geraten/kommen* ou *auf die schiefe/abschüssige Ebene geraten/kommen* (BURGER:1982, 3).

Vejamos ainda a expressão “atirar areia para os olhos”: não podemos substituir a palavra “areia” ou “olhos”, sem que este fraseologismo perca o seu verdadeiro significado: “atirar pó para os olhos” ou “atirar areia para o braço” não significa tentar enganar alguém. Contudo, no plano morfológico, podemos alterar, por exemplo, a forma verbal, sem que o sentido da unidade fraseológica se perca: “ele queria atirar-me areia para os olhos” ou “tu só me atiras areia para os olhos”.

É importante referir ainda que os provérbios, enquanto entidades textuais autónomas, têm uma estabilidade mais elevada do que as expressões idiomáticas. O provérbio “Em terra de cego, quem tem um olho é rei”, por exemplo, não permite quaisquer alterações lexicais ou morfológicas e caso alterássemos um elemento num enunciado deste género, essa construção deixaria de fazer sentido enquanto provérbio e enquanto expressão fixa da língua portuguesa.

2.5. A fraseologia e as várias áreas científicas

A linguística não é a única área com interesse científico no fenómeno da fraseologia. Existem muitas outras ciências que direccionaram a sua atenção para vários aspectos dos estudos fraseológicos, pelo que podemos dizer que a fraseologia possui um carácter transdisciplinar.

Os investigadores da cultura popular, por exemplo, interessaram-se pela paremiologia, um ramo da fraseologia que estuda estruturas paremiológicas, sobretudo provérbios. Isto porque este tipo de fraseologismos ajuda a reconstruir a cultura e a história de um povo. Além disso, os provérbios (e as expressões idiomáticas) são uma prova da riqueza e da capacidade criadora de uma língua.

Actualmente, a investigação de cultura popular (*Volkskunde*) ocupa-se da função dos fraseologismos na comunicação. Também a etimologia se interessa por aspectos da fraseologia, na medida em que estuda questões ligadas ao significado e à origem destas construções.

Por sua vez, o interesse da sociologia e da sociolinguística pela fraseologia prende-se com a estratificação social e linguística, bem como com questões relacionadas com estereótipos. Segundo Quasthoff *“ein Stereotyp ist der verbale Ausdruck einer auf soziale Gruppen oder einzelne Personen als deren Mitglieder gerichteten Überzeugung. Es hat die logische Form eines Urteils, das in ungerechtfertigt vereinfachender und generalisierender Weise, mit emotional wertender Tendenz, einer Klasse von Personen bestimmte Eigenschaften oder Verhaltensweisen zu- oder abspricht. Linguistisch ist es als Satz beschreibbar”* (citado em BURGER: 1982, 8).

As seguintes frases representam exemplos de estereótipos:

- Os alemães são frios
- Os homens não choram
- Os indivíduos de raça negra são bons atletas
- Os jogadores de futebol são incultos
- Os italianos não são pontuais

Apesar de um estereótipo ser um enunciado colectivo pré-concebido, não é, segundo Harald Burger (BURGER: 1982, 8) uma expressão fixa e não apresenta as características de uma construção fraseológica.

Desde cedo que a psicologia e a psiquiatria também se interessaram pelo fenómeno da fraseologia. Podemos dar como exemplo Sigmund Freud, que, segundo Harald Burger (BURGER: 1982, 9), estudou enunciados fraseológicos dos discursos dos seus pacientes. Actualmente, algumas das questões com as quais a psicolinguística se ocupa são as seguintes: como é que as expressões idiomáticas são armazenadas e de que forma é que estas são processadas pelo receptor e utilizadas pelo falante? E será que estas estruturas estão associadas a mecanismos psicolinguísticos especiais?

Por último, a pedagogia ocupa-se sobretudo com a pergunta “a partir de que idade é que as crianças compreendem fraseologismos?”. A verdade é que o conceito de “fraseologia” ainda não é muito usado na relação de ensino-aprendizagem e em programas de formação de professores de língua materna ou estrangeira. Contudo, um dos avanços promissores no ensino de línguas prende-se com os estudos fraseológicos, pois conhecer profundamente uma língua implica conhecer as construções fraseológicas da mesma, assim como o conhecimento de fraseologismos implica o conhecimento da língua.

Em suma, podemos falar de um carácter transdisciplinar da fraseologia. Porém, os mais variados aspectos ligados a esta área carecem ainda de muito trabalho e pesquisa.

3. Linguística cognitiva

A linguística cognitiva¹ surgiu nos finais da década de 70 e princípios da década de 80. Foi desencadeada pelo interesse acerca da significação e pela investigação de vários autores como Lakoff, que em 1980 escreveu a obra *Women, fire and dangerous things*. Com a criação da *International Cognitive Linguistics Association* e da revista *Cognitive Linguistics*, dirigida por Dirk Geeraerts, torna-se oficialmente uma ciência autónoma. Alguns autores a destacar nesta área são: George Lakoff, Zoltán Kövecses, Charles Forceville, Andrew Goatly, Pamela Faber, L. Brandt e P. A. Brandt.

A linguística cognitiva é uma abordagem da linguagem relacionada com a experiência humana do mundo, segundo a qual existe uma relação estreita entre o significado e a realidade, e as categorias linguísticas representam o ambiente que nos rodeia. Por outras palavras, a linguística cognitiva rejeita a ideia da autonomia da linguagem, isto é, a separação entre o nosso conhecimento semântico e o nosso conhecimento extra-linguístico e “interessa-se sobretudo pelo conhecimento através da linguagem e procura saber como é que esta contribui para o conhecimento do mundo” (SILVA: 1997, 61). Isto porque a linguagem não reflecte a realidade de uma forma objectiva, mas impõe antes uma estrutura no mundo, de forma a interpretá-lo e a construí-lo. “As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autónomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual” (SILVA: 1997, 59).

A linguística cognitiva não é formal e atribui mais importância a aspectos semânticos e funcionais. Para além disso, desenvolve uma análise com base na observação do uso linguístico.

As bases filosóficas ligadas à linguística cognitiva são o experiencialismo e o paradigmatismo. Segundo a primeira perspectiva, a cognição é determinada pela nossa experiência corporal individual e pela experiência colectiva, social e cultural. Segundo o paradigmatismo, a interpretação e a aquisição de novas experiências baseiam-se na adaptação de conceitos e categorias que já existem.

Actualmente, as principais questões da linguística cognitiva estão relacionadas

¹ O conteúdo dos pontos 3. e 3.1. foi, na sua maioria, retirado de um trabalho académico realizado por mim em 2013 durante o Mestrado de Tradução, no seminário de Língua, Cultura e Tradução.

com a categorização e com os protótipos, com os modelos cognitivos idealizados, com os domínios, com os *frames*, com os esquemas imagéticos e com as metáforas e metonímias.

Após uma breve introdução à linguística cognitiva, veremos como tudo isto se aplica à tradução de fraseologismos.

a) A categorização e os protótipos

A categorização é o “processo mental de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades como membros de uma categoria” (SILVA: 1997, 64) e baseia-se em protótipos. Os membros ou as propriedades de uma categoria podem ser prototípicos ou periféricos e agrupam-se por similaridades parciais (características). A prototipicidade não se reduz a uma única característica, mas engloba várias características e vários fenómenos.

Exemplo: Categoria AVES



Figura 1 – Categorização e protótipos

Na zona central da categoria encontra-se o protótipo, que é influenciado pela cultura. Neste caso, tendo em conta a cultura portuguesa urbana, seleccionei o >pombo<. No entanto, devemos estar cientes de que há uma variação da conceptualização entre culturas. Por exemplo, na cultura americana, o >pardal< surgiria como protótipo da categoria AVES. As similaridades desta categoria são as seguintes: “animais que voam”, “homeotérmicos”, “ovíparos”, “com o corpo coberto de penas”, “com um bico córneo” e “ossos pneumáticos”. AVES como por exemplo o >pinguim< e a >avestruz< são colocadas na periferia da categoria, pois não partilham todas as similaridades com o protótipo: “não voam”.

Segue-se um esquema para exemplificar os limites imprecisos entre categorias, nomeadamente entre a categoria AVES, cujo protótipo é o >pombo<, e a

categoria MAMÍFEROS, cujo protótipo podemos considerar o >cão< na perspectiva da cultura portuguesa urbana.

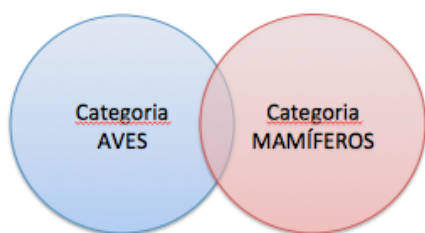


Figura 2 – Similaridades

Na zona de intersecção está o >morcego<, que é um MAMÍFERO. As similaridades desta categoria são: “animais cobertos de pêlo”, “que amamentam as crias através de glândulas mamárias”, “com focinho” e “com dentes”. No entanto, o animal referido partilha traços com as aves, porque voa, e como é de conhecimento geral, o morcego é o único mamífero capaz de voar.

Estruturar categorias na base dos protótipos é eficiente, pois, por um lado é flexível pelo facto de se adaptar a vários contextos, bem como pelo facto de integrar novas entidades, entidades estas que podem ser colocadas em zonas mais ou menos periféricas. Por outro lado, as categorias estruturadas na base da prototipicidade são estáveis, pois não nos obrigam a criar nem a redefinir categorias para a interpretação de novas experiências. Isto resulta em categorias linguísticas polissémicas e na mudança dos significados das palavras numa perspectiva diacrónica.

b) Modelos cognitivos idealizados

Quando falamos de um modelo cognitivo, estamos a falar de um conhecimento idealizado de forma individual, mas que também pode ser partilhado pelos membros de uma comunidade. É neste contexto que surgem as categorias já referidas anteriormente, pois os modelos cognitivos estão sempre presentes no acto de categorização. Os modelos cognitivos associam-se normalmente em redes. Por exemplo, o modelo cognitivo “viagem”, está relacionado com várias situações, tais como férias, descontração, experiências novas, conhecimento de novas culturas, etc. É importante referir ainda que há modelos cognitivos estritamente culturais, como por exemplo os dias da semana, que podem variar de cultura para cultura, e há diferentes

conceitos na linguística cognitiva para “realçar determinados aspectos destas estruturas de conhecimento” (SILVA: 1997, 75), como por exemplo o domínio e o *frame*.

c) Domínios:

Os domínios são representações concretas da experiência, ou seja, são estruturas do conhecimento. São idealizados, na medida em que temos a capacidade de nos adaptarmos à representação de outra realidade. Contudo, segundo Pamela Faber (FABER: 2012, 53), ainda não há uma definição satisfatória de “domínio”. Os domínios semânticos não são definitivos, mas sim uma forma de procurarmos responder à questão de como estruturamos e distribuímos a nossa experiência do mundo.

Segundo P.A. Brandt (informações recolhidas em PEPERA: 2012, 20) existem os seguintes domínios básicos:

D1 – Domínios físicos

D2 – Domínios culturais/sociais (hábitos)

D3 – Construções mentais

D4 – Comunicação

d) Frames:

Na alínea “categorização e protótipos” já vimos a forma como é feito o mapeamento cognitivo das similaridades entre os elementos das várias categorias. Contudo, estas não são suficientes para representar o nosso conhecimento do mundo. Consequentemente, Fillmore introduziu a noção de *frame* para designar estruturas de conhecimento partilhado “relacionadas com determinadas situações de interacção” (informações recolhidas em SILVA: 1997, 76).

Os *frames* incluem as categorias, mas abrangem muito mais do que isso: são representações idealizadas, ou seja, produtos da nossa imaginação. São também culturais e dependem de uma determinada época. Além disso, o significado de uma palavra depende do tipo de *frame* em que esta está incluída. Por exemplo, quando ouvimos a expressão “ir ao café” activamos o *frame* de um estabelecimento, no qual o

consumidor entra, faz um pedido, o empregado serve o consumidor, o cliente consome o que pediu, paga e sai do estabelecimento. Aqui é relativamente simples compreender que no século XXI, o *frame* no qual se inclui a expressão “ir ao café” é diferente do *frame* do século XVIII, época na qual o café (estabelecimento) constituía um local de discussão política do mundo masculino e no qual as mulheres não estavam autorizadas a entrar.

Os *frames* impõem uma perspectiva sobre uma situação: se dissermos “A Maria é poupada” e “A Maria é forreta”, estamos a afirmar que a Maria não gosta de gastar dinheiro. Porém, estamos perante duas perspectivas distintas, tendo a primeira uma conotação positiva e a segunda uma conotação negativa.

e) Esquemas imagéticos:

Uma das noções essenciais na linguística cognitiva é a seguinte: a maior parte do nosso conhecimento não é estático, mas sim “estruturado por padrões dinâmicos e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objectos e de interações – os chamados esquemas imagéticos” (SILVA: 1997, 72). Por outras palavras, os esquemas imagéticos são estruturas de natureza espacial ligadas à nossa experiência sensorial e motora.

Os esquemas imagéticos mais frequentes são: contentor, percurso, força/contraforça, parte/todo, cima/baixo, centro/periferia, dentro/fora, proximidade/distância, superior/inferior, etc. O contentor identifica-se com o nosso próprio corpo, na medida em que separa o espaço interior do espaço exterior através de uma barreira, mas também com estruturas construídas pelo homem, como por exemplo, edifícios.

Ao contrário dos domínios, os esquemas imagéticos são representações abstractas da experiência humana e têm um papel fundamental na metáfora, no conhecimento, no pensamento, na estruturação dos domínios e na conceptualização de categorias.

3.1. Metáforas e metonímias conceptuais

A metáfora e a metonímia são tradicionalmente consideradas figuras de estilo utilizadas na linguagem literária. Contudo, não representam apenas fenómenos

literários ou retóricos. A metáfora e a metonímia estão presentes na nossa linguagem corrente e constituem formas de extensão semântica. Como sabemos, uma língua é uma representação subjectiva inserida numa comunidade, e cada uma tem a sua cultura e a sua ideologia, que influenciam a própria língua a diversos níveis.

As metáforas e metonímias lexicalizadas são as mais importantes para a linguística cognitiva. São fenómenos conceptuais e constituem modelos cognitivos importantes. Contudo, existe uma diferença entre a metáfora e a metonímia: enquanto a metáfora envolve domínios cognitivos diferentes, a metonímia realiza-se dentro do mesmo domínio.

Estudos mostram que conceptualizamos muitos domínios da experiência através de metáforas conceptuais e transpomo-los para outros domínios: AMOR É FOGO. A metáfora não é somente uma extensão semântica de uma categoria para outra categoria de um domínio distinto (neste caso do domínio do fogo para o do amor). Envolve também uma relação entre a estrutura de dois domínios da experiência e também todo o conhecimento que faz parte desses domínios. A metáfora tende também a ser unidireccional: conceptualizamos domínios abstractos a partir de domínios concretos. Ou seja, a conceptualização de categorias abstractas baseia-se na nossa experiência concreta do dia-a-dia. As imagens metafóricas pressupõem ainda esquemas imagéticos que espelham experiências do mundo físico e são também fundamentais para a conceptualização de muitos domínios.

Vários autores apresentaram as suas ideias relativamente à metáfora e à metonímia. A definição mais abrangente de metáfora remete para a teoria de Lakoff e Johnson (informações recolhidas em ALMEIDA: 1999, 3). Esta ideia baseia-se no significado etimológico da palavra “metáfora”, que significa “transposição”, ou seja, uma metáfora é uma transposição de um domínio cognitivo para outro: “*The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of things in terms of another*” (citado em ALMEIDA: 1999, 3). Também Foley (1997) retomou a noção de transporte semântico: “*All metaphors are the construal of something as partaking in part of the features of something else*” (citado em ALMEIDA: 1999, 4).

Lakoff revolucionou o conceito de metáfora e metonímia com o livro *Metaphors we live by*. Segundo este autor, metáfora e metonímia são modelos cognitivos do nosso sistema conceptual, modos de pensar e de falar, tanto na linguagem corrente como no discurso científico. São processos baseados na

experiência humana, responsáveis quer pela estruturação do pensamento, da linguagem e da acção, quer pela inovação conceptual.

Andrew Goatly analisa também em *Washing the brain* a interacção metáfora-metonímia nas emoções. Este autor mostra-nos que a emoção é uma resposta física a um estímulo. Ou seja, há uma relação entre a resposta do corpo e a emoção. Para Goatly, o mapeamento metafórico pressupõe conceptualmente o mapeamento metonímico prévio. As metáforas conceptuais podem ser baseadas em relações metonímicas. Contudo, não são universais, devido a variações culturais, variações estas que evidenciam o efeito da cultura e da ideologia na metáfora, no nosso pensamento e na nossa linguagem.

Apesar de haver divergências quanto a alguns aspectos (como por exemplo os domínios) entre os investigadores da linguística cognitiva, há pontos comuns a todos os teóricos deste ramo, nomeadamente a existência de dois domínios cognitivos diferentes que interagem. Por outras palavras, partimos da informação que já temos sobre um domínio (domínio de partida) para chegarmos a um novo domínio desconhecido (domínio de chegada) e estabelecemos relações entre ambos. Os domínios de partida baseiam-se sobretudo nas experiências do mundo físico, enquanto os domínios de chegada são mais abstractos. Isto significa que a conceptualização dos domínios de partida passa sempre pelo corpo humano.

3.2. A linguística cognitiva e as construções fraseológicas

A linguística cognitiva tem-se revelado útil no estudo de inúmeros fenómenos linguísticos, incluindo as construções fraseológicas. A maior parte das construções fraseológicas é baseada em metáforas e metonímias conceptuais e, aparentemente, o significado de alguns fraseologismos é determinado por um domínio fonte, que é aplicado ao domínio alvo.

Como foi referido anteriormente, os fraseologismos são tradicionalmente definidos como expressões de duas ou mais palavras e cujo significado não pode ser decodificado através dos seus componentes individuais e, apesar de a linguística cognitiva concordar com esta abordagem, confronta-nos com a ideia de haver uma

motivação por detrás de grande parte dos fraseologismos. Ou seja, muitos fraseologismos são produtos do nosso sistema conceptual e não meras expressões com um significado particular, pois as construções fraseológicas resultam do nosso conhecimento do mundo. Por outras palavras, grande parte dos fraseologismos tem uma natureza conceptual e não puramente linguística (KÖVECSES: 1996, 337).

Se for esse o caso, realmente o significado dos fraseologismos não é, de todo, arbitrário, noção esta que vai contra a abordagem tradicional das estruturas fraseológicas. Contudo, é importante referir que a ideia de que muitos fraseologismos são motivados, não significa que sejam completamente previsíveis, pois segundo Kövecses (KÖVECSES: 1996, 330) a motivação (mecanismo cognitivo que liga os domínios de conhecimento ao significado do fraseologismo) é um conceito muito mais “fraco” do que a previsibilidade. Além disso, nem todos os fraseologismos são motivados ou previsíveis em termos semânticos.

Retrocedendo um pouco e voltando aos domínios, a função do domínio fonte, domínio este que é familiar e físico, é dar a conhecer de uma forma mais exacta o domínio alvo, que é um domínio mais abstracto. Observemos os seguintes fraseologismos com a palavra *Feuer*:

1 – *Du spielst mit dem Feuer*

2 – *Mensch, die hat Feuer im Hintern*

3 – *Erst neulich, hat er Feuer gefangen*

4 – *Jetzt soll er die Sache wieder aus dem Feuer reißen*

Nestes casos, o domínio do fogo é utilizado para explicar inúmeros conceitos abstractos, como por exemplo emoções, e a motivação semântica de certos fraseologismos pode ser analisada através de metáforas conceptuais da seguinte forma: a expressão *Du spielst mit dem Feuer* (“estás a brincar com o fogo”) é utilizada quando queremos designadamente alertar alguém de um perigo. Portanto, o domínio do fogo é utilizado para compreender melhor o domínio do perigo. Daqui resulta então a metáfora conceptual PERIGO É FOGO.

A segunda expressão, por exemplo (*Mensch, die hat Feuer im Hintern*) tem como equivalente em português “ter sangue na guelra”, que significa ter força ou vitalidade. A metáfora conceptual que podemos retirar do fraseologismo alemão é VITALIDADE É FOGO.

No caso de *Erst neulich, hat er Feuer gefangen*, esta expressão significa “ficar entusiasmado”. Logo, a metáfora conceptual é ENTUSIASMO É FOGO.

Finalmente, podemos construir a metáfora conceptual CONFLITO É FOGO a partir do fraseologismo *Jetzt soll er die Sache wieder aus dem Feuer reißen*, que significa “salvar uma situação”.

Contudo, é de referir que a metáfora conceptual não é o único meio de motivação dos fraseologismos: há que ter em conta também as metonímias conceptuais e o nosso conhecimento. Por conhecimento entenda-se a informação que possuímos acerca de uma determinada cultura dentro de um determinado domínio. Por exemplo, o significado do fraseologismo *jn. mit offenen Armen empfangen* (“receber alguém de braços abertos”) pode ser entendido através do conhecimento que temos sobre gestos e comportamentos convencionais e típicos da cultura em que estamos inseridos, pois quando gostamos de algo ou de alguém ou quando queremos alguma coisa, agarramo-la com as duas mãos. Na cultura portuguesa, inclusivamente, abrir amplamente os braços pode também ser um sinal de grande alegria ou entusiasmo.

Concluindo este capítulo, podemos dizer que estas metáforas conceptuais funcionam, portanto, como um elo de ligação entre o domínio concreto e o domínio abstracto e são os elementos que nos mostram porque é que os fraseologismos têm o significado que têm. Ou seja, as metáforas conceptuais mostram que muitos dos enunciados fraseológicos são motivados. É evidente que tudo isto não implica que todas as expressões linguísticas baseadas em metáforas conceptuais sejam fraseologismos, contudo, o número de unidades fraseológicas que resultam de metáforas conceptuais parece ser bastante elevado.

4. A tradução de construções fraseológicas

Podemos dizer que a tradutologia (estudos de tradução ou estudos sobre tradução) é uma disciplina recente que trata da teoria e da prática da tradução, sobretudo da forma como a tradução se processa e das estratégias a que o tradutor recorre (CHACOTO: 2012, 215).

A tradução de construções fraseológicas, em particular, é um tema bastante complexo e é uma área que representa uma dificuldade extrema para o tradutor, pois acarreta problemas de várias naturezas, como por exemplo a polissemia, a transparência/opacidade dos enunciados, a diferença de representações da realidade, etc. Além disso, trata-se de um tema relativamente recente, que, por não estar bem definido, estabelece ainda “áreas de resistência à tradução e [...] oferece também barreiras à sua própria delimitação enquanto objecto de investigação” (JORGE: 2012, 61). Ou seja, não há uma teoria universal sobre a fraseologia nem um consenso quanto à definição deste conceito, logo, a sua relação com a tradução torna-se ainda mais complicada. Basta colocarmos questões como “o que é a fraseologia?”, “onde é que a fraseologia se insere enquanto campo de investigação?” ou “serão os provérbios (unidades paremiológicas) construções fraseológicas?” para provar que estamos perante um campo extremamente difícil de delimitar.

As categorias da fraseologia que irei abordar neste trabalho são essencialmente a expressão idiomática e o provérbio, e, para procedermos à tradução destes fraseologismos, é importante percebermos a diferença entre elas, pois, por representarem estruturas diferentes, representam dois campos distintos para a tradução. Logo, a expressão idiomática e o provérbio exigem estratégias de tradução e abordagens teóricas distintas. Isto significa que as ferramentas a utilizar pelo tradutor devem ser pensadas consoante o tipo de fraseologismo com o qual está a trabalhar.

Segundo Guilhermina Jorge, a “tradução de construções fraseológicas deve partir da análise de *corpora*” (JORGE: 2012, 71). Esta é uma análise extremamente importante para chegar a uma teoria universal sobre a fraseologia, baseada numa reflexão sobre a tradução destes enunciados, pois só assim é que podem ser definidas estratégias teóricas.

Já sabemos que a fraseologia é uma parte fundamental da história de uma língua e de uma cultura e é este tipo de estruturas que concede à língua o seu lado criativo, pois permite ao falante criar novas realidades e novas metáforas. Contudo,

muitos fraseologismos reflectem características muito específicas de uma cultura, o que levanta diversos problemas ao tradutor, principalmente quando a cultura de partida difere em larga escala da cultura de chegada (MARTINS: 2009, 5). É neste ponto que a criatividade do tradutor se revela extremamente importante na tradução de fraseologismos, pois por vezes deparamo-nos até com aspectos de incompatibilidade entre culturas, já para não referir conceitos ditos “intraduzíveis”, uma vez que há autores que são da opinião de que nada é intraduzível e que tudo depende antes “de um maior ou menor grau de dificuldade ou parafraseamento” (MARTINS: 2009, 5).

Tendo em conta que os enunciados fraseológicos, na maior parte dos casos, não podem ser traduzidos de uma forma literal, a tarefa do tradutor torna-se fundamental, pois é ele que assume o papel de mediador entre as duas línguas e culturas em questão. É certo que muitas expressões idiomáticas e muitos provérbios da língua A têm um equivalente ou até mesmo um correspondente na língua B, e a verdade é que quanto mais próximas forem as duas línguas e as duas culturas, mais probabilidade há de se encontrar facilmente uma tradução. Contudo, nem sempre é o caso. As expressões idiomáticas, principalmente, tendem a ser, como já foi referido, muito específicas de uma determinada cultura, logo, para muitas não há sequer uma expressão equivalente. O que deve o tradutor fazer então nesses casos? Aliás, o que deve fazer, por exemplo, um tradutor de Mia Couto? Como sabemos, este autor moçambicano é conhecido pelas suas recriações, pelos seus jogos de palavras e por brincar com fraseologismos. Posteriormente, na parte prática, analisarei estes casos em particular, mas vejamos um exemplo: Mia Couto altera a expressão “custar os olhos *da* cara” para “custar os olhos *e* a cara” na obra *A Varanda do Frangipani*. Como deve proceder o tradutor?

Segundo Berman (1985) existem duas opções: ou fazemos uma tradução da letra (e não literal) do fraseologismo, de modo a inserir elementos que causam estranheza na outra língua, ou então tentamos recriar um equivalente, apagando, de alguma forma, a cultura de partida. É neste contexto que o autor fala da “língua de tradução”, à qual Miguel Serras Pereira (1989) chama “língua de ninguém” e Barrento (2000) chama “terceira voz”. Estes três conceitos referem-se à mesma realidade, nomeadamente a uma língua mediadora entre a língua de partida e a língua de chegada, utilizada pelo tradutor (informações retiradas de JORGE: 2012, 71).

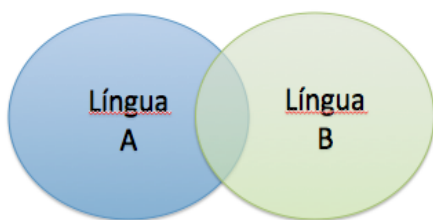


Figura 3 – Língua de ninguém

É nesta “língua de ninguém” que entra a criatividade do tradutor, característica esta que tem um papel fundamental em traduções como as de textos de Mia Couto. No caso do fraseologismo “custar os olhos *e* a cara”, a tradutora Karin von Schweder-Schreiner também recorreu a uma recriação, traduzindo-o por “*Kopf und Ehre kosten*”, sendo a expressão original “*Kopf und Kragen kosten*”.

É importante referir ainda que o tradutor não pode pensar apenas nas convenções da sua própria cultura, devendo ter em conta ambas as culturas intervenientes, bem como ter um cuidado redobrado quando entram aspectos culturais em jogo na tradução de fraseologismos. Segundo Berman (1992), o objectivo da tradução é “*to open up in writing a certain relation with the other, to fertilize what is one’s own thought the mediation of what is foreign...*” (citado em MARTINS: 2009, 7)

Para Schleiermacher a tarefa do tradutor é fornecer ao seu leitor o mesmo sentimento, as mesmas emoções, as mesmas imagens e a mesma fruição que a obra original lhe proporcionou (SCHLEIERMACHER: 2003, 63), e o autor apresenta-nos duas hipóteses: ou o tradutor deixa o escritor em repouso e move o leitor em direcção ao autor original, mantendo assim um sentimento de estranheza, ou então deixa o leitor em repouso e move o escritor em direcção a ele (SCHLEIERMACHER: 2003, 61). Contudo, Schleiermacher é da opinião que, para cumprir o objectivo da tradução, deve haver uma estranheza, que seja gramatical, semântica ou estética, e por estranheza, entenda-se vestígios da língua e da cultura do texto original.

Para resumir, é importante o tradutor ter em mente que a interculturalidade tem uma grande importância na tradução de construções fraseológicas. Portanto, o tradutor deve ter em conta, não só a cultura de chegada, mas também a de partida. Citando Pym (1993): “*Since the very nature of translation is to cross and to change cultural frontiers, competent translators must be able initially to straddle those*

frontiers [...] I suppose one could argue that translators should work like good spies, able to infiltrate foreign cultures without compromising loyalty to their own [...]. Once again, the hypothesis best suited to the nature of translation is that translators are not within a culture but work in the intersections or frontier zones between cultures” (citado em MARTINS: 2009, 6).

4.1. Equivalência

Uma das noções mais abordadas nos estudos de tradução é a de “equivalência”.

Actualmente, a ideia tradicional de equivalência, ou seja, a equivalência linguística, já foi superada. Hoje em dia, os tradutores e os investigadores da área estão conscientes de que a equivalência total é impossível de alcançar e que o conceito de “equivalência” é ainda pouco claro.

Nord afirma que a equivalência é ainda “um conceito abstracto e relativamente abrangente que determina que uma tradução tem de ser fiel ao texto de partida, sendo que essa relação de correspondência a aproxima muito do similar conceito de ‘fidelidade’” (citado em MARTINS: 2009, 13). Pedro Martins tenta resumir as definições de vários autores, definindo a equivalência como “uma forma estruturalista de estabelecer uma relação entre dois elementos, dois textos, nomeadamente o texto de partida e o texto de chegada, sendo que em vários casos é esta mesma relação que irá permitir que o texto de chegada seja considerado como uma tradução do texto de partida” (MARTINS: 2009, 13).

De qualquer forma, sabemos que o objecto da tradução é a língua em situação de comunicação. Logo, a equivalência deve ser pensada justamente em função do contexto e do objectivo da tradução. Visto que numa tradução interlinguística estamos perante diferenças não só linguísticas, como também culturais – decorrentes de visões distintas do mundo –, é a “equivalência comunicativa” que tem relevância (CHACOTO: 2012, 217).

Mais adiante neste trabalho, veremos ainda que existe uma diferença entre fraseologismos equivalentes e fraseologismos correspondentes: no primeiro caso as formas lexicais e semânticas são semelhantes e no segundo, os fraseologismos da língua A e da língua B não apresentam a mesma forma lexical nem sintáctica, mas possuem o mesmo significado e os mesmos contextos de utilização nas duas línguas.

4.2. Tradução de expressões idiomáticas

Existem fraseologias que estão ligadas a uma língua-cultura. Isto significa que cada língua tem um certo número de expressões que se reportam a traços da cultura dos falantes dessa língua. É o caso das expressões idiomáticas, que contêm referentes muito particulares e uma forte carga cultural, pelo que podem levantar problemas ao tradutor. Estas estruturas são “um campo inesgotável da sabedoria popular e são o vestígio vivo de uma língua dinâmica e em constante mutação (JORGE: 2002, 119). Pelo facto de as expressões idiomáticas conterem marcas culturais muito específicas, a tradução destas construções revela-se uma actividade complicada, na medida em que encontrar uma expressão equivalente, solução que normalmente facilita a tarefa ao tradutor, se torna extremamente difícil.

Estas estruturas representam, portanto, os valores culturais das várias gerações e reflectem a evolução da língua. Além disso, “enriquecem a linguagem pelo seu poder criativo, pelas referências culturais e pela história que encerram” (JORGE: 1997, 34). Traduzir uma expressão idiomática significa então traduzir tais elementos e, na tradução, a cultura do “outro” causa estranheza e entra em confronto com a nossa. É por essa razão, que o tradutor tem um papel fundamental enquanto mediador entre línguas e culturas.

As expressões idiomáticas facilitam também a comunicação entre falantes, pois estas estruturas estabelecem uma partilha entre estes e conhecê-las significa conhecer a língua e a cultura que as originou.

Para traduzir uma expressão idiomática, o tradutor tem de, em primeiro lugar, identificar a expressão idiomática e interpretá-la. Depois tem de transpor essa estrutura para a língua de chegada, tentando preservar na tradução os mesmos efeitos do texto original. Contudo, estes processos de identificação, compreensão e transposição exigem uma reflexão profunda sobre a tradução de construções fraseológicas, pois é necessário todo um conhecimento linguístico e extralinguístico. Não nos podemos esquecer, por exemplo que as expressões idiomáticas podem ter um sentido literal ou figurado. A expressão “ter a faca e o queijo na mão”, por exemplo, pode ter um significado literal ou pode significar “ter todo o poder ou todas as condições para resolver uma situação”, o que faz com que haja uma imprevisibilidade do seu reconhecimento. Além disso, para compreendermos uma expressão idiomática,

temos também de perceber as metáforas que estão na sua origem e que lhes conferiram o seu significado.

Se tivermos em conta que uma tradução implica sempre uma perda, então rapidamente chegamos à conclusão de que traduzir uma expressão idiomática implica talvez uma perda mais acentuada, pois estamos a “substituir uma imagem de uma língua por uma imagem de outra língua” (JORGE: 2002, 121). “Isto/isso não é a minha praia” é a expressão equivalente da expressão alemã “*Das ist nicht mein Bier*”. Contudo, há uma imagem que sofre uma alteração, na qual o elemento “*Bier*” é substituído por “praia”. Posto isto, não estará o tradutor a alterar completamente o texto original e a retirar-lhe a sua expressividade? E para que isto não aconteça, será que o tradutor tem outras soluções ao seu dispor?

É certo que existem autores como Bouchard que sugerem “uma substituição da expressão por outra expressão equivalente da outra língua, na medida em que a perda da expressão banaliza o próprio texto e destrói a sua força expressiva” (citado em JORGE: 1997, 42). Contudo, teóricos como Berman (1985) defendem que “*traduire n’est pas chercher des équivalences*” (citado de JORGE: 1997, 40), pois adoptar tal estratégia seria um acto de etnocentrismo. Isto porque Berman é da opinião que seria absurdo personagens de uma língua exprimirem-se com imagens de outra. Este autor defende antes um jogo entre a tradução da letra, o ritmo e os jogos fonéticos de estruturas como as expressões idiomáticas.

A verdade é que, sendo a língua em acção o objecto da tradução, cada caso deverá ser ponderado em particular e não existe apenas uma estratégia correcta para traduzir fraseologismos. Cada fraseologismo deve ser pensado singularmente e o seu contexto determinará os elementos que devem ser privilegiados. Porém, para traduzirmos expressões idiomáticas, devemos ter em conta as suas características:

Características da expressão idiomática:

Ao contrário do provérbio, a expressão idiomática não está totalmente lexicalizada. Por exemplo, a expressão “meter o nariz onde não se é chamado” pode variar, na medida em que podemos dizer também “meter o bedelho onde não se é chamado”, sem que o sentido da construção fraseológica se altere. Além disso, a expressão idiomática, ao contrário do provérbio, é apenas um “pedaço” de discurso que se integra no texto e não uma frase fixa autónoma. A expressão idiomática é

também mais opaca do ponto de vista semântico relativamente ao provérbio. Logo, recusa a tradução literal e a chamada tradução da letra, pois o tradutor não tem acesso ao significado da expressão através dos seus constituintes individuais. É uma estrutura mais difícil de reconhecer pelo seu carácter mais particular e levanta mais problemas ao tradutor em comparação com o provérbio.

Expressões como “ser mais velho que a Sé de Braga”, “passar as passas do Algarve”, “meter o Rossio na rua da Betesga” ou “ver navios do alto de Santa Catarina” representam uma enorme dificuldade para o tradutor, pois nestes casos estão presentes referentes geográficos que fazem parte de uma língua e de uma cultura apenas. Como é que o tradutor deve proceder nestes casos? Que aspectos deve o tradutor privilegiar? A tradução literal não faria sentido, mas será que o tradutor deve procurar uma expressão equivalente do ponto de vista semântico, abdicando dos referentes geográficos?

Como podemos ver, traduzir este tipo de expressões levanta vários problemas e várias questões ao tradutor. Mas na verdade a correspondência linguística quase nunca resulta no caso das expressões idiomáticas e estas terão de ser adaptadas para a língua de chegada. Creio que o mais importante a ter em conta quando se pensa numa expressão equivalente são os vários elementos do texto original que o tradutor deve tentar transpor para a sua língua, bem como o sentimento de estranheza face à língua de partida.

Exemplos:

Fraseologismo alemão	Tradução Literal	Significado
<i>Den Kürzeren ziehen</i>	“Tirar o mais curto”	Ter azar
<i>Den Bock zum Gärtner machen</i>	“Fazer do bode jardineiro”	Atribuir um trabalho a alguém que não é qualificado para o fazer
<i>Sich pudelwohl fühlen</i>	“Sentir-se bem como um poodle”	Sentir-se muito bem
<i>Nach jemandes Pfeife tanzen</i>	“Dançar ao som do apito de alguém”	Fazer tudo o que alguém quer
<i>Die Löffel spitzen</i>	“Afiar as colheres”	Ouvir atentamente
<i>Etwas hinter die Ohren</i>	“Escrever algo atrás das	Memorizar algo

<i>schreiben</i>	orelhas”	
------------------	----------	--

Tabela 5 – Expressões idiomáticas

A verdade é que, apesar de ser possível em alguns casos, é muito mais difícil arranjar uma expressão idiomática equivalente do que um provérbio equivalente. No entanto, como já foi referido, a questão da equivalência é bastante complexa, pois “equivalente” é mais um dos termos que não está bem definido. Existem muitos aspectos envolvidos na questão da equivalência, como por exemplo o grau de familiaridade dos fraseologismos. Será que as duas unidades fraseológicas em questão reproduzem os mesmos contextos de uso e a mesma metáfora? E será que têm a mesma frequência de uso? Se não for o caso, nestes planos deixam de ser equivalentes.

Nos exemplos que se seguem, podemos verificar que há uma expressão equivalente para cada expressão idiomática. Contudo, mais uma vez, podemos dar o exemplo da substituição dos referentes culturais de uma língua pelos da outra língua, como por exemplo “*Bier*” (cerveja) por “praia”. Consequentemente, há também uma perda e uma neutralização da cultura do texto original.

Exemplos de expressões equivalentes:

Fraseologismo alemão	Fraseologismo português
<i>Die Finger überall haben</i>	“Meter o nariz em tudo”
<i>Die Nase voll haben</i>	“Estar pelos cabelos”
<i>Perlen vor die Säue werfen</i>	“Atirar pérolas a porcos”
<i>Das ist nicht mein Bier</i>	“Isto não é a minha praia”
<i>Ins Gras beißen</i>	“Bater a bota”
<i>Im. auf den Kopf spucken können</i>	“Poder comer as papas em cima da cabeça de alguém”

Tabela 6 – Expressões idiomáticas equivalentes

Acima de tudo, é importante termos consciência de que cada língua tem as suas expressões e as suas metáforas. Substituir expressões idiomáticas por expressões

equivalentes noutra língua é perder a comunidade que lhes deu vida, a riqueza da língua de origem e a cultura que criou a expressão. A tradução por uma expressão equivalente ou por uma paráfrase neutraliza a história e a expressividade destas estruturas fraseológicas. Mas a verdade é que o tradutor por vezes não dispõe de outras soluções. Há teóricos que defendem a literalidade, mas, como já verificámos através dos exemplos referidos, no texto de chegada isso não faria sentido na maior parte dos casos, pois essas estruturas introduzem elementos perturbadores no discurso (excepto nas estratégias com recurso a nota).

Dadas as características das expressões idiomáticas, nomeadamente a sua opacidade semântica e forte carga cultural, o seu possível duplo sentido (literal e figurado) e a sua imprevisibilidade de reconhecimento, creio que as estratégias de tradução que o tradutor deve privilegiar são: a equivalência, a recriação, a tradução semântica e, em casos extremos, a omissão. Quando o tradutor decide omitir uma expressão idiomática, pode posteriormente compensar essa perda, adicionando outra noutra ponto do texto de chegada, ainda que não exista qualquer expressão idiomática (ou outro tipo de fraseologismo) no texto original. A esta estratégia chamamos “estratégia da compensação”, que será abordada com mais pormenor adiante neste trabalho.

Para concluir este tópico, gostaria de apresentar uma citação que creio resumir de forma muito adequada o que o tradutor deve ter em conta quando traduz expressões idiomáticas: “A tradução deste tipo de estruturas fraseológicas não corresponde a uma simples literalidade, mas exige do tradutor um conhecimento profundo das regras pragmáticas que estão na origem da sua construção, e um conhecimento profundo das duas línguas em causa. Por outro lado, o tradutor deverá reconhecer as estranhezas e depois reproduzi-las na língua para que traduz, tendo em conta as restrições do texto original” (JORGE: 1997, 36).

4.3. A diferença entre “expressão idiomática” e “metáfora”

Antes de avançar para o tema “tradução de provérbios”, optei por incluir neste trabalho um breve ponto sobre as diferenças entre a expressão idiomática e a metáfora, pois considero que esta última tem um papel fundamental na tradução de fraseologismos, tal como vimos anteriormente no capítulo sobre a linguística cognitiva.

Já foi referido que a metáfora é um fenómeno conceptual que nos ajuda a compreender um domínio mais abstracto através de um domínio concreto. Portanto, quando dizemos “aquela mulher é um diabo”, por exemplo, estamos a tentar explicar o domínio do perigo e da maldade, recorrendo às características associadas ao diabo. Posto isto, a metáfora, a par de outros fenómenos linguísticos, é algo que nos permite criar novas expressões, enriquecendo, assim, a nossa língua. Além disso, serve também de base para a criação de inúmeros fraseologismos. Contudo, apesar de uma expressão idiomática suportar quase sempre uma metáfora, estas estruturas são completamente distintas. Por essa razão, penso que é importante esclarecer a diferença entre estes conceitos.

Em primeiro lugar, uma metáfora “pode ser constituída apenas por uma palavra” (MARTINS: 2009, 30), ao passo que uma expressão idiomática tem de ser constituída, pelo menos por duas. Observemos então os seguintes enunciados (recolhidos em MARTINS: 2009, 30):

1. “Burro”
2. “És burro como uma porta”

O primeiro enunciado é uma metáfora utilizada quando se acusa alguém de ser pouco inteligente. Já o segundo, pode ser considerado uma expressão idiomática, apesar de ter exactamente o mesmo significado do primeiro.

Além desta diferença, podemos ainda mencionar o facto de uma metáfora, ao contrário de uma expressão idiomática, não necessitar de ser consagrada pelo uso.

Citando Block (2004): “...*they* [as expressões metafóricas] *have become idiomatic because a wide majority of speakers use them*” (citado em MARTINS: 2009, 32). Isto significa então que o segundo enunciado, sendo uma expressão idiomática, é reconhecido e usado por um grupo considerável de falantes, enquanto o primeiro enunciado não o é necessariamente.

Para resumir, ilustrarei estas diferenças na tabela que se segue (MARTINS: 2009, 33):

Diferenças entre metáforas e expressões idiomáticas	
Metáfora	Expressão idiomática
Pode ser constituída por uma palavra.	No mínimo, tem de ser constituída por duas palavras.
Não necessita de ser consagrada pelo uso.	Tem obrigatoriamente de ser consagrada pelo uso.

Tabela 7 – Diferenças entre a metáfora e a expressão idiomática

4.4. Tradução de provérbios

Como já foi referido anteriormente, o provérbio e a expressão idiomática são estruturas distintas. Consequentemente, representam campos separados na tradução, pois cada categoria exige uma abordagem diferente.

Características do provérbio:

No caso do provérbio, toda a expressão está lexicalizada: não há qualquer variação morfológica, sintáctica ou paradigmática. Além disso, não constitui uma parte integrante do texto, pois o próprio provérbio já é um enunciado autónomo e móvel no discurso.

Um provérbio constrói uma moral assente na sociedade e, se conhecermos bem os valores de uma sociedade, é possível descodificar um provérbio. Estas unidades possuem um grau de opacidade menor relativamente à expressão idiomática, pois pertencem frequentemente a um legado mais universal, uma vez que provêm muitas vezes das grandes línguas de civilização, como por exemplo o grego ou o latim. Ou seja, os provérbios têm normalmente origem em heranças comuns a várias culturas. Segundo Guilhermina Jorge “o provérbio tem um carácter de fraseologia universal” (JORGE: 2012, 77). Por essa razão, muitos provérbios são mais facilmente reconhecidos pelos falantes em comparação com a expressão idiomática e são reconhecidos também simultaneamente em várias culturas. Consequentemente podemos dizer que este carácter universal facilita o acto de tradução, pois torna-se também mais fácil encontrar um equivalente (desde que tenha o mesmo valor

semântico). Note-se que os provérbios entram muitas vezes numa língua através da tradução literal a partir de outra.

Contudo, há que fazer a distinção entre um provérbio correspondente, no qual as formas lexicais e semânticas são idênticas nas duas línguas, e um provérbio equivalente, que não apresenta a mesma forma lexical nem sintáctica, mas que tem o mesmo significado na língua de chegada e na de partida.

Provérbios correspondentes:

Provérbio em alemão	Provérbio correspondente em português
<i>Lachen ist die beste Medizin</i>	“Rir é o melhor remédio”
<i>Wo Rauch ist, da ist auch Feuer</i>	“Onde há fumo, há fogo”
<i>In der Liebe und im Krieg ist alles erlaubt</i>	“No amor e na guerra vale tudo”
<i>Besser spät als nie</i>	“Mais vale tarde do que nunca”
<i>Hunde, die bellen, beißen nicht</i>	“Cão que ladra não morde”
<i>Alle Wege führen nach Rom</i>	“Todos os caminhos vão dar a Roma”
<i>Eine Hand wäscht die andere</i>	“Uma mão lava a outra”

Tabela 8 – Provérbios correspondentes

Provérbios equivalentes:

Provérbio em alemão	Provérbio equivalente em português
<i>Besser den Spatz in der Hand, als die Taube auf dem Dach</i>	“Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar”
<i>Da liegt der Hase im Pfeffer</i>	“Aí é que a porca torce o rabo”
<i>Morgenstund hat Gold im Mund</i>	“Deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer”
<i>Hast du kein Pferd, so nimm den Esel</i>	“Quem não tem cão caça com gato”
<i>Aller guten Dinge sind drei</i>	“Três é a conta que Deus fez”
<i>Die Zeit ist der beste Arzt</i>	“O tempo cura tudo”
<i>Wer im Glashaus sitzt, soll nicht mit Steinen werfen</i>	“Quem tem telhados de vidro não atira pedras ao do vizinho”

Tabela 9 – Provérbios equivalentes

Por outro lado, existem provérbios próprios de uma determinada língua e de uma determinada cultura e que contêm traços mais específicos. Nesses casos não é possível encontrar um provérbio equivalente na língua de chegada, como é o caso dos seguintes exemplos:

Provérbio em alemão	Tradução literal
<i>Eifersucht ist eine Leidenschaft, die mit Eifer sucht, was Leiden schafft.</i>	"O ciúme é uma paixão que procura com ardor o que cria sofrimento."
<i>Im Himmel gibt's kein Bier, d'rum trinken wir es hier.</i>	"No céu não há cerveja, por isso é que a bebemos aqui."
<i>Glück und Glas - wie leicht bricht das.</i>	"A sorte e o vidro com facilidade se quebram."

Tabela 10 – Provérbios sem correspondente ou equivalente

Note-se que por vezes o provérbio permite uma tradução literal sem que a expressão deixe de fazer sentido, pelo facto de ter um carácter transparente. Contudo, verifica-se uma perda no que toca aos jogos de palavras, às rimas e até à carga cultural, pois o segundo provérbio da tabela 10, por exemplo, faz muito mais sentido na cultura alemã do que na nossa cultura, devido à referência à cerveja.

Podemos afirmar então que os provérbios exigem uma abordagem específica por serem fraseologismos com um carácter universal. Talvez pelo facto de os provérbios não serem tão opacos semanticamente, de serem mais autónomos no texto e de pertencerem a um legado mais comum, são frequentemente considerados, por alguns autores, parte de uma categoria independente da fraseologia, nomeadamente a paremiologia. Há também uma grande probabilidade de um provérbio existir em várias línguas distintas, o que acaba por facilitar o acto de tradução, através da existência de provérbios equivalentes e/ou correspondentes. Além disso, a transparência semântica do provérbio permite que estas estruturas sejam, muitas vezes, traduzidas literalmente, como podemos verificar pelos exemplos referidos na tabela anterior. Por outro lado, sendo que o provérbio é uma estrutura autónoma, ou "um texto num texto", como afirma Guilhermina Jorge (JORGE: 2012, 78), o tradutor

pode facilmente recorrer à estratégia da omissão quando o provérbio não faz sentido na tradução, recorrendo depois à estratégia da compensação. Em suma, o provérbio privilegia as seguintes estratégias tradutológicas: a tradução da letra, a equivalência, a omissão, a compensação e a recriação.

Para resumir novamente as diferenças entre expressões idiomáticas e provérbios, eis a seguinte tabela:

Diferenças entre a expressão idiomática e o provérbio	
Expressão idiomática	Provérbio
Enunciado não autónomo e dependente de um sujeito	Enunciado autónomo
Enunciado mais opaco semanticamente	Enunciado mais transparente
Permite variações morfológicas	Não permite variações morfológicas
A sua lexicalização pode ser total ou parcial	A sua lexicalização é total
O falante tem maior dificuldade em reconhecer e em processar a expressão idiomática	O falante reconhece o provérbio com mais facilidade
Enunciado de carácter mais particular	Enunciado de carácter mais universal

Tabela 11 – Diferenças entre a expressão idiomática e o provérbio

4.5. *Idiomatic false friends*

Do ponto de vista fraseológico, um *false friend* (“falso amigo”) é uma construção fixa da língua A muito semelhante a outra da língua B no que diz respeito à estrutura lexical, mas muito diferente em termos semânticos. Tomemos como exemplo o fraseologismo alemão *in seinen eigenen vier Wänden sein* e a expressão francesa *être entre quatre murs*. Como podemos observar, os dois enunciados são semelhantes quanto à forma. Contudo, o fraseologismo alemão significa “sentir-se confortável em casa” e o fraseologismo francês significa “estar preso”. O mesmo enunciado fraseológico em russo (*sidet’v četyrex stenax*) significa “sentir-se sozinho e isolado” (exemplos recolhidos em DOBROVOL’SKIJ: 2012, 40).

Este fenómeno pode ser explicado, mais uma vez, através da linguística cognitiva, em que as metáforas que constroem os fraseologismos da língua alemã,

francesa e russa são CONFORTO SÃO PAREDES, PRISÃO SÃO PAREDES e ISOLAMENTO SÃO PAREDES respectivamente.

Observemos ainda a expressão alemã *sich in die Höhle des Löwen wagen/begeben* e a expressão portuguesa *meter-se na boca do lobo*. A primeira significa “contactar uma pessoa poderosa” e a segunda significa “expor-se a um grande perigo”. À partida, diríamos que estamos perante fraseologismos equivalentes, o que não é o caso. Se partirmos mais uma vez para uma abordagem cognitiva, podemos dizer que a metáfora conceptual é TOCA/BOCA DO ANIMAL É PERIGO. Contudo, esta metáfora acaba por ser insuficiente, pois a ideia de perigo está presente na expressão alemã de duas formas distintas. As associações aqui feitas são: a pessoa poderosa está associada ao leão e a toca do leão é um lugar perigoso. Portanto, a metáfora conceptual da primeira expressão é LEÃO É PODER e a da segunda é LOBO É PERIGO.

O mesmo se passa com as expressões *Haare auf den Zähnen haben*, que significa “falar de uma forma agressiva”, e *no tener pelos en la lengua*, que significa “não ter papas na língua” (dizer algo de forma honesta). Enquanto no primeiro exemplo *Haare auf den Zähnen haben* está associado a agressão verbal, no caso da expressão espanhola, *pelos en la lengua* representa um obstáculo para a actividade verbal (DOBROVOL'SKIJ: 2012, 30-31).

4.6. Estratégias de tradução

Nos capítulos anteriores, foram mencionadas algumas estratégias de tradução, nomeadamente aquelas que o tradutor deve privilegiar na tradução de expressões idiomáticas e de provérbios. Contudo, existem muitas outras estratégias às quais os tradutores podem recorrer. Seguem-se então algumas dessas estratégias:

- Equivalência total

Consiste em encontrar uma expressão equivalente do ponto de vista do significado e da forma. É geralmente a solução menos problemática e mais convencional. Contudo, nem sempre é a estratégia mais adequada. Se as línguas e as culturas em questão forem muito afastadas, pode não ser a solução ideal.

Exemplo: “*Eine Hand wäscht die andere*” ➔ “Uma mão lava a outra”.

- Equivalência parcial

Consiste numa expressão equivalente do ponto de vista do significado mas com alterações na forma.

Exemplo: “*Da liegt der Hase im Pfeffer*” ➔ “Aí é que a porca torce o rabo”.

- Tradução semântica

A tradução semântica é a estratégia que privilegia o significado do fraseologismo.

Exemplo: “*Das ist doch Kokolores*” ➔ “Isso é um disparate”.

- Paráfrase

A estratégia da paráfrase é um tipo de tradução semântica. Consiste numa breve explicação do sentido da construção fraseológica. Esta estratégia é muito frequente quando o tradutor não encontra expressões equivalentes na sua língua.

Exemplo: “*Das ist die Zünglein an der Waage*” ➔ “Apesar de isso ser um aspecto mínimo, é decisivo”.

- Tradução por uma metáfora

Esta estratégia é também um tipo de tradução semântica, na qual o tradutor recorre a uma metáfora para traduzir o fraseologismo.

Exemplo: “*In die Binsen gehen*” ➔ “Ir por água abaixo”

- Tradução por situação

A tradução por situação pode ser também um tipo de tradução semântica. Consiste na perda do sentido idiomático, preservando o sentido da unidade fraseológica e referindo outros elementos retirados do contexto, que são indispensáveis para a compreensão do fraseologismo.

Exemplo: “*Er saugte sich etwas aus den Fingern*” → “Ele teve uma ideia”

- Literalidade

Esta estratégia consiste na tradução “palavra a palavra”.

Exemplo: “*Den Kürzeren ziehen*” → “Tirar o mais curto”.

- Tradução da letra

A tradução da letra não é uma tradução palavra a palavra, mas sim um jogo sobre a letra e sobre as características formais da construção fraseológica. Para Berman, por exemplo, a “letra” é fundamental para a tradução de provérbios, desde que se faça um jogo criativo com a forma e as características do provérbio, de modo a respeitar o ritmo, as rimas, os jogos fonéticos etc. (informação recolhida em JORGE: 2012, 71).

Exemplo: “*Der April macht was er will*” → “Abril, águas mil”²

- Invenção-reconstrução

Esta estratégia consiste na criação de novas construções fraseológicas e metáforas.

² Note-se que este exemplo é simultaneamente uma tradução da letra, uma vez que preserva a rima, e uma equivalência parcial.

Exemplo: “*Borgen bringt Sorgen*” → “Emprestar dá que falar”³

- Recriação

A recriação pode fazer parte da invenção-reconstrução ou pode ser uma forma de desconstrução, ou seja, um modo de agir sobre a forma e desdobrá-la para produzir sentido.

Exemplo: “...custasse os olhos e a cara” → “*Kopf und Ehre kosten*”⁴

- Tradução temática

A tradução temática consiste na perda da expressividade, em detrimento da importância do tema.

Exemplo: As colocações “pé-de-meia”, “mão de ferro”, “braço direito”, “pé de atleta”, “mão leve”, “braço de mar”, “pé da mesa” e “braço da cadeira” têm como tema o corpo humano. Logo, a respectiva tradução deve preservar esse tema nas colocações da língua de chegada.

- Omissão

A omissão resulta nos casos em que o fraseologismo funciona como um enunciado autónomo no discurso, como por exemplo os provérbios. Esta estratégia funciona como um último recurso e pode ser utilizada quando o tradutor não encontra expressões equivalentes e não consegue parafrasear a estrutura fraseológica em questão.

³ Invenção-reconstrução da minha autoria

⁴ Exemplo retirado da tradução alemã de Karin von Schweder-Schreiner da obra *A Varanda de Frangipani* de Mía Couto (*Unter dem Frangipanibaum*)

- Compensação

A compensação, enquanto estratégia de tradução de construções fraseológicas, baseia-se em não traduzir uma construção fraseológica por outra num determinado ponto do texto e incluir noutro ponto da tradução um fraseologismo, sem que no texto original exista uma construção com carácter idiomático.

Exemplo: “*muß ich dirs halt sagen*” → “**não tenho outro remédio** senão dizer-to”⁵

- Tradução palavra a palavra com nota

É uma tradução literal com o sentido em nota. Esta estratégia tenta manter o carácter exótico do texto original e a nota serve apenas para facilitar a compreensão do leitor. No entanto, a nota pode tornar a leitura pesada e pouco espontânea. Por essa razão, este tipo de estratégias deve ser utilizado com o maior cuidado possível.

- Tradução por equivalente preexistente com nota

Passa por uma tradução por uma expressão equivalente, escrevendo em nota a expressão original. Aqui privilegia-se o texto de chegada mas também se favorece a riqueza do texto de partida.

- Tradução etnocêntrica

Este tipo de tradução apaga o outro e transforma-o à sua própria imagem. É, por exemplo, o caso em que uma construção fraseológica de uma língua se transforma num fraseologismo existente na outra língua. Uma tradução etnocêntrica ocorre, por exemplo, nos casos em que o tradutor recorre à estratégia da equivalência.

⁵ Exemplo retirado da tradução portuguesa de Ilse Losa da peça de teatro de Bertolt Brecht *Mutter Courage und ihre Kinder (Ti Coragem e os seus filhos)*. Note-se que a utilização desta estratégia implica que o tradutor tenha traduzido construções fraseológicas por construções não idiomáticas noutros pontos do texto.

- Tradução de alteridade

É o oposto da tradução etnocêntrica, ou seja, é a tradução que preserva o outro e que guarda os traços da outra língua, recorrendo à criatividade. A estratégia da recriação e a da invenção-reconstrução são exemplos de uma tradução de alteridade.

Em geral, as estratégias que mais segurança oferecem no trabalho de tradução de fraseologismos são: a equivalência (total ou parcial), a tradução semântica, a tradução da letra, a invenção-reconstrução, a recriação e a compensação. Porém, será sempre a situação de comunicação a determinar a escolha das estratégias a adoptar (JORGE: 2012, 74)

É importante referir ainda que a escolha de qualquer estratégia terá consequências, nomeadamente uma maior ou menor neutralização do sentido idiomático ou do conteúdo, uma maior ou menor expressividade, etc.

4.6.1. Estratégia da compensação

Para tratar a estratégia da compensação de forma mais pormenorizada, apoiei-me no artigo referido na bibliografia “Employing Compensation Strategy in Translation of Idioms: A Case Study of the Translation of Mark Twain’s Adventures of Huckleberry Finn in Persian”, de Khalil Motallebzahed e Seika Tousi (2011).

Este texto aborda o problema da perda de linguagem idiomática no texto de chegada e apresenta a estratégia da compensação como uma possível solução para atenuar esse desequilíbrio.

Como sabemos, cada língua tem os seus idiomatismos, que lhe dão cor e expressividade. Mas, como já foi referido anteriormente, esta é uma das áreas mais complexas para a tradução, pois estas expressões possuem um carácter muito particular. Não há apenas uma estratégia para traduzir linguagem idiomática e o problema que se coloca não é propriamente a traduzibilidade deste tipo de expressões. A maior dificuldade com a qual o tradutor se depara é a preservação da idiomaticidade no texto de chegada, ou seja, traduzir uma expressão com sentido idiomático (“*idiom*”) por outra. Contudo, o tradutor por vezes não dispõe de outras soluções e vê-se obrigado a abdicar do sentido idiomático na sua tradução, o que faz

com que haja um desequilíbrio entre o texto de partida e o texto de chegada ao nível da idiomatidade dos textos.

Para a tradução não ficar então desprovida de sentido idiomático, o tradutor pode recorrer à estratégia da compensação. Esta estratégia consiste no seguinte: quando num determinado ponto do texto de partida não é possível traduzir uma expressão com sentido idiomático, o tradutor abdica da idiomatidade na sua tradução e compensa essa perda posteriormente, traduzindo expressões sem qualquer sentido idiomático na obra original por linguagem idiomática no texto de chegada.

Para o referido estudo sobre a compensação foi feita uma comparação entre a obra de Mark Twain *As Aventuras de Huckleberry Finn* e duas traduções persas de Najaf Daryabandari e Ebrahim Golestan. Foi feito o levantamento das expressões com sentido idiomático (“*idioms*”) retiradas do primeiro capítulo da obra, bem como das estratégias utilizadas pelos tradutores. Também foram analisados os casos em que os tradutores recorreram à compensação, ou seja, os casos em que expressões sem sentido idiomático do texto original foram traduzidas por idiomatismos.

Creio que é relevante referir que a autora do estudo teve dificuldades acentuadas em definir o que se entende por “*idiom*” (fraseologismo), pois como foi já mencionado neste trabalho, a definição deste conceito ainda não é consensual. Mas antes de escolher a estratégia para a tradução de unidades fraseológicas, é de extrema importância reconhecer estas estruturas, entendê-las e interpretá-las correctamente. Por essa razão, a autora criou a sua própria definição para reconhecer um “*idiom*”: expressões constituídas por mais de uma palavra, cujo sentido não pode ser decodificado através dos seus elementos individuais (MOTALLEBZADEH: 2011, 5).

O estudo revelou que os tradutores recorreram às seguintes estratégias: traduzir um idiomatismo por outro, traduzir um idiomatismo por uma expressão não-idiomática e traduzir uma expressão não-idiomática por um idiomatismo (compensação). A seguinte tabela indica alguns números relativamente a estas estratégias:

	Total	Tradução	N.Daryabandari	E.Golestan
Idiomatismos em Twain	61 (100%)	Idiomática	23 (37.70%)	24 (39.34%)
		Não	38 (62.29%)	37 (60.65%)

		idiomática		
Não- idiomatismos em Twain	32 (100%)	Idiomática	23 (71.87%)	20 (62.50%)
		Não- idiomática	9 (28.10%)	12 (37.50%)

Tabela 12 – Compensação

Foram analisadas 61 expressões com sentido idiomático na obra de Mark Twain, das quais 23 foram traduzidas por idiomatismos por Najaf Daryabandi e 24 por Ebrahim Golestan. Dessas 61 expressões, 38 foram traduzidas por expressões não-idiomáticas pelo primeiro tradutor e 37 pelo segundo.

Contudo, a perda do sentido idiomático foi compensada pelos tradutores, pois, a partir de 32 expressões sem sentido idiomático, Najaf Daryabandi conseguiu adicionar 23 expressões com sentido idiomático à tradução e Ebrahim Golestan adicionou 20.

Apesar de a quantidade de idiomatismos não ter ficado completamente equilibrada, Najaf Daryabandari conseguiu manter no seu texto 46 expressões com sentido idiomático no total e Ebrahim Golestan 44. Ou seja: se os tradutores não tivessem recorrido à compensação, o desequilíbrio entre os textos seria muito maior.

Concluindo, na maior parte dos casos, os tradutores traduziram idiomatismos por estruturas não-idiomáticas. Porém, a compensação foi uma estratégia bastante utilizada pelos tradutores. Apesar de haver sempre uma perda de sentido idiomático, o desequilíbrio entre os textos diminuiu consideravelmente.

Verificou-se também que esta estratégia pode servir não só para compensar o sentido idiomático, mas também outros elementos que constituem uma dificuldade para o tradutor, como por exemplo jogos de palavras, rimas, trocadilhos, aliteraões, etc.

5. A produção fraseográfica

Como pudemos observar nos capítulos anteriores, existe uma vasta bibliografia sobre a fraseologia. Contudo, alguns autores como Guilhermina Jorge consideram que falta “uma obra de referência terminológica assente em bases científicas e baseada na objectividade da observação” (JORGE: 2012, 61).

Por mais irónico que seja, a complexidade da fraseologia aumentou à medida que a investigação deste campo avançou, pois cada autor propõe a sua terminologia, com diferentes conceitos, definições e categorização. Segundo a autora acima referida, isto está fundamentalmente relacionado com o facto de a fraseologia ainda não ter sido instituída como uma área científica propriamente dita.

Por produção fraseográfica (ou se quisermos, fraseoparemiográfica) entendam-se, quer os artigos e as monografias relacionados com o tema, quer as recolhas de fraseologismos para a elaboração de dicionários fraseológicos (CHACOTO: 2012, 158)

A organização dos fraseologismos nos dicionários é feita, na maior parte das vezes, por ordem alfabética, como é o caso dos dicionários idiomáticos de Hans Schemann utilizados no presente trabalho. Esta organização é bastante útil para alguns propósitos, nomeadamente se quisermos averiguar, por exemplo, quantos fraseologismos existem em alemão com a palavra “*Feuer*”. Contudo, é importante salientar que esta disposição, apesar de oferecer ao leitor uma grande facilidade de organização e de localização de fraseologismos, não reflecte qualquer tipo de organização conceptual.

Observemos os seguintes exemplos:

1 – *brennen wie Feuer: Hast du dir schon mal die Haut so aufgekratzt? Das brennt wie Feuer.*

2 – *Feuer im Hintern haben: Du solltest die Katharina Samba tanzen sehen. Dieses Mädchen hat Feuer im Hintern.*

3 – *Feuer gefangen haben: Jahrelang hat er im Büro mit ihr als Kollegin gearbeitet. Aber nur jetzt, als sie sich zufällig in der Bar beim Tanzen trafen, hat er Feuer gefangen.*

4 – *das Feuer eröffnen: Um vier Uhr in der Frühe gab der General den Befehl, das Feuer zu eröffnen.*

5 – *jm. Feuer unter dem Schwanz machen: Der Herr Alt hat den Wagen immer noch nicht repariert? Dem müssen wir mal Feuer unter dem Schwanz machen.*

Como podemos ver, todas estas expressões contêm a palavra “*Feuer*”, mas todas com um significado muito distinto.

A par desta organização, existe também a chamada classificação temática, que, embora ofereça uma consulta fácil se quisermos informação sobre um determinado tema, se torna extremamente difícil, visto esta classificação ter por base o significado do fraseologismo e este poder pertencer a mais do que uma temática. O provérbio “Pela boca morre o peixe”, por exemplo, poderia incluir-se no tema “partes do corpo” ou “animais”.

6. Fraseologia no ensino de língua materna e estrangeira

As construções fraseológicas representam uma das áreas mais complexas no ensino e na aprendizagem de línguas estrangeiras. Segundo autores como Olímpio de Oliveira (citado em ALVAREZ: 2012, 12) o conhecimento fraseológico adequado é essencial para que os estudantes de uma língua alcancem uma competência comunicativa próxima da de um falante nativo. Contudo, o conceito de fraseologia é ainda pouco utilizado em programas de formação de professores de língua materna e de segunda língua.

Segundo Zoltán Kövecses (KÖVECSES: 1996, 326), um dos instrumentos que pode facilitar a aprendizagem de fraseologismos é a linguística cognitiva.

Como já vimos anteriormente, as metáforas e metonímias conceptuais, bem como o nosso conhecimento do mundo, são mecanismos cognitivos que relacionam os domínios concretos ao significado do fraseologismo. Isto indica-nos que grande parte dos fraseologismos é, de alguma forma, motivada. É justamente esta motivação (ou “transparência semântica”) que facilita o processo de ensino-aprendizagem de unidades fraseológicas, na medida em que os alunos as retêm na memória mais facilmente. Citando Irujo (1993) “*teaching students strategies for dealing with figurative language will help them to take advantage of the semantic transparency of some idioms. If they can figure out the meaning of an idiom by themselves, they will have a link from the idiomatic meaning to the literal words, which will help them learn the idiom*” (citado em KÖVECSES: 1996, 345)

Kövecses (KÖVECSES: 1996, 345-351) descreve também um estudo realizado com 30 alunos húngaros a aprender inglês. O procedimento foi levado a cabo com *phrasal verbs*, um grupo de fraseologismos bastante complexo. Grande parte dos *phrasal verbs* tem um sentido idiomático. Estes enunciados fraseológicos consistem num verbo ligado a um advérbio, como por exemplo *cheer up*, *bring up*, *turn up*, *pick up*, *look up*, *put down*, *keep down*, *break down*, etc. e o estudo foi realizado precisamente com *phrasal verbs* que seleccionam as palavras *up* e *down*. Os 30 alunos foram divididos em duas turmas de 15 pessoas e a tarefa de cada um passava por completar 20 frases com *phrasal verbs*. Na turma A, o significado dos *phrasal verbs* correspondentes às questões de 1 a 10 foram explicados pelo professor e aqueles correspondentes às questões de 11 a 20 não foram ensinados. Na turma B, foram recolhidas as metáforas conceptuais relacionadas com os *phrasal verbs*

correspondentes às dez primeiras perguntas e os *phrasal verbs* correspondentes às questões de 11 a 20 também não foram abordados. A duração da prova foi de 20 minutos e as explicações anteriores ao teste duraram apenas 15 minutos. Na segunda turma, concluíram que aquilo que tem uma conotação positiva, como por exemplo felicidade, realização, etc., selecciona normalmente o advérbio *up* (HAPPY IS UP, COMPLETION IS UP): *cheer up*, *turn up*, etc. Por outro lado, os *phrasal verbs* com *down*, tendem a estar ligados a aspectos mais negativos, como por exemplo *bow down*, *knock down* e a aspectos de escrita, como *write down*. Posto isto, a conclusão a que se chegou foi a seguinte: em comparação com os alunos da turma A, os alunos da turma B responderam correctamente a mais questões, quer nas perguntas de 1 a 10, quer nas de 11 a 20, para as quais não houve qualquer explicação. Transpondo os resultados para valores, 110 (73%) respostas correctas foram dadas às questões de 1 a 10 pela turma A. Na turma B este valor foi 123 (82%). Quanto às questões de 11 a 20, a turma A deu 79 respostas certas (52%) e a turma B alcançou as 116 (77%).

Isto revela-nos que os alunos da turma B, através da linguística cognitiva, não só responderam correctamente a um maior número de questões abordadas na explicação dada previamente ao teste, como também memorizaram melhor o significado dos *phrasal verbs*, de modo a transpô-lo para as respostas de 11 a 20, o que nos mostra que a linguística cognitiva se pode revelar muito útil no ensino e na aprendizagem de fraseologismos.

Com este capítulo sobre a fraseologia no ensino da língua materna e estrangeira, concluo a reflexão de alguns aspectos teóricos sobre a tradução de construções fraseológicas. Seguir-se-á na segunda parte deste trabalho uma análise de exemplos práticos, exemplos estes recolhidos de (a) duas traduções alemãs de obras de Mia Couto, *A Varanda do Frangipani* (*Unter dem Frangipanibaum*) e *Terra Sonâmbula* (*Das Schlafwandelnde Land*) e de (b) uma tradução portuguesa da peça de teatro de Bertolt Brecht *Mutter Courage und ihre Kinder* (*Ti Coragem e os seus filhos*).

PARTE II

1. Introdução

Para a parte prática deste projecto optei por analisar as expressões idiomáticas e os provérbios presentes em duas traduções alemãs de Mia Couto e numa tradução portuguesa de Bertolt Brecht.

As obras do escritor moçambicano *A Varanda do Frangipani* (*Unter dem Frangipanibaum*) e *Terra Sonâmbula* (*Das Schlafwandelnde Land*), traduzidas por Karin von Schweder-Schreiner, foram seleccionadas para este trabalho, pelo facto de Mia Couto ser conhecido por brincar com a língua. Desta forma, penso que será interessante observar as estratégias de tradução utilizadas pela tradutora alemã face às construções fraseológicas modificadas pelo autor. Neste caso em particular, e como veremos posteriormente, a estratégia da recriação e a criatividade da tradutora têm um papel fundamental para ultrapassar os vários problemas que a linguagem de Mia Couto nos apresenta, pois a escrita deste autor passa pela criação de uma nova língua e pela construção de uma nova identidade.

No que toca a Bertolt Brecht, optei por analisar uma das suas peças de teatro, nomeadamente *Mutter Courage und ihre Kinder* (*Ti Coragem e os seus filhos*), que foi traduzida para a língua portuguesa por Ilse Losa.

É de referir ainda que ambas as recolhas compreenderam sobretudo expressões idiomáticas e provérbios e que foram comentados mais pormenorizadamente apenas alguns casos, uma vez que a quantidade de exemplos reunidos não me permite analisar todos singularmente.

Das traduções alemãs de Mia Couto, fiz um levantamento de 77 exemplos. Esta recolha foi completa apenas no que toca às expressões idiomáticas e aos provérbios alterados pelo autor. Contudo, optei por incluir também alguns exemplos de colocações recriadas, bem como uma tabela de fraseologismos originais⁶ presentes nas obras.

Quanto à análise da tradução da peça de Bertolt Brecht, foram recolhidos 177 exemplos. Esta pesquisa foi também direccionada maioritariamente para as expressões idiomáticas e para os provérbios, apesar de esta não ter sido exaustiva,

⁶ Os fraseologismos desta tabela não foram incluídos nas estatísticas da p.71

devido ao elevado número de fraseologismos presentes, tanto na obra original, como na tradução de Ilse Losa.

2. Análise de traduções alemãs de Mia Couto

2.1. Introdução a Mia Couto

Mia Couto (António Emílio Leite Couto) nasceu na Beira, em Moçambique, no dia 5 de Julho de 1955 e é um escritor, biólogo e professor, filho de pais portugueses que emigraram para Moçambique em meados do século XX.

Mia Couto concluiu o ensino secundário na Beira e iniciou os seus estudos universitários na área da medicina em Lourenço Marques no ano de 1971. Nesta época, prevalecia na capital moçambicana um ambiente racista muito acentuado e, por essa razão, Mia Couto começou a colaborar com a FRELIMO, levando-o a lutar sempre pela independência do seu país. Ajudou ainda a compor o hino moçambicano e trabalhou para o Governo durante a Guerra Civil.

Mais tarde, o escritor abandonou o curso e tornou-se jornalista depois do dia 25 de Abril de 1974. Foi nomeado director da Agência de Informação de Moçambique e trabalhou também como director da revista *Tempo* até 1981. Dois anos depois, em 1983, publicou o seu primeiro livro, *Raiz de Orvalho*.

Em 1989 decidiu continuar os estudos universitários na área da biologia, especializando-se em ecologia e impacto ambiental.

Mia Couto é considerado um dos escritores mais importantes de Moçambique e é o escritor moçambicano mais traduzido. Em muitas das suas obras, este autor tenta recriar a língua portuguesa sob uma influência moçambicana e utiliza o léxico de várias regiões do país, produzindo assim um novo modelo de literatura pós-colonial. Com o seu primeiro romance *Terra Sonâmbula*, o escritor ganhou o Prémio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos em 1995. Esta obra foi considerada um dos doze melhores livros africanos do século XX por um júri criado pela Feira Internacional do Livro do Zimbabwe. Em 1999 foi ainda galardoado com o Prémio Vergílio Ferreira.

Mia Couto produziu diversas obras literárias: poesia, contos, romances e crónicas, e muitos dos seus livros foram publicados em mais de 20 países e traduzidos para diversas línguas, como por exemplo, o alemão, o francês, o castelhano, o catalão, o inglês e o italiano. Algumas das suas obras foram ainda adaptadas ao cinema, como por exemplo *O último voo do Flamingo*.

2.2. A língua de Mia Couto

A literatura africana sofreu inúmeras alterações após a descolonização, passando a ter como principal finalidade a reivindicação de uma cultura para o continente africano.

Quando a ocupação portuguesa terminou, a identidade dos moçambicanos ficou por definir e o português foi adoptado como língua oficial, pois havia sido, durante largos anos, a língua de comunicação entre os povos de Moçambique. Contudo, apesar de a língua utilizada ser a mesma, as crenças culturais eram totalmente distintas. Procurou-se então estabelecer uma identidade nacional e valorizar a cultura do país, cultura esta que era predominantemente oral. Lúcia Barbosa vê o trabalho de Mia Couto como uma “espécie de renacionalização da língua portuguesa”, pois a língua contribui drasticamente para a construção de uma identidade (citado em MOREIRA: 2011, 4).

Se analisarmos as obras de Mia Couto, verificamos que estas constituem contos orais transportados para a escrita. A oralidade ocupou desde sempre uma posição de grande importância nas sociedades africanas, pois era através dela que os mais velhos transmitiam o seu conhecimento às gerações mais jovens. Além disso, o autor escreve sobre experiências do quotidiano e sobre pessoas vulgares, e as próprias histórias de Mia Couto assentam inclusivamente numa linguagem popular falada pelos moçambicanos. Desta forma, podemos afirmar que existe uma tentativa de harmonização entre a literatura e a tradição oral. Citando Mia Couto: “existe em Moçambique um desafio enorme em balancear o valor e a legitimidade da expressão escrita e oral. Somos uma sociedade que fala. As coisas são o que são porque se convertem em palavra e verbo” (citação recolhida da revista África 21, de Dezembro-Janeiro de 2013).

É importante referir que esta linguagem de Mia Couto está inserida num determinado momento histórico, político e social, nomeadamente a pós-independência de Moçambique, em que há uma procura de uma nova identidade. Por essa razão, um dos objectivos do autor é precisamente dar voz ao povo moçambicano e dar a conhecer ao mundo a sua cultura.

A expressão da oralidade na escrita demonstra ainda os valores de uma comunidade e Mia Couto tenta recriar nas suas obras a língua portuguesa a partir do

português falado em Moçambique, pois o autor entende a escrita como uma continuação da linguagem oral. Assim, expõe-nos a cultura e a realidade do seu país.

Pelo facto de Mia Couto ter fortes influências de autores brasileiros, como Guimarães Rosa e Jorge Amado, bem como de autores africanos, como por exemplo Luandino Vieira, uma das particularidades da sua escrita é o hibridismo linguístico. O contacto entre o colonizador e o colonizado teve uma grande importância na literatura africana, pois foi nesta época que se começou questionar os modelos literários que serviam de base até então. Consequentemente, surgiram novos aspectos por explorar, como por exemplo a recriação linguística, e os escritores começaram a sentir necessidade de criar o seu próprio discurso, a sua própria cultura e as suas próprias palavras.

Uma das características da escrita de Mia Couto é justamente a recriação sintáctica, morfológica e lexical da língua portuguesa. O autor procura novas formas de expressão para representar a nova realidade pós-colonial e a linguagem da sua cultura. Esta escrita tem uma função muito particular, nomeadamente ilustrar o mundo que rodeia os moçambicanos, as suas vivências, bem como a sua forma de pensar. O autor cria novas metáforas, novos fraseologismos, novos sentidos e pensamentos, enriquecendo, assim, a língua. Na sua tese de doutoramento *Da criatividade linguística à tradução. Uma abordagem das unidades polilexicais em Mia Couto*, Guilhermina Jorge afirma que Mia Couto “desarruma a língua para depois a arrumar” (JORGE: 2014, 177) e recorre também a vários processos para tornar a sua linguagem única. O autor mostra-nos que é possível brincar com a língua, pois adapta as suas recriações lexicais à realidade do seu país, criando uma ponte entre Moçambique e Portugal e alguns dos mecanismos utilizados pelo autor são até inspirados na forma como os moçambicanos falam português. Mia Couto recorre inúmeras vezes a amálgamas e a derivações para transmitir a voz do povo moçambicano, bem como para exprimir novas situações até então nunca vividas e para as quais é necessário inventar novas palavras e formas criativas. Assim, quando lemos uma obra de Mia Couto, não só é necessário um conhecimento profundo do português padrão como também é preciso um grande entendimento do português de Moçambique.

Além disso a língua de Mia Couto exige uma atenção redobrada por parte do leitor, pois é ele que tem de processar e decodificar os jogos de palavras e as recriações produzidas pelo autor. Estão constantemente a surgir nos textos novas

expressões e o leitor tem de se adaptar à história e perceber todo o imaginário da cultura africana, muitas vezes associado aos espíritos e à morte, uma vez que a construção da identidade em Mia Couto passa também pela criação de um mundo onde os vivos e os mortos coexistem.

Porém, e para concluir este capítulo, é importante ter consciência de que estas recriações, além de não comprometerem a compreensão do texto, não podem ser consideradas neologismos, pois não são consagradas pelo uso. Apesar de serem palavras novas obedecendo ao critério “novidade”, não obedecem ao critério “uso”, pelo facto de não serem palavras que encontrem receptividade e aceitabilidade gerais entre os falantes.

2.3. Análise de estratégias de tradução

A análise de estratégias de tradução de fraseologismos nas obras de Mia Couto *A Varanda do Frangipani* (*Unter dem Frangipanibaum*) e *Terra Sonâmbula* (*Das Schlafwandelnde Land*), traduzidas para a língua alemã por Karin von Schweder-Schreiner, teve como base uma recolha de 77 construções fraseológicas, apresentadas nos pontos que se seguem, e retiradas de ambas as obras. Para analisar as escolhas da tradutora, optei por apresentar, em primeiro lugar, um gráfico que ilustra as percentagens de utilização de cada estratégia:

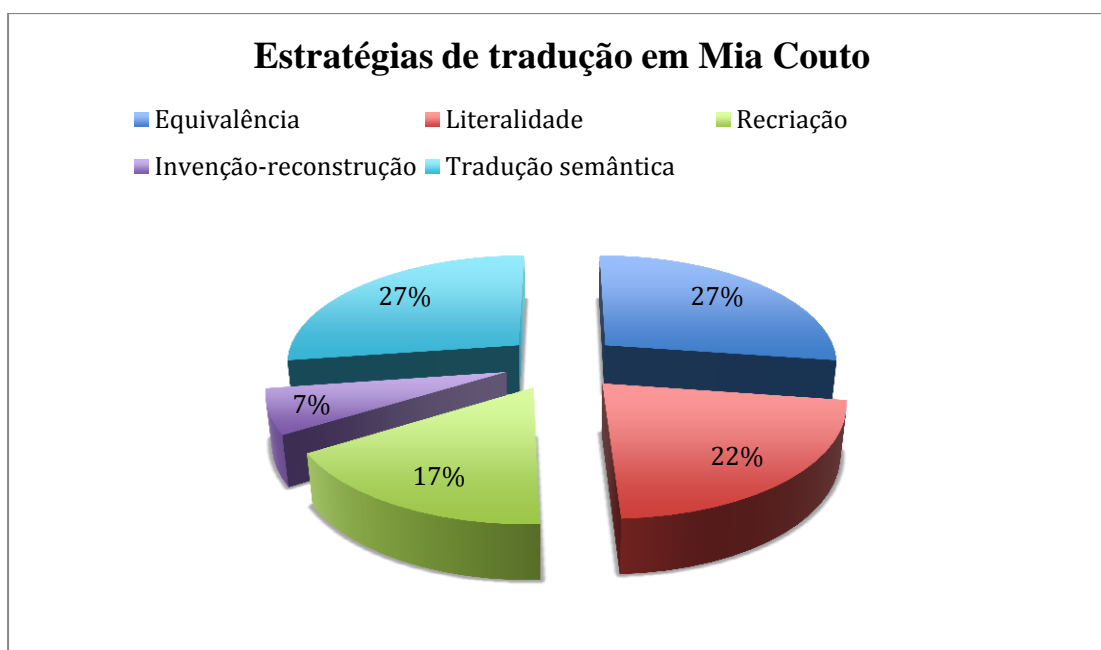


Figura 4 – Estratégias de tradução em Mia Couto

Como podemos ver, as estratégias mais aplicadas pela tradutora das obras do escritor moçambicano foram a equivalência e a tradução semântica, ambas com uma percentagem de utilização de 27%, correspondendo a 21 exemplos. A literalidade foi adoptada em 22% dos casos (17 exemplos) e a recriação reuniu 17% dos exemplos recolhidos, somando 13 fraseologismos. Por fim, a estratégia menos utilizada por Karin von Schweder-Schreiner foi a invenção-reconstrução (7%), com 5 construções fraseológicas.

Seguem-se então as construções fraseológicas recolhidas, apresentadas em tabelas e divididas por estratégias de tradução: equivalência, literalidade, recriação, invenção-reconstrução e, por fim, tradução semântica.

2.3.1. Equivalência

A seguinte tabela apresenta os fraseologismos recriados por Mia Couto, cujas traduções de Karin von Schweder-Schreiner assentam numa expressão equivalente na língua alemã. Esta estratégia, a par da tradução semântica, foi a mais aplicada pela tradutora, tendo sido utilizada em 21 casos, o que corresponde a uma percentagem de utilização de 27%.

Observem-se então os exemplos em questão e, posteriormente, a respectiva análise de alguns exemplos:

Construção fraseológica em PT	Construção fraseológica em DE	Fraseologismo original e significado	Estratégia de tradução e fraseologismo equivalente	Obra
“...lhe apertaria os engasganetes” (p.15)	“...ihm die Kehle würgen” (p.13)	Apertar o gasganete a alguém Significado: estrangular alguém/repreender	<i>jm. die Kehle würgen</i> Equivalência do fraseologismo “apertar o gasganete”	Terra Sonâmbula
“...cair nas boas desgraças” (p.45)	“...in Ungnade fallen” (p.44)	Cair nas boas graças de alguém Significado: conquistar a simpatia de alguém Cair em desgraça Significado: perder o apoio de alguém	<i>in Ungnade fallen</i> Equivalência do fraseologismo “cair em desgraça”	Terra Sonâmbula
“O estômago de Muidinga ronrona” (p.50)	“Muidingas Magen knurrt” (p.50)	(Ter) o estômago a roncar	<i>js. Magen knurren</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“...o bode de onde se tirariam as espinhas” (p.59)	“...zum Sündenbock, dem man das Rückgrat brechen werde” (p.60)	Bode expiatório Significado: pessoa sobre a qual recaem as culpas	<i>einen Sündenbock sein</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“O coração me roçou a boca...” (p.62)	“Das Herz schlug mir schreckhaft bis	Parecer que o coração vai/quer saltar pela boca	<i>jm. schlägt das Herz bis zum Mund</i>	Terra Sonâmbula

	zum Mund” (p.63)	Significado: estar nervoso, com o coração a bater muito rapidamente	Equivalência do fraseologismo original	
“O homem vivia só, se lamentando: antes mal acompanhado ” (p.88)	“...daß er allein lebte – dann lieber schlechte Gesellschaft ” (p.90)	Antes só do que mal acompanhado Significado: é preferível estar sozinho do que com má companhia	<i>lieber allein als in schlechter Gesellschaft sein</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“Parecia que ela iria responder à justa letra e tom. ” (p. 99)	“Es schien, als wollte sie Gleiches mit Gleichem vergelten ” (p.102)	Responder à letra Significado: dar uma resposta directa	<i>gleiches mit Gleichem vergelten</i> Equivalência do fraseologismo “pagar na mesma moeda”	Terra Sonâmbula
“... deu as boas entradas. ” (p.110)	“... hieß Assane mich willkommen. ” (p.114)	Dar as boas vindas Significado: receber/acolher	<i>jn. willkommen heißen</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“... recolhiam os ombros ” (p.128)	“... zuckten Sie die Achseln ” (p.133)	Encolher os ombros Significado: gesto de indiferença ou usado quando não se sabe alguma coisa	<i>(mit) die Achseln zucken</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“... se mancharam a rir. ” (p.132)	“... bogen sich vor Lachen. ” (p.137)	Desmanchar-se a rir Significado: rir incontrolavelmente	<i>sich vor Lachen biegen</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“ Desnecessitou-se ali, apontando uma árvore, feito um cão.” (p.149)	“ Er verrichtete sein Bedürfnis, zielte auf einen Baum, wie ein Hund.” (p.156)	Fazer as necessidades Significado: neste contexto = urinar	<i>seine Bedürfnisse verrichten</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“Alguém se aproximava, de pés nos bicos. ” (p.153)	“Jemand kam auf Zehenspitzen näher” (p.159)	Em bicos de pés Significado: sem fazer ruído	<i>auf Zehenspitzen</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula

“O certo é sabido...” (p.160)	“Eines ist gewiß...” (p.168)	É certo e sabido Significado: expressão utilizada quando algo é dado como garantido	<i>etw. ist gewiß</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“Está com os nervos na flor da pele.” (p.163)	“Ihre Nerven sind zum Zerreißen gespannt.” (p.170)	Estar com/ter/andar com os nervos à flor da pele Significado: estar nervoso	<i>js. Nerven sind zum Zerreißen gespannt</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“...tremia dos pés aos cabelos.” (p.164)	“...zitterte vom Kopf bis Fuß.” (p.172)	Dos pés à cabeça Significado: no corpo todo	<i>vom Kopf bis Fuß</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“...não esteve com medidas.” (p.167)	“...fackelte nicht lange.” (p.174)	Não estar com meias medidas Significado: não hesitar	<i>nicht lange fackeln</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“...as paredes têm mais orelhas que o elefante” (p.169)	“...die Wände haben größere Ohren als die Elefanten” (p.177)	As paredes têm ouvidos Significado: expressão que significa que alguém pode estar a ouvir uma conversa inconveniente	<i>die Wände haben große Ohren</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“...de luz a lés.” (p.177)	“...auf Schritt und Tritt.” (p.186)	De lés a lés Significado: para todo o lado	<i>auf Schritt und Tritt</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“Com Surendra longe das vistas...” (p.187)	“Wenn Surendra aus dem Blickfeld war...” (p.196)	Longe da vista Significado: longe/fora do alcance visual	<i>aus dem Blickfeld</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
“Dentro não se via um palmo.” (p.188)	“Drinne sah man die Hand vor Augen nicht.” (p.197)	Não (se) ver um palmo à frente do nariz Significado: ver com dificuldade	<i>die Hand nicht vor den Augen sehen (können)</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula

“...ao céu livre.” (p.188)	“...unter freiem Himmel.” (p.197)	Ao ar livre Significado: na rua	<i>unter freiem Himmel</i> Equivalência do fraseologismo original	Terra Sonâmbula
----------------------------	-----------------------------------	------------------------------------	--	-----------------

Tabela 13 – Equivalência – Mia Couto

“...cair nas boas graças” – “...in Ungnade fallen”

O exemplo “cair nas boas desgraças” pode ser considerado uma junção das expressões “cair nas boas graças” e “cair em desgraça”, e, nesse caso, podemos constatar que Karin von Schweder-Schreiner optou por recorrer a uma equivalência total da expressão “cair em desgraça” (“*in Ungnade fallen*”).

Algumas expressões equivalentes de “cair nas boas graças” seriam “*sich bei jm lieb Kind machen*” ou “*sich bei jm. in Gunst zu setzen*”. Desta forma, ainda que semanticamente a tradução esteja correcta, creio que a tradutora poderia ter jogado um pouco com estas expressões. Por essa razão, a minha proposta de tradução para a recriação de Mia Couto passaria também por uma fusão das expressões em alemão, resultando, portanto, uma expressão como “*sich (bei jm.) in Ungunst (zu) setzen*”.

“...o bode de onde se tirariam as espinhas” – “...Sündenbock, dem man das Rückgrat brechen werden”

Neste caso, Karin von Schweder-Schreiner traduziu “...o bode de onde se tirariam as espinhas” por “...*Sündenbock, dem man das Rückgrat brechen werden*”. Considerei esta tradução uma equivalência, pois a tradutora recorreu, de facto, a uma equivalência do fraseologismo original “bode expiatório”. Contudo, para ultrapassar a recriação do autor, a tradutora optou por traduzir literalmente “...de onde se tirariam as espinhas” por “...*dem man das Rückgrat brechen werden*”, pelo que acabam por ser utilizadas duas estratégias de tradução neste exemplo: a equivalência e a tradução literal.

“O homem vivia só, se lamentando: antes mal acompanhado” – “...daß er allein lebte – dann lieber schlechte Gesellschaft”

No que toca a este exemplo de tradução de fraseologismos por expressões equivalentes, podemos constatar que a tradutora separou o fraseologismo “*Lieber allein als in schlechter Gesellschaft*” (antes só do que mal acompanhado) em duas partes, tal como Mia Couto o fez na obra original (O homem vivia **só**, se lamentando: **antes mal acompanhado** – “*daß er allein lebte – dann lieber schlechte Gesellschaft*”), conseguindo estabelecer, na sua tradução, uma estrutura semelhante à da construção recriada por Mia Couto.

“recolhiam os ombros” – “zuckten Sie die Achseln”/ “de pés nos bicos” – “auf Zehenspitzen”

Quanto à expressão “recolher os ombros”, esta foi também traduzida pelo equivalente do fraseologismo original “encolher os ombros”, que representa um gesto de indiferença ou de falta de conhecimento. Note-se que este exemplo podia também ser considerado um caso de tradução literal.

A mesma estratégia foi aplicada ao quinto exemplo “de pés nos bicos”, traduzida por “*auf Zehenspitzen*”. Aqui, creio que a tradutora poderia também ter recorrido à tradução literal “*mit den Zehen auf Spitzen*”. Com esta proposta, apesar de a tradução ser literal, o sentido idiomático não ficaria comprometido, pelo facto de “*mit den Zehen auf Spitzen*” ser muito semelhante, em termos da forma, ao fraseologismo “*auf Zehenspitzen*”.

“Desnecessitou-se...” – “Er verrichtete sein Bedürfnis...”/ “Está com os nervos na flor da pele” – “Ihre Nerven sind zum Zerreißen gespannt”

No que diz respeito ao exemplo “Desnecessitou-se ali, apontando uma árvore, feito um cão”, analisei “Desnecessitou-se” enquanto uma recriação de um fraseologismo, pois apesar de no texto de Mia Couto estarmos perante uma palavra apenas, esta tem por base a construção fraseológica “fazer as necessidades”. Karin von Schweder-Schreiner recorreu, neste caso, à expressão idiomática equivalente: “*Er verrichtete sein Bedürfnis, zielte auf einen Baum, wie ein Hund*”.

Da mesma forma, considere o exemplo “Está com os nervos na flor da pele” uma recriação. É certo que existe somente uma ligeira modificação relativamente à expressão idiomática “estar /andar com os nervos à flor da pele”, nomeadamente a contracção “na”. Ainda assim, apesar de não ser uma variação significativa, não deixa de ser uma transformação face ao fraseologismo original, pelo que optei por incluir esta recriação na tabela 13. Neste caso, a tradutora de Mia Couto recorreu, novamente, à estratégia da equivalência, traduzindo o exemplo referido por “*Ihre Nerven sind zum Zerreißen gespannt*”.

“...as paredes têm mais orelhas que o elefante” – “...die Wände haben größere Ohren als die Elefanten”

Por fim, observe-se a recriação do fraseologismo “as paredes têm ouvidos” (“...as paredes têm mais orelhas que o elefante”), traduzida por “...*die Wände haben größere Ohren als die Elefanten*”. Neste caso, Mia Couto alterou a palavra “ouvidos” no fraseologismo original por “orelhas”, para fazer referência a uma característica física do elefante. Contudo, a tradutora não necessitou de alterar o fraseologismo original em alemão (“*die Wände haben Ohren*”), pois neste fraseologismo a palavra “*Ohren*” pode significar “ouvidos” ou “orelhas”, pelo que também se poderia considerar esta estratégia como um exemplo de uma literalidade.

2.3.2. Literalidade

Após observarmos alguns exemplos de tradução por equivalentes, seguem-se os exemplos, nos quais os fraseologismos de Mia Couto foram traduzidos literalmente. Karin von Schweder-Schreiner utilizou esta estratégia em 22% dos casos analisados.

Construção fraseológica em PT	Construção fraseológica em DE	Fraseologismo original e significado	Estratégia de tradução e fraseologismo equivalente	Obra
“...não lhe vão querer ver nem vivo ” (p.12)	“...wollen gar nicht wissen, daß du lebst ” (p.10)	Nem morto Significado: em circunstância alguma	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>nicht im entferntesten</i>	Terra Sonâmbula
“...até ficar menos de uma lástima ” (p.20)	“...bis er kleiner als kläglich war ” (p.18)	Estar numa/uma lástima Significado: estar em mau estado	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>das heulende Elend haben</i>	Terra Sonâmbula
“ Seu dito, nosso feito ” (p.21)	“ Von ihm gesagt, von uns getan ” (p.19)	Meu dito, meu feito Significado: quando alguém tem uma ideia e a põe em prática	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>gesagt, getan</i>	Terra Sonâmbula
“Acordei transpirado do lençol à cabeça ” (p.30)	“ Vom Laken bis zum Kopf verschwitzt wachte ich auf” (p.28)	Dos pés à cabeça Significado: totalmente	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>von Kopf bis Fuß</i>	Terra Sonâmbula
“ O arisco não arrisca ” (p.61)	“ Wer sich scheut, riskiert nichts ” (p.61)	Quem não arrisca não petisca Significado: o risco compensa	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>wer wagt, gewinnt</i>	Terra Sonâmbula
“ Pé-pós-pé... ” (p.63)	“ Fuß-für-Fuß... ” (p.63)	Pé ante pé Significado: andar devagar/sem fazer ruído	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>auf leisen Sohlen herangeschlichen kommen</i>	Terra Sonâmbula
“...uma tristeza de caixão sem cova ” (p.75)	“...wie Särge ohne Grab ” (p.75)	De caixão à cova Significado (neste contexto): muito	Literalidade Fraseologismo equivalente: 79	A Varanda do Frangipani

		grande	<i>ogroß wie das Heidelberger Faß sein</i>	
“...foi apenas um rio de pouca dura. ” (p.91)	“...war es lediglich ein kurzlebiger Fluß. ” (p.93)	Sol de pouca dura Significado: ter uma duração curta	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>von geringer/kurzer Dauer sein</i>	Terra Sonâmbula
“...passei tudo pena finura de um pente. ” (p.93)	“...kämte alles haarfein durch. ” (p.95)	Passar tudo a pente fino Significado: analisar/observar tudo minuciosamente	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>an allen Ecken und Kanten prüfen</i>	Terra Sonâmbula
“ O prometido é de vidro ” (p.113)	“...ist Versprochenes wie aus Glas ” (p.118)	O prometido é devido Significado: quando alguém promete alguma coisa deve cumprir	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>Versprochen ist Versprochen und wird auch nicht gebrochen</i>	Terra Sonâmbula
“...sem apelo nem despeito ” (p.115)	“... ungestört und ohne Verdruß ” (p.120)	Sem apelo nem agravo Significado: sem aviso prévio/sem motivo/de repente	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>ohne weiteres</i>	Terra Sonâmbula
“ Quem fala consente ” (p.121)	“ Wer spricht, stimmt zu ” (p.120)	Quem cala consente Significado: quando alguém não se manifesta ou não fala, é sinal que concorda	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>wer schweigt, stimmt zu</i>	A Varanda do Frangipani
“...em terra de cego quem tem um olho fica sem ele ” (p.130)	“...unter Blinden wird der Einäugige sein Auge los ” (p.135)	Em terra de cego quem tem olho é rei Significado: no meio de muita gente ignorante, quem tem pouco conhecimento parece muito sábio	Literalidade/ Recriação do fraseologismo original: <i>Unter Blinden ist der Einäugige König</i>	Terra Sonâmbula
“...tem os dias descontados ” (p.131)	“... die Tage abgezählt ” (p.136)	Ter os dias contados Significado: ter pouco tempo de vida	Literalidade/ Recriação do fraseologismo <i>die Tage/Stunden sind gezählt</i>	Terra Sonâmbula

“...em que nem a água é mole nem a pedra é dura ” (p.142)	“...wo Wasser nicht weich und Stein nicht hart ist ” (p.148)	Água mole em pedra dura (tanto bate até que fura) Significado: quem insiste, alcança aquilo que deseja	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>das weiche Wasser bricht den Stein</i>	Terra Sonâmbula
“...enquanto o diabo esfrega o olho-zarolho ” (p.147)	“ Während der Teufel sich sein Schielauge reibt ” (p.153)	Enquanto o diabo esfrega um olho Significado: rapidamente	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>in einem Nu/mit einem Griff</i>	Terra Sonâmbula
“...é quando contra argumentos não há factos. ” (p.169)	“...wenn es gegen Argumente keine Tatsachen gibt. ” (p.177)	Contra factos não há argumentos Significado: expressão utilizada em situação de discórdia, quando alguém tem provas que anulam a argumentação do outro	Literalidade Fraseologismo equivalente: <i>gegen Fakten gibt es keine Argumente</i>	Terra Sonâmbula

Tabela 14 – Literalidade – Mia Couto

“Seu dito, nosso feito” – “Von ihm gesagt von uns getan”/ “Quem fala consente” – “Wer spricht, stimmt zu”/ “...nem a água é mole nem a pedra é dura” – “...Wasser nicht weich und Stein nicht hart ist”

Para analisar algumas traduções literais, optei por juntar três exemplos, pois apesar de estes poderem ser considerados casos de literalidade, conservam o sentido idiomático no texto de chegada.

No primeiro exemplo, Karin von Schweder-Schreiner traduziu “Seu dito, nosso feito”, fraseologismo recriado a partir da expressão “Meu dito, meu feito”, por “*Von ihm gesagt, von uns getan*”. Este exemplo representa, de facto, uma tradução literal do fraseologismo da obra original. Contudo, se tivermos em conta que o fraseologismo original na língua alemã é “*gesagt, getan*”, depressa chegamos à conclusão de que um falante nativo do alemão reconheceria rapidamente a expressão original na construção fraseológica da tradutora.

O mesmo acontece nos restantes exemplos mencionados: a construção fraseológica de Mia Couto “Quem fala, consente” é uma recriação do fraseologismo

“Quem cala consente”. A tradutora do escritor moçambicano traduziu este fraseologismo literalmente (“*Wer spricht, stimmt zu*”). Ainda assim, sendo que o fraseologismo alemão é “*Wer schweigt, stimmt zu*”, o sentido idiomático do texto não é comprometido e o leitor da tradução reconhece, à partida, que se trata de uma modificação do provérbio original.

Finalmente, também no exemplo “...em que nem a água é mole nem a pedra é dura” traduzido por “...*wo Wasser nicht weich und Stein nicht hart ist*”, apesar de este ser um exemplo de literalidade, não há uma perda total do sentido idiomático. A tradução literal mantém, em parte, o léxico do fraseologismo original “*das weiche Wasser bricht den Stein*” (“água mole em pedra dura, tanto bate até que fura), de forma que o falante perceba a origem da recriação.

“...uma tristeza de caixão sem cova” – “...wie Särge ohne Grab”/ “...enquanto o diabo esfrega o olho-zarolho” – “Während der Teufel sich sein Schielaugen reibt”

Este exemplo é um nítido caso de uma tradução literal, em que há uma perda total de idiomatidade. Karin von Schweder-Schreiner optou por traduzir “...uma tristeza de caixão sem cova”, cujo fraseologismo original é “de caixão à cova” por “...*wie Särge ohne Grab*”. É certo que o sentido idiomático é completamente anulado nesta tradução. Porém, a tradutora teve em conta os aspectos extralinguísticos ligados às obras de Mia Couto. A obra *A Varanda do Frangipani* é sobre o espírito de um morto que entra no corpo de um inspector para resolver um homicídio. Nesta história (bem como noutras obras de Mia Couto) o tema da morte está muito presente e é uma questão com muita influência no estilo do autor. Creio que, por essa razão, a tradutora optou por manter as palavras “*Särge*” (caixão) e “*Grab*” (cova), visto que o fraseologismo equivalente em alemão “*so groß wie das Heidelberger Faß sein*” não está relacionado com o tema da morte.

O exemplo, “enquanto o diabo esfrega o olho-zarolho”, traduzido por “*Während der Teufel sich sein Schielaugen reibt*” é também um caso em que a tradução literal funciona por respeitar um dos temas da obra, nomeadamente as superstições, bem como o medo do mal, pelo facto de manter a palavra “*Teufel*” (diabo).

“...em terra de cego quem tem um olho fica sem ele” – “...unter Blinden wird der Einäugige sein Auge los”/“...tem os dias descontados” – “...die Tage abgezählt”

Os seguintes exemplos, apesar de terem sido considerados exemplos da estratégia da literalidade, podem também ser analisados como casos de recriação e eventualmente de equivalência. O exemplo “...em terra de cego quem tem um olho fica sem ele” é uma recriação do provérbio “em terra de cego quem tem um olho é rei” (“*Unter Blinden ist der Einäugige König*”) e foi traduzido por “...unter Blinden wird der Einäugige sein Auge los”. Como podemos ver, este provérbio foi traduzido literalmente. Contudo, a tradutora recriou o fraseologismo a partir da expressão equivalente. Desta forma, podemos dizer que a tradutora recorreu a várias estratégias para traduzir um fraseologismo recriado de Mia Couto. O mesmo é válido para o exemplo “tem os dias descontados”, expressão traduzida por “...die Tage abgezählt”: apesar de Karin von Schweder-Schreiner ter feito uma tradução literal desta expressão idiomática, não deixou de procurar um equivalente (“*die Tage gezählt haben*” – “ter os dias contados”), nem de recriar um fraseologismo.

2.3.3. Recriação

A tabela seguinte contém 13 exemplos nos quais a tradutora recorreu à estratégia da recriação (17%). Como referimos anteriormente, a criatividade do tradutor é uma ferramenta extremamente útil em traduções de obras como as de Mia Couto, pois permite ao tradutor superar inúmeras dificuldades de tradução nos casos em que existem incompatibilidades culturais, bem como transmitir ao seu leitor a mesma sensação de estranheza que o autor transmitiu ao leitor original ao modificar fraseologismos que são, na maior parte das vezes, conhecidos.

Observemos então alguns exemplos que Karin von Schweder-Schreiner recriou:

Construção fraseológica em PT	Construção fraseológica em DE	Fraseologismo original e significado	Estratégia de tradução	Obra
“...custasse os olhos e a cara” (p.15)	“... Kopf und Ehre kosten ” (p.15)	Custar os olhos da cara Significado: ter um preço elevado	Recriação do fraseologismo <i>Kopf und Kragen kosten</i>	A Varanda do Frangipani
“...gargalhou-se alto e mau som” (p.28)	“...lachte er laut und böse ” (p.27)	Dizer algo/rir alto e bom som Significado: em voz alta	Recriação do fraseologismo <i>laut und vernehmlich</i>	Terra Sonâmbula
“Quando olhei à minha trás...” (p.41)	“Als ich mich umblickte ...” (p.40)	Olhar à minha volta Significado: olhar em redor	Recriação do fraseologismo <i>um sich blicken</i>	Terra Sonâmbula
“...num estrelar de olhos” (p.58)	“...in einem Augenblitzen ” (p.58)	Num piscar de olhos Significado: rapidamente	Recriação dos fraseologismos <i>mit den Augen blinzeln</i> e <i>in einem Augenblick</i> Fraseologismos alemães equivalentes a “piscar os olhos” e “num piscar de olhos”	Terra Sonâmbula
“...encolheu os braços...” (p.111)	“... zuckte mit den Armen ...” (p.115)	Encolher os ombros Significado: gesto de indiferença ou usado quando não	Recriação do fraseologismo <i>mit den Achseln zucken</i>	Terra Sonâmbula

		se sabe alguma coisa		
“...já eu há muito a sabia de cor e sal tirado ” (p.124)	“...die kannte ich schon seit langem in- und auswendig ” (p.124)	De cor e salteado Significado: saber muito bem	Recriação do fraseologismo <i>etw. Auswendig können</i>	A Varanda do Frangipani
“Do menos o mal...” (p.130)	“Vom Geringsten das Übel... ” (p.135)	Do mal o menos Significado: no meio de uma situação problemática, existir algo positivo que ajuda a ultrapassar as dificuldades	Recriação do fraseologismo <i>das kleinere/geringere Übel sein</i> Fraseologismo alemão equivalente a “ser o mal menor”	Terra Sonâmbula
“...grão a grão o papa se enche de galinhas” (p.130)	“...schließlich fängt man mit Mäusen Katzen ” (p.135)	Grão a grão enche a galinha o papo Significado: pouco a pouco se consegue uma grande quantidade	Recriação do fraseologismo <i>mit Speck fängt man Mäuse</i> Fraseologismo alemão equivalente a “não se apanham moscas com vinagre”	Terra Sonâmbula
“No papar é que está o ganho” (p.130)	“Denn Reden ist Gold ” (p.135)	No poupar é que está o ganho Significado: quem poupa consegue juntar uma maior quantidade (de dinheiro)	Recriação do fraseologismo <i>Reden ist Silber, Schweigen ist Gold</i> Fraseologismo alemão equivalente a “o silêncio é de ouro e a palavra é de prata”	Terra Sonâmbula
“Não respondia coisa nem coisa.” (p.132)	“Er sagte keinen Mucks .” (p.137)	Não dizer coisa com coisa Significado: ter um discurso incoerente	Recriação do fraseologismo <i>keinen Mucks von sich geben</i> Fraseologismo alemão equivalente a “sem dar um pio”	Terra Sonâmbula

“Os dois se riram, alto e mau som. ” (p.132)	“Sie lachten laut und häßlich. ” (p.137)	Dizer algo/rir alto e bom som Significado: em voz alta	Recriação do fraseologismo <i>laut und vernehmlich</i>	Terra Sonâmbula
“...num fecha-te sésamo. ” (p.161)	“...in einem Sesam-schließedich... ” (p.168)	Abre-te sésamo Significado: fraseologismo de um conto infantil, utilizado como feitiço para abrir uma porta	Recriação do fraseologismo <i>Sesam, öffne dich</i>	Terra Sonâmbula
“...o diabo seja bruto e cego ” (p.169)	“...dem Teufel soll Hören und Sehen vergehen ” (p.177)	O diabo seja cego, surdo e mudo Significado: provérbio ligado a uma superstição, que se emprega quando alguém não quer que se concretize o que foi dito	Recriação do fraseologismo original “o diabo seja cego, surdo e mudo”	Terra Sonâmbula

Tabela 15 – Recriação – Mia Couto

“...custasse os olhos e a cara” – “...Kopf und Ehre kosten”

No primeiro exemplo da tabela, a expressão idiomática “custasse os olhos e a cara”, foi traduzida por “*Kopf und Ehre kosten*”. A tradutora alterou a expressão idiomática original “*Kopf und Kragen kosten*”, equivalente ao fraseologismo “custar os olhos da cara”, substituindo a palavra *Kragen* (colarinho) por *Ehre* (honra).

“...gargalhou-se alto e mau som” - “...lachte er laut und böse”/ “Os dois se riram, alto e mau som” - “Sie lachten laut und häßlich”

Nos exemplos que se seguem, podemos constatar que Karin von Schweder-Schreiner recriou o fraseologismo “*laut und vernehmlich*” por duas vezes de forma distinta, para traduzir a expressão “alto e bom som”, modificada por Mia Couto para “alto e mau som”. No primeiro caso, “gargalhou-se alto e mau som”, a tradutora do autor moçambicano criou a expressão “*laut und böse*” e no segundo, “Os dois se

riram, alto e mau som”, Karin von Schweder-Schreiner chegou à solução “*laut und häßlich*”.

“...num estrelar de olhos” – “...in einem Augenblitzen”/ “...já eu há muito a sabia de cor e sal tirado” – “...die kannte ich schon seit langem in-und auswendig”

Quanto à tradução do exemplo “num estrelar de olhos”, traduzido por “...in einem Augenblitzen”, penso que a tradutora conseguiu encontrar uma solução bastante interessante, pois conseguiu juntar na sua recriação as expressões “in einem Augenblick” (num piscar de olhos) e “mit den Augen blinzeln”. Karin von Schweder-Schreiner conseguiu também recriar a expressão “...de cor e sal tirado” (“de cor e salteado”), traduzindo-a por “in-und-auswendig”. Neste caso, a tradutora jogou com as preposições “in” e “aus”, criando uma expressão que se assemelha formalmente ao fraseologismo “de trás para a frente”, expressão esta que tem o mesmo significado que “de cor e salteado”.

“...grão a grão se enche o papa de galinhas” – “...schließlich fängt man mit Mäusen Katzen”

Quanto ao presente exemplo, Karin von Schweder-Schreiner tentou também recriar o provérbio “grão a grão enche a galinha o papo” (“grão a grão o papa se enche de galinhas”), traduzindo-o por “Fängt man mit Mäusen Katzen“. Neste caso a tradutora tentou jogar com a expressão “mit Speck fängt man Mäuse”. Contudo, este fraseologismo alemão seria, do ponto de vista semântico, o fraseologismo equivalente à expressão portuguesa “não se apanham moscas com vinagre”. Desta forma, penso que este exemplo representa um erro de interpretação da parte da tradutora, pois não é este o significado do provérbio “grão a grão, enche a galinha o papo”, nem do fraseologismo recriado por Mia Couto. A minha proposta seria recorrer à estratégia da invenção-reconstrução, preservando o sentido do provérbio recriado por Mia Couto, e traduzir este fraseologismo por “jeden Tag fressen die Bonzen immer Hühner“, sendo *Bonzen* uma palavra alemã que se aplicava aos antigos altos funcionários do partido do poder da antiga RDA. Assim, é estabelecido um paralelismo entre a realidade moçambicana daquela época e uma realidade semelhante na história da Alemanha.

Nesta alternativa, a palavra *Hühner* também seria mantida, até porque em Moçambique este animal é um símbolo de suborno.

“No papar é que está o ganho” – “Denn Reden ist Gold”

Segue-se o exemplo “no papar é que está o ganho”, traduzido por “*Denn Reden ist Gold*”. Creio que neste caso estamos também perante um erro de interpretação. A tradutora optou por tentar recriar aqui o fraseologismo “o silêncio é de ouro e a palavra é de prata” (“*Reden ist Silber, Schweigen ist Gold*”), que significa que, apesar de falar/de conversar ser importante, por vezes o silêncio tem ainda mais valor. Contudo, esta construção fraseológica não tem o mesmo significado que o provérbio “no poupar é que está o ganho”, que significa que quem poupa é quem acaba por ter mais para gastar mais tarde e cujas expressões equivalentes seriam “*Sparen ist verdienen*” ou “*Spare in der Zeit, dann hast du in der Not*”. Desta forma, uma proposta da minha parte seria “*Spare im Brei, dann hast du in der Not*”, pois esta alternativa conserva o fraseologismo equivalente à expressão “no poupar é que está o ganho” e inclui também a palavra *Brei* (papa).

“...num fecha-te sésamo” - “...in einem Sesam-schließe-dich”

O seguinte exemplo, “fecha-te sésamo”, é uma recriação do fraseologismo “abre-te sésamo” e pode ser considerado parte das *geflügelte Worte* (ver p.21). Estas constituem, como vimos anteriormente, citações com uma fonte concreta que se tornam consagradas pelo uso e reconhecidas pelo falante/leitor.

Neste caso, estamos perante um idiomatismo com origem num conto infantil, que Karin von Schweder-Schreiner recriou, traduzindo “...num fecha-te sésamo” por “...in einem Sesam-schieße-dich”.

“...o diabo seja bruto e cego” – “...dem Teufel soll Hören und Sehen vergehen”

No que toca ao último exemplo, estamos perante um caso de recriação em que a tradutora jogou com o fraseologismo original “que o diabo seja cego, surdo e mudo”, mantendo na sua tradução “*dem Teufel soll Hören und Sehen vergehen*” os elementos “*hören*” (ouvir) e “*sehen*” (ver). Note-se que a tradutora conseguiu,

inclusivamente, criar uma rima, característica esta que, muitas vezes, é uma parte importante do fraseologismo.

2.3.4. Invenção-reconstrução

A invenção-reconstrução foi a estratégia menos utilizada pela tradutora de Mia Couto, tendo sido utilizada apenas em 7% dos casos, contando com 5 fraseologismos. Karin von Schweder-Schreiner criou as seguintes expressões novas para traduzir as recriações de Mia Couto:

Construção fraseológica em PT	Construção fraseológica em DE	Fraseologismo original e significado	Estratégia de tradução	Obra
“Vão para lá de nenhuma parte...” (p.9)	“Sie gehen irgendwohin von nirgendwoher ...” (p.7)	Ir para/a parte nenhuma Significado: partir sem destino	Invenção-reconstrução	Terra Sonâmbula
“...um ruído de mil fundos” (p.62)	“...der Lärm von tausend Böden” (p.62)	Ruído de fundo Significado: ruído ligeiro, que não é imediatamente detectável	Invenção-reconstrução	Terra Sonâmbula
“...nem temos onde cair vivos” (p.108)	“...selbst zum Sterben zu arm” (p.112)	Não ter onde cair morto Significado: não ter posses	Invenção-reconstrução	Terra Sonâmbula
“...o desditoso cujo” (p.128)	“...den besagten Unseligen” (p.133)	Dito cujo Significado: expressão para fazer referência a alguém em particular	Invenção-reconstrução	Terra Sonâmbula
“...à mão de semelhar.” (p.162)	“...zum Abmahlen nah.” (p.170)	A mão de semear Significado: muito perto	Invenção-reconstrução	Terra Sonâmbula

Tabela 16 – Invenção-reconstrução – Mia Couto

“Vão para lá de nenhuma parte” – “*Sie gehen irgendwohin von nirgendwoher*”

No primeiro exemplo da estratégia de invenção-reconstrução, Karin von Schweder-Schreiner traduziu “Vão para lá de parte nenhuma”, expressão recriada a partir do fraseologismo “ir para/a parte nenhuma”, por “*Sie gehen irgendwohin von*

nirgendwoher”. Neste caso, a tradutora de Mia Couto chegou a um resultado que literalmente significa “ir para/a algum lado de parte nenhuma”. Na minha opinião, trata-se de uma solução bastante criativa, uma vez que acaba também por causar alguma estranheza ao leitor da tradução, preservando assim o estilo de Mia Couto.

“...nem temos onde cair vivos” – “...selbst zum Sterben zu arm”

Quanto ao terceiro exemplo da tabela, o autor moçambicano recriou a expressão “não ter onde cair morto” (cujo equivalente na língua alemã seria “*arm wie Job sein*”), resultando dessa “brinciação” a expressão “nem temos onde cair vivos”. Na sua tradução “*selbst zum Sterben zu arm*” (traduzido literalmente: “até para morrer é pobre”), Karin von Schweder-Schreiner conseguiu também criar uma expressão nova, parafraseando, de certa forma, o fraseologismo de Mia Couto, pois acaba por apresentar uma solução que permite ao falante nativo da língua alemã compreender o significado da construção fraseológica em questão.

“...o desditoso cujo” – “...den besagten Unseligen”

Por fim, no que toca ao último exemplo de invenção-reconstrução, Karin von Schweder-Schreiner traduziu “...o desditoso cujo” (“dito cujo”) por “...den besagten Unseligen”, que traduzido literalmente seria “o dito desditoso”. Creio que, mais uma vez, a solução encontrada pela tradutora demonstra a sua criatividade, permitindo ao leitor da língua de chegada sentir a estranheza das “brinciações” relativamente aos fraseologismos, sem comprometer a clareza da expressão.

2.3.5. Tradução semântica

Quanto à tradução semântica, a tradutora de Mia Couto recorreu a esta estratégia em 21 exemplos (27%), tendo sido a estratégia de tradução mais utilizada a par da equivalência, que somou o mesmo número de exemplos recolhidos.

Construção fraseológica em PT	Construção fraseológica em DE	Fraseologismo original e significado	Estratégia de tradução e fraseologismo equivalente	Obra
“... dando o vindo por não ido ” (p.9)	“...den zurückgelegten Weg als nicht gegangen ” (p.7)	Dar o dito por não dito Significado: negar algo que foi dito	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>einen Rückzieher machen</i>	Terra Sonâmbula
“A pessoa deve sair do mundo tal igual como nasceu” (p.11)	“...soll so aus der Welt gehen, wie er sie betreten hat” (p.11)	Tal e qual Significado: igualmente	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>sein, wie er lebt und lebt</i>	A Varanda do Frangipani
“ De vez enquanto... ” (p.23)	“ Zeitweilig... ” (p.21)	De vez em quando Significado: pontualmente	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>immer mal wieder/ ab und zu/ das eine oder andere Mal</i>	Terra Sonâmbula
“... dedo-ante-dedo ” (p.24)	“... auf Fingerspitzen ...” (p.22)	Pé ante pé Significado: andar devagar/sem fazer ruído	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>auf leisen Sohlen herangeschlichen kommen</i>	Terra Sonâmbula
“... nem merecia as penas. ” (p.27)	“...um den lohnte es nicht. ” (p.26)	Não valer/merecer a pena Significado: não ser digno de esforço	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>nicht die Mühe wert sein/ nichts zu bieten haben</i>	Terra Sonâmbula

<p>“...descobrir a razão da vida estar a correr às mil porcarias?” (p.45)</p>	<p>“...warum das Leben jetzt so elendiglich war.” (p.44)</p>	<p>Correr às mil maravilhas</p> <p>Significado: correr bem/sem complicações</p>	<p>Tradução semântica</p> <p>Fraseologismo equivalente: <i>läuft wie am Schnürchen/ von keinem Wölkchen getrübt sein/ etw. läuft wie geölt/ aufs Schönste verlaufen/ über die Bühne gehen</i></p>	<p>Terra Sonâmbula</p>
<p>“Sou eu que ando a ratazanar teu juízo.” (p.46)</p>	<p>“Ich bin es, der wie eine Ratte an deinem Verstand nagt” (p.45)</p>	<p>Atazanar o juízo a alguém</p> <p>Significado: aborrecer/importunar alguém</p>	<p>Tradução semântica</p> <p>Fraseologismo equivalente: <i>jm. auf den Leib rücken/ jm. auf den Nähten knien</i></p>	<p>Terra Sonâmbula</p>
<p>“Eu que desse a vinda por não vinda...” (p.59)</p>	<p>“Ich sollte tun, als ware ich gar nicht gekommen...” (p.59)</p>	<p>Dar o dito por não dito</p> <p>Significado: negar algo que foi dito</p>	<p>Tradução semântica</p> <p>Fraseologismo equivalente: <i>einen Rückzieher machen</i></p>	<p>Terra Sonâmbula</p>
<p>“É um desses buracos onde a noite se esconde com o rabo de fora.” (p.65)</p>	<p>“Eines jener Löcher, wo die Nacht sich versteckt, ein Zipfel aber noch hinausragt.” (p.66)</p>	<p>Haver/ser um gato escondido com o rabo de fora</p> <p>Significado: quando uma acção que deveria ser disfarçada/ escondida é descoberta</p>	<p>Tradução semântica</p> <p>Não existe um fraseologismo equivalente</p>	<p>Terra Sonâmbula</p>
<p>“...sem mais nem porquê” (p.87)</p>	<p>“...ohne Grund und Erklärung” (p.89)</p>	<p>Sem mais nem menos</p> <p>Significado: sem motivo/sem que se previsse/ repentinamente</p> <p>Sem como nem porquê</p> <p>Significado: sem</p>	<p>Tradução semântica</p> <p>Fraseologismo equivalente: <i>ohne weiteres/ auf Knall und Fall</i></p>	<p>Terra Sonâmbula</p>

		motivo		
“... porta dos cavalos ” (p.115)	“... hintenherum ” (p.120)	(Sair pela) porta do cavalo Significado: sair despercebidamente	Tradução semântica Não existe um fraseologismo equivalente	Terra Sonâmbula
“Me agachei em ilegítima defesa. ” (p.121)	“Ich duckte mich, suchte feige Schutz. ” (p.126)	Legítima defesa Significado: em defesa própria	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>aus Notwehr handeln</i>	Terra Sonâmbula
“... conversa perfurada ” (p.131)	“... sinnlosen Streit ” (p.136)	Conversa fiada Significado: conversa sem sentido	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>Larifari sein/so ein Blech sein</i>	Terra Sonâmbula
“Agora vivo de cor e salteado ” (p.125)	“Jetzt lebe ich nach Lust und Laune ” (p.130)	(Saber alguma coisa) de cor e salteado Significado: saber muito bem	Tradução semântica através da equivalência do fraseologismo “a seu bel prazer” ou “como dá a alguém na real gana/na veneta”	Terra Sonâmbula
“As caras em volta eram de nenhuns amigos ” (p.133)	“Die Mienen ringsum waren alles andere als freundlich ” (p.138)	Estar com/ter cara de poucos amigos Significado: estar de mau-humor	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>eine strenge Miene aufsetzen</i>	Terra Sonâmbula
“Nunca fui mancha prazeres ” (p.136)	“Ich war noch nie gern trübsinnig ” (p.141)	Ser desmancha prazeres Significado: estragar o divertimento de alguém	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>ein Frosch/ Quertreiber/ Spielverderber sein</i>	Terra Sonâmbula
“...vou contar tudo, tintins inclusive” (p.152)	“... haargenau ” (p.159)	Tintim por tintim Significado: ao pormenor	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>bis aufs i-</i>	Terra Sonâmbula

			<i>Tüpfelchen</i>	
“Naquele instante, ele tinha mais freios que dentes. ” (p.166)	“In diesem Augenblick hielt ihn mehr zurück, als ihn antrieb. ” (p.174)	Não ter freio na língua/nos dentes Significado: ser muito frontal/directo	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>seinen Gefühlen kein Korsett anzulegen (brauchen)/die Zunge im Zaume halten</i>	Terra Sonâmbula
“Nesse vai-que-vai reconsiderou.” (p.166)	“ Er schwankte , überlegte es sich.” (p.174)	(Nesse/num) vai e não vai Significado: hesitar/ estar numa situação de impasse/de indecisão	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>in eine Sackgasse geraten</i>	Terra Sonâmbula
“ Às duas por uma , ele começou a minguar...” (p.178)	“ Unversehens fing er an zu schrumpfen...” (p.187)	Às duas por três Significado: inesperadamente	Tradução semântica Fraseologismo equivalente: <i>mir nichts, dir nichts</i>	Terra Sonâmbula
“... sem conta nem tempo” (p.203)	“... rasend schnell ” (p.214)	Sem ter em conta (o tempo) Significado: não se importar com	Tradução semântica Ter em conta: Fraseologismo equivalente: <i>in Anschlag bringen/ in Betracht ziehen</i> Não ter em conta: Fraseologismo equivalente: <i>ohne Rücksicht auf jn./etw.</i>	Terra Sonâmbula

Tabela 17 – Tradução semântica – Mia Couto

“...dando o vindo por não ido” – “...den zurückgelegten Weg als nicht gegangen”/
“Eu que desse a vinda por não vinda...” - “Ich sollte tun, als wäre ich gar nicht
gekommen...”

No primeiro exemplo de tradução semântica, Karin von Schweder-Schreiner traduziu a expressão “...dando o vindo por não ido”, recriada a partir do fraseologismo “dar o dito por não dito” por “...den zurückgelegten Weg als nicht gegangen”. Dentro da estratégia da tradução semântica, podemos considerar este caso como uma tradução por uma paráfrase, pois, se fizemos uma tradução literal da solução de Karin von Schweder-Schreiner, obtemos o seguinte resultado: “...(dar) o caminho percorrido como não ido”. Sendo que o fraseologismo equivalente ao original, “dar o dito por não dito”, é a expressão “*einen Rückzieher machen*”, a minha proposta de tradução passaria por incluir o adjetivo “*zurückgezogenen*” (“*den zurückgezogenen Weg als nicht gegangen*”) em vez de “*zurückgelegten*”.

O mesmo sucede com o exemplo “Eu que desse a vinda por não ida”, traduzido por “*Ich sollte tun, als wäre ich gar nicht gekommen...*” e recriado a partir do mesmo fraseologismo referido. Podemos verificar que Karin von Schweder-Schreiner utilizou a estratégia da tradução semântica, mais precisamente da tradução por uma paráfrase em duas situações distintas, nas quais Mia Couto recriou a mesma construção fraseológica.

“A pessoa deve sair do mundo tal igual como nasceu” – “...soll so aus der Welt
gehen, wie er sie betreten hat”

Segue-se o exemplo “A pessoa deve sair do mundo tal igual como nasceu”, traduzido por “...soll so aus der Welt gehen, wie er sie betreten hat”. Neste caso, Karin von Schweder-Schreiner optou por uma tradução semântica, traduzindo “tal igual”, recriação da expressão idiomática “tal e qual”, por “...so...wie”. Considero que a escolha da tradutora foi apropriada, uma vez que o fraseologismo equivalente a “tal e qual”, nomeadamente a expressão “*sein, wie er leibt und lebt*” não pode ocorrer separadamente na frase da mesma forma que “...so...wie”. Assim, não seria possível incluir o fraseologismo equivalente na língua alemã na tradução e manter toda a informação que Karin von Schweder-Schreiner preservou.

“...sem mais nem porquê” – “...ohne Grund und Erklärung”

No que toca ao seguinte exemplo, creio que a tradutora também foi pertinente, ao traduzir a expressão “...sem mais nem porquê”, recriada a partir de dois fraseologismos, nomeadamente “sem mais nem menos” e “sem como nem porquê”, por “*ohne Grund und Erklärung*”, dando prioridade ao significado da construção fraseológica. Isto porque, se Karin von Schweder-Schreiner optasse, por exemplo, por uma tradução equivalente, o sentido do fraseologismo de Mia Couto perder-se-ia, visto que os fraseologismos equivalentes na língua alemã são “*ohne weiteres*” ou “*auf Knall und Fall*” e tais traduções anulariam os elementos “*Grund*” e “*Erklärung*”.

Note-se que este exemplo poderia ainda ser considerado uma recriação ou até uma invenção-reconstrução, pois esta tradução funcionaria enquanto expressão fixa e poderia ser reconhecida pelo leitor do texto de chegada como tal. Ou seja, o leitor tem consciência de que existem na tradução construções que lhe causam alguma estranheza, mas que são reconhecidas por ele como expressões idiomáticas (ou parte delas) ou como provérbios, como é o caso de “*Kopf und Ehre kosten*”, recriado a partir da expressão “*Kopf und Kragen kosten*” (exemplo analisado no ponto 2.3.3). Deste modo, também poderia identificar “*ohne Grund und Erklärung*” como uma recriação da tradutora alemã.

“...porta dos cavalos” – “...hintenherum”/ “...conversa perfurada” – “sinnlosen Streit”

O exemplo “porta dos cavalos”, traduzido por “*hintenherum*” constitui uma colocação, pois apesar de existir a expressão idiomática “sair pela porta do cavalo”, na frase “Eu já lhes conheço: nunca lhes vi em nenhuma bicha, sempre se abastecem de esquemas, porta dos cavalos”, o fraseologismo em causa apenas pode ser considerado uma combinação usual ou preferencial de palavras. O mesmo sucede com “conversa perfurada” (“*sinnlosen Streit*”). Esta última construção foi recriada a partir de “conversa fiada” e em ambos os exemplos a tradutora optou, de uma forma adequada, por uma tradução semântica, pois para “porta dos cavalos” não existe uma expressão equivalente na língua alemã e, no caso da colocação “conversa fiada”, apesar de existirem expressões idiomáticas equivalentes na língua de chegada, como

por exemplo “*Larifari sein*” ou “*so ein Blech sein*”, estas não transmitem a ideia de uma discussão e, neste contexto, a “conversa perfurada” consiste numa disputa.

“Naquele instante, ele tinha mais freios que dentes” - “*In diesem Augenblick hielt ihn mehr zurück, als ihn antrieb*”

Por fim, segue-se ainda a expressão “...tinha mais freios que dentes”, traduzida por “...*hielt ihn mehr zurück, als ihn antrieb*”. A expressão retirada do texto de Mia Couto é uma recriação da expressão idiomática “não ter freio na língua/nos dentes”, que significa ser muito frontal.

Karin von Schweder-Schreiner optou, neste caso, por aplicar a estratégia da tradução semântica, contudo, existem fraseologismos equivalentes na língua alemã com os quais a tradutora poderia ter jogado, tentando também recriar uma construção fraseológica, nomeadamente as expressões “*seinen Gefühlen kein Korsett anzulegen (brauchen)*” e “*die Zunge im Zaume halten*”.

Desta forma, a minha proposta de tradução seria “*In diesem Augenblick hatte er mehr Korsette als Zungen*” (traduzido literalmente: Naquele instante, ele tinha mais freios que línguas), pois o elemento “*Korsett*” representa os freios, ou seja, aquilo que remete para a noção de contenção, e “*Zunge*” corresponde a “dentes”, retratando a ideia de frontalidade.

2.3.6. Fraseologismos não recriados

Para terminar a análise de estratégias de tradução de construções fraseológicas presentes nas traduções alemãs das obras de Mia Couto *A Varanda do Frangipani* e *Terra Sonâmbula*, optei ainda por apresentar uma tabela que contém alguns fraseologismos que Mia Couto não alterou. Estes exemplos foram retirados da segunda obra mencionada e pretendem apenas expor, de forma breve, algumas das estratégias adoptadas por Karin von Schweder-Schreiner nos casos em que o autor moçambicano preservou as unidades fraseológicas originais. É de referir, mais uma vez, que estes fraseologismos não estão incluídos nas estatísticas da página 71.

Construção fraseológica em PT	Construção fraseológica em DE	Significado	Estratégia de tradução
“... faziam a ponte entre esses dois mundos..” (p.16)	“... <i>bildeten die Brücken zwischen den beiden Welten.</i> ” (p.14)	Ser mediador	Equivalência
“... às mãos cheias ” (p.22)	“... <i>mit vollen Händen.</i> ” (p.20)	Em muita quantidade	Equivalência
“...me olhava com os maus fígados ” (p.24)	“... <i>war mir giftig gesonnen.</i> ” (p.22)	Com mau humor	Tradução semântica
“ Fiquei de olhos presos... ” (p.26)	“ <i>Mein Blick heftete sich...</i> ” (p.25)	Fixar o olhar em alguma coisa ou alguém	Equivalência
“Vou lá correr com ele... ” (p.36)	“ <i>Ich jage es weg...</i> ” (p.35)	Mandar alguém embora	Equivalência
“... da cabeça aos pés... ” (p.53)	“... <i>von Kopf bis Fuß.</i> ” (p.53)	Na totalidade	Equivalência
“...vivem a olhos vistos... ” (p.58)	“... <i>leben sehenden Auges...</i> ” (p.58)	De forma evidente	Tradução literal
“...assim do pé para a mão? ” (p.96)	“... <i>von einer Minute zu anderen...</i> ” (p.98)	De repente	Equivalência do fraseologismo “de um momento para o outro”
“... não trocámos palavra. ” (p.110)	“... <i>wechselten wir kein Wort.</i> ” (p.114)	Não falar	Equivalência
“... não dava ouvidos... ” (p.116)	“ <i>Ich hörte nicht mehr...</i> ” (p.121)	Ignorar	Tradução semântica

“...maldades que nem lembram ao diabo. ” (p.152)	“... <i>Sachen gelernt, die würden nicht mal dem Teufel einfallen.</i> ” (p.159)	Algo rebuscado	Equivalência
“Isso não tem remédio, filho.” (p.156)	“ <i>Dagegen hilft nichts, mein Sohn</i> ” (p.163)	Não ter solução	Equivalência

Tabela 18 – Fraseologismos não recriados – Mia Couto

2.4. Conclusão da análise

Após a análise das estratégias de tradução de fraseologismos aplicadas por Karin von Schweder-Schreiner nas suas traduções alemãs das obras *A Varanda do Frangipani* e *Terra Sonâmbula* de Mia Couto, podemos tirar as seguintes conclusões:

1. O número de expressões idiomáticas e de provérbios recriados é consideravelmente superior na obra *Terra Sonâmbula*, em comparação com *A Varanda do Frangipani*
2. As estratégias de tradução mais utilizadas foram a equivalência e a tradução semântica, seguidas da literalidade. As primeiras foram adoptadas em 27% dos casos, reunindo, cada uma, 21 exemplos. Quanto à literalidade, a tradutora recorreu a esta estratégia em 22% dos casos, percentagem correspondente a 17 exemplos.
3. Nas ocasiões em que a tradutora recorreu à equivalência, tentou, em todos os exemplos analisados, encontrar uma expressão equivalente ao fraseologismo original, como por exemplo no caso de “cair nas boas desgraças”, traduzido por “*in Ungnade fallen*”, tradução esta que corresponde à expressão equivalente de “cair nas boas graças”.
4. Karin von Schweder-Schreiner recorreu à literalidade e à tradução semântica quando não foi possível encontrar uma solução na qual a tradutora pudesse recriar a construção fraseológica do autor moçambicano de uma forma eficiente. Contudo, ao contrário daquilo que seria expectável, o significado das construções fraseológicas na língua de chegada não ficou comprometido nos casos em que a tradutora recorreu à literalidade. Ou seja, apesar de a literalidade muitas vezes não resultar enquanto estratégia de tradução de fraseologismos, pelo facto de estas estruturas serem fixas e possuírem um significado muito próprio, que só pode ser decodificado a partir do conjunto dos seus elementos, esta estratégia foi bastante utilizada pela tradutora e em nenhum dos casos, a sua tradução ficou desprovida de sentido.

5. No que toca aos exemplos de recriação, Karin von Schweder-Schreiner conseguiu reinventar uma percentagem considerável de fraseologismos (17%), preservando, assim, na sua tradução, o estilo do autor original. No entanto, em seis exemplos de recriação, foram identificados dois erros de interpretação, nomeadamente na tradução das expressões “grão a grão se enche o papa de galinhas” (“...*fängt man mit Mäusen Katzen*”) e “No papar é que está o ganho” (“*Denn Reden ist Gold*”).
6. Por fim, foram contabilizados ainda 5 exemplos de invenção-reconstrução (7%), o que nos mostra que, se somarmos as percentagens de recriação e de invenção-reconstrução, a tradutora adoptou, em 24% dos casos, estratégias que exigem alguma criatividade, para poder ultrapassar as barreiras que a tradução dos fraseologismos de Mia Couto oferece ao tradutor.

3. Análise de uma tradução portuguesa de Bertolt Brecht

3.1. Introdução a Bertolt Brecht

Bertolt Brecht nasceu em Augsburg a 10 de Fevereiro de 1898. Foi um escritor, dramaturgo e encenador, cuja teoria do “teatro épico” lançou ideias que marcaram o teatro no séc. XX.

Brecht escreveu peças, histórias, poemas, canções, notas e escritos sobre o teatro, sobre a literatura, arte e sociedade. Este conjunto diversificado de trabalhos contribuiu em larga escala para o desenvolvimento da teoria e da prática do teatro épico, pois Bertolt Brecht tinha o desejo de utilizar o teatro para mudar o mundo, a sociedade, as mentalidades, a filosofia e a política do pós-guerra. O seu espírito “dinâmico, flexível e aberto” (LEMOS: 2004, 7) permitiu-lhe dedicar-se a vários projectos em simultâneo, que ele próprio reformulava e questionava, pois tinha medo de que os seus trabalhos fossem antiquados e primitivos, devido a duas tendências que caracterizavam a sua actividade: a simplicidade e o afastamento do sentimentalismo (LEMOS: 2003, 18). Muitos dos seus trabalhos retratam diversos problemas políticos, económicos e sociais que advieram da ascensão do nazismo no final dos anos 20.

Bertolt Brecht estudou medicina e filologia em Munique e frequentou vários seminários de teatro. Contudo, o seu maior desejo era afirmar-se como autor. Começou por escrever críticas de teatro para o jornal *Volkswille* de Augsburg, baladas e peças de teatro de diversos géneros, conseguindo, porém, concretizar o seu sonho apenas quando se mudou para Berlim no final da primeira guerra (LEMOS: 2004, 25). Foi também nesta cidade que Brecht elaborou a teoria do teatro épico e que se dedicou ao estudo do marxismo.

Em 1918, Bertolt Brecht escreveu a primeira peça *Baal* e em 1919 escreveu *Tambores na noite* e as peças em um acto: *A boda*, *O mendigo ou o cão morto*, *Expulsando um demónio*, *Lux in tenebris* e *A pesca*.

Brecht estreou-se como encenador em 1924 com a peça *A vida de Eduardo II de Inglaterra* e a sua peça mais representada em todo o mundo é *A ópera de três vinténs*, de 1928.

Em 1933, quando Hitler subiu ao poder, Brecht foi forçado a sair da Alemanha e a enfrentar quinze duros anos de exílio, passando por Praga, Viena, Zurique e Paris.

Em 1948 Bertolt Brecht regressa à Alemanha, a Berlim, onde fundou o teatro Berliner Ensemble e onde veio a falecer 8 anos mais tarde, a 14 de Agosto de 1956 (LEMOS: 2004, 25).

Várias obras de Brecht foram traduzidas para a língua portuguesa. Em 1940 publicou-se na revista *O Diabo* o primeiro texto de Bertolt Brecht, *A coragem de escrever a verdade*, traduzido por Mário Fonseca. O primeiro texto teatral a ser publicado foi em 1957 *A excepção e a regra*, traduzido por Luiz Fransico Rebello e Fernando Abranches Ferrão, na colectânea *Teatro Moderno. Caminhos e Figuras*. A Portugália Editora iniciou em 1961 a publicação regular do *Teatro* em traduções de Ilse Losa, onde se inclui a tradução da peça *Ti Coragem e os seus filhos*.

3.2. O estilo de Bertolt Brecht

Ao contrário daquilo que acontece com Mia Couto, em Bertolt Brecht não podemos falar apenas de um estilo de escrita, pois o seu conjunto diversificado de trabalhos reflecte a forma como Brecht passou por diversas transformações sociais e políticas resultantes da época entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial: a República de Weimar, a ascensão do nazismo, a guerra, o exílio e a divisão da Alemanha (LEMOS: 2004, 17). Contudo, a escrita de Brecht foi marcada pela teoria do teatro épico, por ele desenvolvida. Foi com esta teoria que Brecht “lançou um fórum de discussão de ideias que marcou o teatro do século XX” (LEMOS: 2004, 7).

Vera Lemos (LEMOS: 2005, 9) afirma que o teatro épico pode ser considerado um teatro “da época científica”, “experimental”, “filosófico”, “não-aristotélico”, “dialéctico” e “didáctico”.

Brecht entendia o teatro épico como “teatro da época científica, pelo facto de tratar temas da actualidade, incluir referências a vários ramos da ciência tais como a economia, a sociologia e a história, e utilizar inovações técnicas na sua linguagem cénica, o que permite que a realidade do mundo moderno seja retratada através do carácter transitório das situações e do homem “como sujeito que se transforma e age para transformar o mundo” (LEMOS: 2005, 10).

O teatro épico pode ainda ser visto como um teatro “experimental”, pois Brecht usa o teatro para desenvolver estudos sobre o homem, tal e qual como acontece com fenómenos da natureza (LEMOS: 2005, 10). Importa referir que estes estudos também se alargam ao espectador. Brecht afirma que enquanto o espectador do teatro dramático diz “Sim, também já senti aquilo. – Sou assim. – É natural [...]. Choro com os que choram, rio com os que riem”, o espectador do teatro épico diz “Não pensei que aquilo fosse possível. – Não é assim que se faz as coisas. – É mesmo muito surpreendente, quase inacreditável [...]. Rio dos que choram, choro pelos que riem.” (Citado em LEMOS: 2005, 11).

Também o adjetivo “filosófico” é utilizado para caracterizar o teatro épico, visto que se pretende estimular no espectador o interesse pelas acções humanas e pelas suas consequências. Além disso, ao contrário do que sucede com o teatro aristotélico - o teatro tradicional - o teatro épico é também marcado pelo efeito de estranhamento. Este *Verfremdungseffekt* ou *V-Effekt* pressupõe um teatro com características não naturalistas e tem como objectivos perturbar a fluidez da acção e

despertar no espectador um espírito de observação, de análise e de reflexão crítica, de forma a que este tenha vontade de transformar o mundo. Deste modo, podemos falar também de um carácter “dialéctico” e “didáctico” do teatro épico, pelo facto de promover a discussão, o raciocínio, o poder de argumentação e a aprendizagem.

Por outro lado, além do conceito de “teatro épico”, quando falamos de Bertolt Brecht, não podemos deixar de referir o expressionismo.

No início do séc. XX, com o fim da guerra e o fim do império, surgiu o movimento expressionista, época na qual se proclamava a necessidade de transformar e humanizar o mundo regenerando a condição humana (LEMOS: 2003, 19-20).

O expressionismo encontrou então no teatro o espaço ideal para o seu conceito de renovação. Bertolt Brecht, porém, desprende-se desde cedo do expressionismo e seguiu o seu próprio caminho, apesar de apresentar nas suas primeiras peças algumas características daquele movimento. Contudo, tais peças de Brecht, como *Baal* e *Tambores na noite*, não podem ser consideradas expressionistas. Isto porque, durante a ascensão do expressionismo, Brecht ainda estudava no liceu em Augsburg, cidade onde o movimento não se fazia sentir. Era também mais novo do que os expressionistas propriamente ditos e não participou activamente na guerra que os marcou. Brecht tinha como interesse principal afirmar-se como escritor e como alguém que tinha algo novo para dizer, pelo que o expressionismo estimulou Brecht a ser diferente e a definir as suas próprias ideias (LEMOS: 2003, 20), até porque considerava o drama expressionista excessivo e irrealista. No texto *Über den Expressionismus (Sobre o expressionismo)*, Brecht afirma inclusivamente que o “expressionismo significa exagero grosseiro” (citado em LEMOS: 2003, 21).

Ou seja, no caso de Bertolt Brecht importa referir que não estamos perante uma forma de escrita apenas. No entanto, o expressionismo foi um movimento que influenciou, de alguma forma, a juventude deste autor, que acabou por desenvolver uma teoria própria do teatro épico, conseguindo assim utilizar o teatro para retratar o mundo. E é justamente nesse contexto do teatro épico, um teatro que retrata temas relacionados com a sociologia e a história, que estuda o homem e as suas acções, e que pretende suscitar no espectador um espírito crítico, que surge a peça *Mutter Courage und Ihre Kinder*.

A acção desta peça desenrola-se durante a Guerra dos Trinta Anos e a história é sobre uma mulher, Mãe Coragem, que lucrava com a guerra, mas que acabou por perder os seus três filhos, Katrin, Eilif e *Schweizerkas* para essa mesma guerra da qual

tirava partido. Uma vez que a linguagem da peça é extremamente coloquial, esta contém inúmeras construções fraseológicas (expressões idiomáticas, provérbios, colocações, etc.) e, por essa razão, selecionei esta obra para o meu trabalho. Contudo, as construções fraseológicas não são recriadas, ao contrário daquilo que sucede nas obras de Mia Couto.

Observemos então as estratégias de tradução de unidades fraseológicas adoptadas por Ilse Losa na sua tradução *Ti Coragem e os seus filhos*.

3.3. Análise de estratégias de tradução

Para proceder à análise das estratégias de tradução de construções fraseológicas utilizadas por Ilse Losa na tradução portuguesa da peça de Bertolt Brecht *Mutter Courage und ihre Kinder* (*Ti Coragem e os seus filhos*), recolhi 177 fraseologismos.

Tal como sucedeu no ponto 2.3., optei por introduzir este capítulo com a apresentação de um gráfico que representa a percentagem de estratégias adoptadas. No caso da tradução da peça de Bertolt Brecht, contrariamente ao que sucede em *Mia Couto*, está presente a estratégia da compensação e esta é, inclusivamente, uma das estratégias mais utilizadas pela tradutora para compensar os casos em que é utilizada a estratégia da literalidade e da tradução semântica.

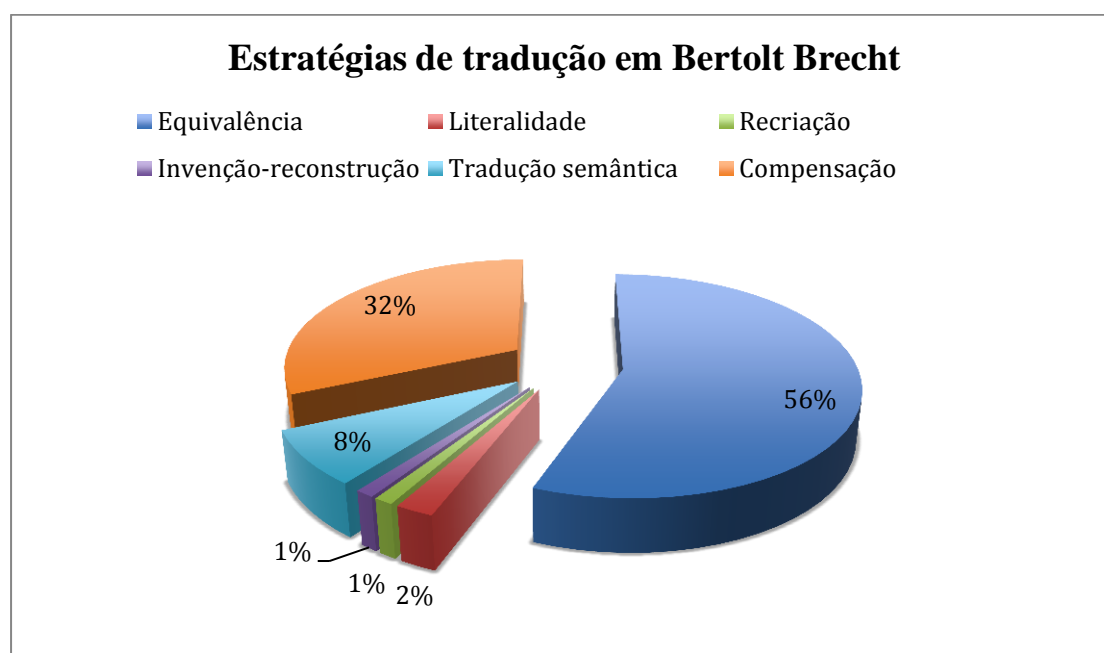


Figura 5 – Estratégias de tradução em Bertolt Brecht

Como podemos ver, Ilse Losa recorreu em mais de metade dos exemplos apresentados, nomeadamente em 99 casos, à estratégia da equivalência (56%). A segunda estratégia mais utilizada foi a estratégia da compensação, com 56 fraseologismos recolhidos (32%), seguida da tradução semântica, com 8% de utilização, o que corresponde a 14 construções fraseológicas. As estratégias menos utilizadas foram a estratégia da literalidade, com 4 exemplos (2%) e as estratégias da

recriação e da invenção-reconstrução, sendo que cada uma soma apenas 2 exemplos (1%).

Se estabelecermos uma breve comparação entre estas percentagens e aquelas aplicadas por Karin von Schweder-Schreiner nas suas traduções, rapidamente chegamos à conclusão de que a tradutora de Mia Couto recorreu com muito mais frequência à estratégia da recriação (17%) e à estratégia da invenção-reconstrução (7%). Ou seja, no caso das traduções de Mia Couto, a criatividade teve um papel mais marcante, tendo sido utilizada como estratégia de tradução em quase um quarto (24%) dos exemplos, pelo facto de o autor também recriar e modificar os fraseologismos nas suas obras. Note-se também que a tradutora de Mia Couto recorreu frequentemente à estratégia da literalidade (22%) e da tradução semântica (27%) – ao contrário da tradutora de Bertolt Brecht - como forma de ultrapassar as dificuldades que as “brinciações” de Mia Couto apresentam.

Seguem-se então as tabelas com os exemplos recolhidos da peça *Mutter Courage und ihre Kinder* e da respectiva tradução.

3.3.1. Equivalência

A seguinte tabela apresenta os casos em que Ilse Losa recorreu à estratégia da equivalência para traduzir as construções fraseológicas presentes na obra de Bertolt Brecht. Como vimos anteriormente, a equivalência foi a estratégia mais utilizada pela tradutora, constituindo 99 exemplos (56%).

Construção fraseológica em DE	Construção fraseológica em PT	Significado
“...durch die Finger gesehen” (p.7)	“Faço vista grossa” (p.9)	Não fazer nenhum reparo/Ignorar alguma coisa
“Die Menschheit schießt ins Kraut...” (p.7)	“A humanidade aumenta a torto e a direito” (p.10)	De forma descontrolada
“...erst der Krieg schafft Ordnung” (p.7)	“...só a guerra põe tudo em ordem” (p.10)	Arranjar/compor
“...es war höchste Zeit” (p.9)	“não havia tempo a perder” (p.12)	Ser altura de agir
“...weiß Gott...” (p.9)	“...sabe Deus...” (p.13)	Ninguém sabe/Não é certo
“...sonst ist sie für die Katz” (p.9)	“...senão o mapa não vale dez reis de mel coado” (p.13)	Não ter valor
“...und tragen die Sach aus...” (p.12)	“...vamos ajustar contas...” (p.17)	Agir com intenção de vingança
“Der steckt euch ins Loch” (p.12)	“Há-de metê-lo no xadrez” (p.17)	Pôr alguém para a prisão
“Ja, unterm Boden vielleicht” (p.13)	“Sim, debaixo da terra, talvez” (p.19)	Estar morto
“Sie hat das Zweite Gesicht” (p.14)	“Ela tem o sexto sentido” (p.19)	Ter uma intuição apurada
“Hölle und Teufel” (p.14)	“Com mil diabos” (p.21)	Expressão de espanto
“...laß mich von dir nicht anschmieren” (p.14)	“...a mim não meavas” (p.21)	Não convencer alguém de alguma coisa
“Laß du dich nicht ins Bockshorn jagen” (p.14)	“Não te deixes levar” (p.20)	Não se deixar enganar/convencer
“Das Maul hältst du” (p.15)	“Cala o bico” (p.21)	Ordem para alguém se calar
“...wie die Kälber zum Salz” (p.15)	“...meter-se na boca do lobo” (p.21)	Colocar-se em perigo

“ Im Lenz des Lebens ” (p.15)	“... na flor da vida ” (p.22)	No auge da vida
“... ins Gras beißen ” (p.15)	“... morderá o pó ” (p.22)	Morrer
“Wenn du dir in die Hosen machst ” (p.15)	“Se estás a borrar-te de medo ” (p.22)	Ter muito medo
“ Mich trifft auch ” (p.16)	“Também me toca a mim ” (p.23)	Algo ser da responsabilidade de alguém ou afectar alguém
“ Du hast ein gutes Herz ” (p.16)	“ Tens bom coração ” (p.23)	Ser bondoso
“Und dann heben wir einen unter Männern” (p.17)	“E nós vamos tomar um copinho entre homens” (p.24)	Ir beber alguma coisa
“So sollst du dir nicht zu Herzen nehmen ” (p.17)	“Não tomes a coisa tanto a peito ” (p.24)	Levar algo muito a sério/pessoalmente
“...die Weiber reißen sich um dich ” (p.17)	“As mulheres hão-de correr todas atrás de ti ” (p.25)	Ter interesse em alguém
“... in die Fresse hauen ” (p.17)	“... partir-me as ventas ” (p.25)	Bater em alguém
“Ich bin ein gebranntes Kind ” (p.17)	“ Sou gato escaldado ” (p.25)	Quando o comportamento de alguém fica condicionado devido a uma má experiência em circunstâncias semelhantes
“... ums Eck ” (p.19)	“é só virar a esquina ” (p.26)	Ser perto
“... sie schlecken sich die Finger ” (p.19)	“...faz-lhes crescer água na boca ” (p.27)	Abrir o apetite
“... das muß in Ihren Kopf [...] hinein ” (p.19)	“...é preciso que meta isto na cabeça ” (p.27)	Mentalizar-se de alguma coisa
“Sie nagen am Hungertuch ” (p.19)	“... a cair de fome ” (p.27)	Ter fome
“Der Feldhauptmann wird Ihnen den Kopf abreißen ” (p.19)	“O capitão torce-lhe o pescoço ” (p.27)	Reprovar uma atitude
“Der Feldprediger kriegt einen Dreck ” (p.20)	“O capelão chucha no dedo ” (p.29)	Não ficar com nada
“...hab ich ihn aus den Augen verloren ” (p.21)	“...que o tinha perdido de vista ” (p.29)	Deixar de ver
“... in hoher Gunst stehen” (p.21)	“...estar nas boas graças ” (p.29)	Conseguir o reconhecimento de alguém
“... unter der Hand, in der Nacht ” (p.22)	“... pela calada da noite ” (p.31)	Durante a noite
“...daß ihnen das Wasser im Maul zusammengelaufen ist ” (p.22)	“...que a água lhes crescia na boca ” (p.31)	Abrir o apetite
“ Lacht’ ihr kalt ins Gesicht ” (p.24)	“ Riu-lhe na cara... ” (p.35)	Rir-se descaradamente à frente de alguém
“... wie die Fisch im Wasser ” (p.25)	“... como peixes na água ” (p.36)	Estar num ambiente confortável

“...daß du sicher nicht auf den Gedanken kommst... ” (p.27)	“...que nem por sombras sonha em... ” (p.38)	Pensar em
“...wie nix...” (p.28)	“...como se nada fosse...” (p.39)	Ignorar o sucedido
“...ich werd fertig mit euch ” (p.30)	“...trato-vos da saúde a todos ” (p.42)	Expressão de ameaça
“...liegt einer unterm grünen Rasen ” (p.31)	“...a fazer tijolo...” (p.43)	Morrer
“ Sie habens ihm angetan ” (p.31)	“...está perdido por si” (p.43)	Estar apaixonado por alguém
“...hat sich der König genug kosten lassen ” (p.32)	“...custou-lhe caro” (p.45)	Sofrer consequências graves
“...hat der König keinen Spaß gekannt ” (p.32)	“...não estava com meias medidas ” (p.45)	Sem rodeios
“...hat er immer ein gutes Gewissen gehabt ” (p.33)	“...a sua consciência estava limpa ” (p.45)	Estar tranquilo com uma decisão
“ Um Himmels willen ” (p.36)	“ Deus nos valha ” (p.49)	Expressão de desabafo
“Ich glaub, daß ich mirs gericht hab ” (p.36)	“...consequirei dar um jeito à coisa” (p.51)	Compor uma situação
“So haben sie ein Aug zuge drückt ” (p.37)	“...fecharam os olhos” (p.51)	Fingir que não vê/ignorar
“...hat unser Feldhauptmann solche Dresche vom Feind eingesteckt ” (p.37)	“...apanhou uma surra ” (p.51)	Ser espancado
“... kaltblütig ...” (p.38)	“...a sangue-frio ...” (p.53)	Sem compaixão
“Ihr bringt mich noch unter den Boden ” (p.39)	“Não tarda que eu esteja debaixo da terra ” (p.53)	Fraseologismo alemão: matar Tradução: estar morto
“ Es ist auf Leben und Tod ” (p.43)	“ É uma questão de vida ou de morte ” (p.60)	Uma questão importante
“... lieber lauf ich mir die Fuß in den Leib ...” (p.44)	“...antes ir ao fim do mundo ...” (p.61)	Preterir alguma coisa
“...wir gehens gleich durch ” (p.45)	“...vamos já dar uma vista de olhos pelas coisas” (p.63)	Ver alguma coisa
“...ich muß alles durchgehen ” (p.45)	“...preciso de passar os olhos por isso...” (p.63)	Ver alguma coisa
“...wie lang ihr Obrist bei der Stange bleibt ” (p.46)	“...quanto tempo o coronel se aguentará nas pernas ” (p.64)	Suportar alguma coisa
“ Es wird überall mit Wasser gekocht ” (p.48)	“ Enquanto há vida há esperança ” (p.66)	Provérbio que significa que existe esperança enquanto vivermos
“ Der Herr wirds zum Guten lenken ” (p.48)	“...Nosso Senhor escreve direito por linhas tortas ” (p.66)	Expressão que significa que, ainda que alguma coisa possa parecer errada, tem uma razão de ser
“... halten Sie das Maul ” (p.50)	“...cale o bico ” (p.68)	Estar calado
“...als ob ich ein schlechtes Gewissen hätt ” (p.50)	“...podem pensar que tenho a consciência pesada ” (p.68)	Ter consciência de ter feito alguma coisa errada

“Er muß hin sein ” (p.50)	“Quero dar cabo dele ” (p.69)	Destruir
“...und der Rittmeister hält sich an mich ” (p.52)	“...o capitão deitava as culpas para cima de mim ” (p.71)	Culpar
“...wie Sie den Schwanz einziehn ” (p.52)	“...está a meter o rabo entre as pernas ” (p.71)	Ficar com medo
“... jeder ist seines Glückes Schmied ” (p.53)	“... quem faz a cama nela se deita ” (p.72)	Provérbio que significa que cada um recebe as suas acções em retorno
“ Der Mensch denkt, Gott lenkt ” (p.53)	“ O homem põe e Deus dispõe ” (p.73)	Provérbio que significa que Deus tem a decisão final sobre tudo o que o Homem faz
“... mit dem Kopf kann man nicht durch die Wand ” (p.53)	“...não adianta bater com a cabeça nas paredes ” (p.73)	Expressão original: “mit dem Kopf durch die Wand wollen” Significado: martirizar-se por alguma coisa
“... soll ich herhalten ” (p.56)	“Agora sou eu quem paga as favas ” (p.76)	Sofrer as consequências
“Die pfeifen dir aufn Glauben ” (p.56)	“ Querem lá saber da fé ” (p.76)	Não ter interesse em saber alguma coisa
“...sonst schmier ich dir eine ” (p.56)	“...ou chego-te ” (p.77)	Bater em alguém
“...die Mutter kommt schon zu sich ” (p.57)	“...a mãe está a voltar a si ” (p.78)	Recuperar os sentidos/a consciência/o fôlego
“... das Schlamassel ist da ” (p.60)	“... está o caldo entornado ” (p.82)	Quando alguma coisa está irremediavelmente arruinada
“...möcht er sich nicht halten können ” (p.61)	“... não se aguentava nas pernas ” (p.83)	Não ter capacidade para suportar alguma coisa
“...Kinder in die Welt setzen ” (p.62)	“... dar à luz crianças” (p.85)	Parir
“... daß Ihnen Hören und Sehen vergeht ” (p.64)	“... até ficava parva ” (p.88)	Ficar espantado
“Muß das in aller Herrgottsfrüh sein?” (p.68)	“Tem de ser a estas horas da madrugada? ” (p.93)	Muito cedo
“...es geht auf ein Aufwaschen ” (p.51)	“ Vai tudo numa vez ” (p.69)	Tudo ao mesmo tempo
“... bricht mirn Hals ” (p.71)	“... é a minha perdição ” (p.97)	Gostar muito de alguma coisa
“Sie haben immer noch Haare auf die Zähn ” (p.71)	“...continua a ter cabelo na venta ” (p.98)	Ser firme
“...das ist ein Hundeleben ” (p.72)	“... levar uma vida de cão ” (p.99)	Ter uma vida difícil
“...sein Leben in die Schanz schlägt ” (p.72)	“...atirar com a vida pela borda fora ” (p.99)	Desperdiçar
“Ich hab überhaupt mit Ihnen noch ein Hühnchen zu rupfen ” (p.72)	“Mas tenho de ajustar contas consigo ” (p.99)	Agir com intenção de vingança
“ Wos raucht, ist Feuer ” (p.79)	“ Onde há fumo, há fogo ” (p.111)	Provérbio Significa que se há um indício de que alguma coisa

		está mal, é porque muito provavelmente o está
“...muß aus den Federn kriechen” (p.81)	“...tem de sair do choco do vale dos lençóis” (p.112)	Acordar
“Auf der Straß ist kein Leben auf die Dauer” (p.82)	“...não convém viver toda a vida na estrada” (p.114)	Por muito tempo
“Das kannst du ihnen nicht verdenken” (p.83)	“E não se lhes pode levar a mal” (p.115)	Não poder condenar alguém por alguma coisa
“Halts Maul” (p.83)	“Cala o bico” (p.115)	Ordem para mandar alguém se calar
“...habens vielleicht auch nicht leicht” (p.85)	“...não têm, talvez, boa vida” (p.117)	Ter dificuldades na vida
“...wars dein letztes Wort?” (p.86)	“...é a tua última palavra” (p.119)	Estar irredutível/não mudar de ideias
“Bist du von Gott und alle guten Geisten verlassen?” (p.86)	“Perdeste o juízo?” (p.119)	Deixar de ter bom senso
“...daß ich ihm deinetwegen den Laufpaß gegeben hab” (p.87)	“...que o mando passear por tua causa” (p.120)	Abandonar
“...sind in deiner Hand” (p.91)	“...estamos nas tuas mãos” (p.126)	Estar dependente de alguém
“Sie hat den Verstand verloren” (p.91)	“Perdeu o juízo” (p.127)	Deixar de ter bom senso
“Hast gar kein Herz?” (p.92)	“Não tens coração?” (p.127)	Ter coração = ser bondoso
“Hin sind wir...” (p.92)	“...estamos perdidos” (p.127)	Estar numa situação difícil
“Ihr seids alle verschworen” (p.92)	“Estão feitos uns com os outros” (p.128)	Ser cúmplice
“Wenn ich dir mein Wort gebe” (p.93)	“Dou-te a minha palavra” (p.128)	Prometer
“...hat Schaum vorm Mund” (p.94)	“...vai estojar de raiva” (p.94)	Estar extremamente zangado
“Eia popeia” (p.95)	“Faz ó-ó” (p.132)	Expressão para embalar as crianças
“...Ihren Schnitt machen” (p.96)	“...atrás da sua negociata” (p.133)	Fazer um negócio
“...sie ist hinüber” (p.96)	“...se ficou” (p.133)	Morrer

Tabela 19 – Equivalência – Bertolt Brecht

“...ist sie für die Katz” – “...não vale dez reis de mel coado”

Neste exemplo de tradução por um equivalente, o fraseologismo “für die Katz sein”, que significa “não ter valor”, foi traduzido por “não vale dez reis de mel coado”. Tanto a expressão alemã como a portuguesa constituem construções fraseológicas que já caíram em desuso, o que mostra que a tradutora tentou adaptar a

sua tradução a uma época passada, visto que a peça *Ti Coragem e os seus filhos* se desenrola entre 1624 e 1635, durante a Guerra dos Trinta Anos.

“...jeder ist seines Glückes Schmied” – “...quem faz a cama nela se deita”

No que toca ao exemplo “*jeder ist seines Glückes Schmied*”, Ilse Losa traduziu esta expressão por “...quem faz a cama nela se deita”. Apesar de este fraseologismo ser um equivalente parcial, ou seja, um equivalente em termos semânticos, e de existirem inclusivamente várias versões desta construção, como por exemplo “Quem boa cama faz, nela se deita”, “Quem bem faz a cama, bem nela se deita”, “Na cama que farás, nela te deitarás” ou “Cada um se deita na cama que faz”, creio que a expressão “Cada um colhe o que semeia” se aproxima mais do fraseologismo alemão, pelo que seria esta a minha proposta.

“...Kinder in die Welt setzen” – “...dar à luz crianças”/ “...bricht mirn Hals” – “...é a minha perdição”

Neste exemplo, Ilse Losa traduziu “...*Kinder in die Welt setzen*” por “...dar à luz crianças”. Apesar de a tradutora ter traduzido o fraseologismo “*in die Welt setzen*” por uma construção equivalente em português, creio que a tradução mais aproximada, tanto do ponto de vista semântico, como formal, seria “trazer ao mundo”.

O mesmo se aplica à expressão “...*bricht mirn Hals*” traduzida por “...é a minha perdição”. Neste caso a tradutora recorreu a uma expressão equivalente, contudo, penso que o fraseologismo “dá cabo de mim” seria uma alternativa mais fiel à expressão alemã, pois “*bricht mirn Hals*” (“parte-me o pescoço”) tem presente a ideia de destruir ou partir, tal como a construção “dar cabo de”.

“...muß aus den Federn kriechen” – “...tem de sair do choco do vale dos lençóis”

Neste ponto, Ilse Losa traduziu “...*muß aus den Federn kriechen*” por “...tem de sair do choco do vale dos lençóis”. Acontece que, nesta tradução, estão presentes dois fraseologismos equivalentes de “*aus den Federn kriechen*” (acordar), nomeadamente “sair do choco” e “estar no/sair do vale dos lençóis”. Desta forma, a

minha proposta de tradução para este exemplo passaria por seleccionar apenas uma das expressões.

“...hat Schaum vorm Mund” – “...vai estoirar de raiva”/ ...Ihren Schnitt machen”
– “...atrás da sua negociata”

Para terminar a análise dos exemplos de equivalência na peça de Bertolt Brecht traduzida por Ilse Losa, gostaria de comentar as traduções das expressões “...hat Schaum vorm Mund” e “...Ihren Schnitt machen”.

O fraseologismo “*Schaum vorm Mund haben*”, cuja tradução literal é “ter espuma à frente da boca”, foi traduzido por “estoirar de raiva”. Contudo, creio que uma possível alternativa seria recorrer à expressão idiomática “espumar de raiva”, visto que o elemento “*Schaum*” (espuma) continuaria presente na tradução.

No que toca à expressão “*Ihren Schnitt machen*”, esta foi traduzida por “...atrás da sua negociata” (“Se a senhora não tem ido à cidade atrás da sua negociata, não tinha acontecido nada”). Neste caso, a tradutora tentou encontrar um fraseologismo equivalente. Porém, a tradução de Ilse Losa não pode ser, na minha opinião, considerada uma expressão idiomática, visto não ser uma construção consagrada pelo uso e pelo facto de a palavra “negociata” não poder, por si só, constituir um fraseologismo. Deste modo, proponho o fraseologismo “vender o seu peixe” como alternativa: “Se a senhora não tem ido à cidade tentar vender o seu peixe, não tinha acontecido nada”.

3.3.2. Literalidade

Seguem-se os exemplos nos quais Ilse Losa recorreu à literalidade para traduzir as unidades fraseológicas presentes na peça *Mutter Courage und ihre Kinder*. Esta estratégia foi utilizada apenas em 2% dos casos, ou seja, em 4 exemplos, sendo uma das estratégias menos utilizadas pela tradutora. Tal como sucedeu na tabela da literalidade no capítulo sobre Mia Couto (Tabela 14), também neste ponto optei por incluir o fraseologismo equivalente na língua de chegada para uma análise mais completa.

Construção fraseológica em DE	Construção fraseológica em PT	Significado
“...wie eine Leich auf Urlaub” (p.13)	“...tens o ar de um cadáver que está de licença ” (p.19)	Estar pálido/com um ar cansado ou doente Fraseologismo equivalente: estar com ar de quem está para morrer
“...die machen aus mir Hackfleisch ” (p.22)	“...de me transformar em carne picada ” (p.31)	Destruir/desfazer/matar Fraseologismo equivalente: fazer alguém em fânicos/em picadinho/em pedaços
“...da ist keine Minut zu verlieren” (p.46)	“... não há um minuto a perder ” (p.63)	Expressão que indica que alguém tem de fazer algo rapidamente Fraseologismo equivalente: não há tempo a perder
“Wer mitn Teufel frühstücken will, muß ein langen Löffel haben ” (p.73)	“ Se vais comer com o diabo, leva uma colher comprida ” (p.100)	Provérbio. Significado: Quando se está perto de alguém maldoso, deve manter distância suficiente Sem equivalente

Tabela 20 – Literalidade – Bertolt Brecht

“...wie eine Leich auf Urlaub” – “...tens o ar de um cadáver que está de licença”

No primeiro exemplo Ilse Losa traduziu “...wie eine Leiche auf Urlaub” por “...tens o ar de um cadáver que está de licença”. A expressão alemã “wie eine Leiche auf Urlaub aussehen” (“parecer um cadáver de férias”) é utilizada quando alguém

aparenta estar cansado ou doente. Creio que a solução apresentada pela tradutora causa alguma estranheza ao leitor da língua de chegada, pois esta literalidade acaba por ser opaca e talvez até ambígua. Isto porque “ter o ar de um cadáver” indica não estar com uma boa aparência. Contudo, a restante expressão “que está de licença” pode induzir o leitor em erro, pelo facto de ter uma conotação positiva relacionada com um período de férias ou de descanso. A minha proposta seria uma tradução por uma expressão equivalente, como por exemplo “tens o ar de quem está para morrer”. Desta forma o significado do fraseologismo torna-se mais evidente e preservamos o elemento “morrer”, associado a “*Leiche*” (cadáver).

“...die machen aus mir Hackfleisch” – “...de me transformar em carne picada”/
“...da ist keine Minut zu verlieren” – “...não há um minuto a perder

No segundo exemplo da tabela, a tradutora da obra de Brecht traduziu “...die machen aus mir Hackfleisch”, que significa destruir ou matar alguém, por “...de me transformar em carne picada”. Apesar de o significado desta tradução literal ser evidente para o leitor da língua B, a minha proposta passaria por uma expressão equivalente mais utilizada e reconhecida enquanto expressão idiomática, nomeadamente “...de me fazer em pedaços/em picadinho/em fãnicos”.

O mesmo sucede com o terceiro exemplo “...da ist keine Minut zu verlieren”, traduzido por “...não há um minuto a perder”. O sentido da expressão resultante da tradução literal é claro para o leitor, contudo, o fraseologismo mais utilizado como expressão idiomática seria “não há tempo a perder”.

“Wer mitn Teufel frühstücken will, muß ein langen Löffel haben” – “Se vais
comer com o diabo, leva uma colher comprida”

Finalmente, para concluir os exemplos de tradução literal, temos o provérbio “Wer mitn Teufel frühstücken will, muß ein langen Löffel haben” (“Se vais comer com o diabo, leva uma colher comprida”). O provérbio alemão significa que devemos manter distância quando estamos perante alguém maldoso e, apesar de a tradutora ter recorrido à literalidade e de esta tradução causar alguma estranheza ao leitor da língua portuguesa, que não conhece o provérbio, creio que a compreensão do fraseologismo não fica comprometida, sendo que o leitor consegue descodificar o seu significado.

3.3.3. Recriação

Segue-se a estratégia da recriação, que, a par da invenção-reconstrução, foi a estratégia menos utilizada pela tradutora Ilse Losa, tendo sido encontrados apenas 2 exemplos (1%) para cada estratégia.

Construção fraseológica em DE	Construção fraseológica em PT	Significado
“...wo eine Wille ist, ist ein Weg” (p.54)	“Quem tem unhas é que toca guitarra” (p.74)	Recriação do provérbio “Quem não tem unhas não toca guitarra” Significado: Apenas quem tem possibilidades para fazer algo, pode fazê-lo
“Gottes Mühlen mahlen langsam” (p.76)	“Quem tem esperança sempre alcança” (p.105)	Recriação do provérbio “Quem espera sempre alcança” Significado: Quem age mal será castigado mais tarde ou mais cedo

Tabela 21 – Recriação – Bertolt Brecht

“...wo eine Wille ist, ist ein Weg” – “Quem tem unhas é que toca guitarra”

O primeiro exemplo “...wo eine Wille ist, ist ein Weg” foi traduzido por “Quem tem unhas é que toca guitarra”. Neste caso, estamos perante uma recriação do provérbio “Quem não tem unhas não toca guitarra”, que significa que quem não tem possibilidade para fazer alguma coisa, não a pode fazer. Contudo, o equivalente do fraseologismo alemão seria “onde há uma vontade, há um caminho”, provérbio este que significa que quem quer realmente fazer alguma coisa, arranja sempre forma de a fazer. Creio que, neste caso, a tradução pelo equivalente seria a solução mais adequada. Outra alternativa seria utilizar a expressão “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, pois também esta construção fraseológica significa que, com persistência, todas as dificuldades se ultrapassam.

“Gottes Mühlen mahlen langsam” – “Quem tem esperança sempre alcança”

No segundo exemplo “*Gottes Mühlen mahlen langsam*”, traduzido por “Quem tem esperança sempre alcança”, estamos também perante uma recriação do provérbio português “Quem espera sempre alcança”. No entanto, o significado do fraseologismo em português não corresponde totalmente ao significado da construção fraseológica da língua de partida, visto que este último significa que aquele que age mal será, mais tarde ou mais cedo, castigado. Deste modo, uma proposta de tradução da minha parte seria recorrer a um provérbio com um significado equivalente, como por exemplo “O castigo demora mas não tarda”, “Deus tarda mas não falha” ou até à expressão idiomática “Não perdes pela demora”.

3.3.4. Invenção-reconstrução

Quanto à estratégia da invenção-reconstrução, foram encontrados também 2 exemplos (1%) na tradução da peça de Bertolt Brecht:

Construção fraseológica em DE	Construção fraseológica em PT	Significado
“...eine Hand wäscht die andre” (p.53)	“...a mão esquerda não sabe o que faz a direita” (p.73)	Provérbio que significa ajudar-se mutuamente/trabalhar em equipa
“Man muß sich nach der Decke strecken” (p.54)	“Cada qual sabe as linhas com que se cose” (p.74)	Significado do fraseologismo alemão: ter de viver com pouco dinheiro/viver de acordo com as possibilidades

Tabela 22 – Invenção-reconstrução – Bertolt Brecht

“...eine Hand wäscht die andre” – “...a mão esquerda não sabe o que faz a direita”

No primeiro exemplo da estratégia da invenção-reconstrução, Ilse Losa traduziu *“eine Hand wäscht die andre”* por “a mão esquerda não sabe o que faz a direita”. Creio que estamos perante um erro de tradução, visto que a expressão equivalente em português seria “uma mão lava a outra”, que significa trabalhar em equipa ou ajuda mútua.

“Man muß sich nach der Decke strecken” – “Cada um sabe as linhas com que se cose”

Quanto ao segundo exemplo, a tradutora optou também pela estratégia da invenção-reconstrução para traduzir a expressão *“Man muß sich nach der Decke strecken”*. Ilse Losa criou a expressão “Cada um sabe as linhas com que se cose”. Porém, parece-me que a tradutora quis criar um fraseologismo que significa algo como “cada um sabe de si/da sua vida” e acontece que a construção fraseológica da língua alemã não tem esse sentido. A expressão *“sich nach der Decke stecken”* significa ter de viver com pouco dinheiro, pelo que uma solução possível para traduzir

este fraseologismo seria uma expressão equivalente como por exemplo “apertar os cordões à bolsa”.

3.3.5. Tradução semântica

No que toca aos exemplos de tradução semântica, Ilse Losa recorreu a esta estratégia em 8% dos casos, o que corresponde a 14 exemplos.

Também nesta tabela incluirei os fraseologismos equivalentes na língua de chegada em jeito de proposta de tradução.

Construção fraseológica em DE	Construção fraseológica em PT	Significado
“...weil mir was schwant ” (p.7)	“...porque me palpita qualquer coisa de mau ” (p.9)	Pressentir que algo de mal vai acontecer Fraseologismo equivalente: ter um mau pressentimento
“Willst du mich auf den Arm nehmen? ” (p.9)	“A mim não me seduzes ” (p.13)	Tentar enganar alguém Fraseologismo equivalente: levar alguém (“A mim não me levas”)
“... das gehört sich nicht ” (p.10)	“...isso não são inconveniências que se digam ” (p.13)	Ser inapropriado Fraseologismo equivalente: não ficar bem
“... hat ihn noch gut im Gedächtnis ” (p.10)	“... lembra-se muito bem dele ” (p.14)	Lembrar-se bem de alguma coisa ou de alguém Fraseologismo equivalente: ter (alguém) bem presente na memória
“... sonst stehen wir am Abend noch da ” (p.11)	“...se quiser acabar com isto, antes de anoitecer ” (p.15)	Chamar a atenção de alguém para o facto de algo estar a demorar demasiado Fraseologismo equivalente: nunca mais é sábado/nem amanhã
“...darf ich ihm aufs Maul hauen? ” (p.11)	“...posso obrigá-lo a calar o bico? ” (p.16)	Fazer com que alguém se cale Fraseologismo equivalente: dar (a alguém) no focinho/nas trombas/nas ventas
“Ihr wollt ihn mir zur Schlachtbank führen ” (p.12)	“E querem levá-lo para o matadouro ” (p.18)	Matar alguém Fraseologismo equivalente: acabar com alguém
“ Die leben in Saus und Braus ” (p.19)	“... passam a vida em festanças ” (p.27)	Viver desafogadamente Fraseologismo equivalente:

		viver à grande e à francesa/levar uma vida regalada
“...du hast ihnen Mores gelehrt ” (p.20)	“ Tu é que os ensinaste ” (p.28)	Mostrar a alguém o que está certo em jeito de castigo/vingança Fraseologismo equivalente: dar (a alguém) o que é bom pra a tosse
“...damit meine braven Leut ein gutes Stückl zwischen die Zähn kriegen ” (p.23)	“...os meus bravos soldados poderão ter um bom pedaço de carne para trincar ” (p.32)	Comer Fraseologismo equivalente: dar ao dente
“... aus dem Dreck ziehen ” (p.60)	“... desenrascar ” (p.82)	Conseguir sair de uma situação difícil Fraseologismo equivalente: tirar (alguém) da merda
“...kann er ins Stocken kommen ” (p.60)	“...pode encalhar ” (p.82)	Ficar sem alternativas Fraseologismo equivalente: ficar entre a espada e a parede
“...ich möcht ein Wort mit dir allein haben ” (p.82)	“...preciso de falar contigo ” (p.114)	Falar com alguém Fraseologismo equivalente: dar uma palavrinha a alguém
“...wolln so was nicht immer vor Augen haben ” (p.83)	“...não estão sempre dispostos a olhar para uma coisa dessas” (p.115)	Olhar para alguma coisa Fraseologismo equivalente: ter alguma coisa à frente dos olhos

Tabela 23 – Tradução semântica – Bertolt Brecht

“...hat ihn noch gut im Gedächtnis” – “lembra-se muito bem dele”

Neste exemplo de tradução semântica, podemos verificar que a expressão “...hat ihn noch gut im Gedächtnis” foi traduzida por “lembra-se muito bem dele”. A minha proposta de tradução seria recorrer ao equivalente da expressão idiomática “*etw./jn. im Gedächtnis haben*”, nomeadamente ao fraseologismo “ter alguma coisa/alguém bem presente na memória”, de forma a preservar a idiomaticidade do texto original na tradução.

“...darf ich ihm aufs Maul hauen” – “...posso obrigá-lo a calar o bico”

O exemplo que se segue, “*darf ich ihm aufs Maul hauen*”, traduzido por “posso obrigá-lo a calar o bico” foi considerado uma tradução semântica para este trabalho, pois, apesar de estar presente no texto de chegada o fraseologismo “calar o bico” (o que poderia também sugerir um exemplo de equivalência), creio que, neste caso, a tradutora tentou, na sua tradução, evidenciar o significado e o contexto da expressão. Desta forma, uma alternativa para a tradução do fraseologismo “*jm. aufs Maul hauen*” seria “dar-lhe nas trombas/no focinho/nas ventas”.

“Die leben in Saus und Braus” – “...passam a vida em festanças”

O terceiro exemplo em análise, “*Die leben in Saus und Braus*” foi traduzido por “passam a vida em festanças”.

Se fizermos uma breve pesquisa no Dicionário Idiomático Alemão-Português de Hans Schemann referido na bibliografia, podemos constatar que o equivalente de “*in Saus und Braus leben*” seria “viver à grande e à francesa”. Contudo, a expressão “viver à grande e à francesa” tem origem no séc XIX, na primeira invasão francesa, e a peça *Mutter Courage und ihre Kinder* passa-se numa época anterior à referida, nomeadamente na Guerra dos Trinta Anos. Isto é, se o tradutor conseguir apurar a origem de um fraseologismo, tem também a possibilidade de adaptar a sua tradução a um determinado ponto histórico, sendo que, em vez de utilizar a expressão “viver à grande e à francesa”, que sabe ter surgido numa data posterior àquela do desenrolar da peça, pode optar por outras soluções, tais como “levar uma vida regalada” ou “levar uma boa vida”

“...du hast ihnen Mores gelehrt” – “Tu é que os ensinaste”/ “...ich möchte ein Wort mit dir allein haben” – “...preciso de falar contigo”

Para concluir os exemplos de tradução semântica, gostaria ainda de apresentar uma proposta de tradução para as expressões “...du hast ihnen Mores gelehrt” e “*ich möchte ein Wort mit dir allein haben*”.

O fraseologismo alemão “*jn. Mores lehren*” foi traduzido por “Tu é que os ensinaste”. Uma proposta da minha parte para conservar o carácter idiomático na

tradução seria “Tu é que lhes ensinaste/deste o que era bom para a tosse”. Do mesmo modo, a expressão “...*ich möchte ein Wort mit dir allein haben*” foi traduzida por “...preciso de falar contigo”, solução que também leva a uma perda de idiomaticidade, pelo que uma possível alternativa seria optar pelo equivalente “dar uma palavrinha a alguém” (“...preciso de te dar uma palavrinha”). Esta última proposta seria, inclusivamente, uma escolha mais fiel do ponto de vista da forma.

3.3.6. Compensação

Por fim, após observarmos algumas das estratégias utilizadas pela tradutora, seguem-se os exemplos nos quais a tradutora recorreu à compensação. Ilse Losa recorreu a esta estratégia em 32% dos casos (56 exemplos).

Como vimos anteriormente no ponto 4.6.1., a compensação é uma estratégia que consiste em abdicar da idiomaticidade na tradução de um fraseologismo quando não existe uma expressão equivalente, compensando posteriormente ao traduzir expressões sem sentido idiomático na obra original por construções fraseológicas. Deste modo, o tradutor consegue colmatar a perda do sentido idiomático nos casos em que recorre a estratégias como a literalidade ou a tradução semântica.

Neste caso, Ilse Losa não só compensou, através desta estratégia, os casos em que optou por uma tradução literal e semântica, como acabou também por alcançar na sua tradução um número de fraseologismos superior em relação ao texto original, visto que a compensação foi utilizada em 32% dos casos e que a tradução semântica (8%) juntamente com a estratégia da literalidade (2%) somam apenas 10% dos exemplos.

Compensação	Construção fraseológica em PT	Significado
“...dass ich keine Nacht mehr schlaf ” (p.7)	“...passo as noites sem pregar olho ” (p.9)	Passar a noite sem dormir
“Jeder frisst , was er will” (p.7)	“Cada um mete no bucho o que pode” (p.10)	Comer
“...ist er auch zäh ” (p.8)	“... ganha raízes ” (p.10)	Adaptar-se a qualquer coisa/radicar-se em
“...ich habe keine Wahl gehabt ” (p.9)	“Eu não tinha outro remédio ” (p.12)	Não ter escolha
“...ich hab nix mit Ihnen ” (p.10)	“...nunca andei metida consigo ” (p.13)	Ter um envolvimento amoroso com alguém
“ Sie tun grad, als ob Sie das nicht kennten ” (p.10)	“ O senhor está a fazer-se de parvo ” (p.14)	Fingir que não se entende alguma coisa
“...nur versoffen ” (p.11)	“... bebia como uma esponja ” (p.15)	Beber demasiado
“Der Junge ist nach ihm geraten ” (p.11)	“O rapaz saiu tal e qual ” (p.15)	Ser parecido com alguém
“ Ich möcht gern ” (p.11)	“ Está-me a dar ganas ” (p.16)	Ter vontade

“...die Ihre ist schon abgewetzt ” (p.11)	“... já está nas últimas ” (p.16)	Estar estragado
“... möcht er umfallen ” (p.12)	“... cai redondo no chão ” (p.17)	Ficar com medo
“... schrei ” (p.13)	“... grita por todos os lados ” (p.18)	Gritar muito
“Überhaupt sollst du dich schämen ” (p.13)	“ Devias ter vergonha na cara ” (p.18)	Envergonhar-se de alguma coisa
“... fahrn wir weiter ” (p.14)	“...vamo-nos pôr a caminho ” (p.21)	Iniciar uma viagem ou um percurso
“... ich muß mich tummeln ” (p.14)	“...eu tenho que fazer pela vida ” (p.21)	Ter de se esforçar para atingir um objectivo
“... in Ruh ” (p.17)	“... em paz e sossego ” (p.24)	Tranquilamente
“... endlich ” (p.19)	“... de uma vez para sempre ” (p.27)	Eternamente
“... vorn und hinten ” (p.20)	“... por todos os lados ” (p.28)	Em todo o lado
“... in die Scheißgaß ” (p.23)	“... um beco sem saída ” (p.33)	Ficar sem alternativa/sem saída
“... ein Schlamper ” (p.24)	“... uma cabeça no ar ” (p.33)	Ser distraído
“Und das Messer fängt er mit Händen auf ” (p.24)	“... quem tem capa sempre escapa ” (p.34)	Provérbio que significa que correr riscos compensa
“... daß du sicher nicht auf den Gedanken kommst... ” (p.27)	“... que nem por sombras sonha... ” (p.38)	Sicher – Nem por sombras Significado: Em situação alguma Auf den Gedanken kommst – sonha Significado: Pensar em
“... jetzt ist alles gleich ” (p.28)	“... tanto se me dá como se me deu ” (p.39)	Ser indiferente a alguma coisa
“... vor Langweil ” (p.31)	“... para passar o tempo ” (p.44)	Estar distraído/entretido
“... hätten sich nicht einmischen sollen ” (p.32)	“... não deviam ter-se metido em nada ” (p.44)	Envolver-se em alguma coisa
“... haben sie sich eingemischt ” (p.32)	“... meteram o nariz na política... ” (p.44)	Envolver-se em alguma coisa
“ Schließlich... ” (p.33)	“ Ao fim e ao cabo... ” (p.45)	“Na verdade...”
“So eine gottsträfliche Dummheit ” (p.35)	“Tanta estupidez brada aos céus ” (p.49)	Expressão de ênfase
“...drüber Witz gemacht hat ” (p.36)	“... fazer pouco dessas coisas” (p.51)	Fazer troça de alguma coisa
“... gleich... ” (p.44)	“... sem mais nem menos ” (p.61)	Repentinamente
“ Sie haben mir alles mit die Säbel zerfetzt ” (p.50)	“ Deram-me cabo de tudo ” (p.68)	Estragar
“... für nix und wieder nix abverlangt ” (p.50)	“... exigiram-me, sem mais nem menos... ” (p.68)	Sem motivo aparente
“... wo mir das Trinkgeld unterschlagt... ” (p.50)	“... meteu o meu prémio no bolso ” (p.69)	Ficar com alguma coisa inapropriadamente

“Ihr seids nur Hosenscheißer ” (p.51)	“Vocês todos se borram de medo ” (p.70)	Ter muito medo
“...wenn Sie ihn dann gar nicht zerhacken ” (p.52)	“...se depois não o faz em pedaços ” (p.71)	Destruir
“Wenn er kommt, zerhack ich ihn” (p.52)	“Quero ver se não o faço em pedaços ” (p.72)	Destruir
“...wenn ich aufmuck ” (p.53)	“...se dou um pio ” (p.72)	Falar
“... ich mag nicht ” (p.56)	“... não estou para isso ” (p.77)	Não estar com vontade para fazer alguma coisa
“...werden meine Gaben und Fähigkeiten mißbraucht ...” (p.64)	“Os talentos que Deus me concedeu, não os posso fazer valer aqui” (p.87)	Utilizar alguma coisa a favor de alguém
“... haben sie nicht geschändet ” (p.65)	“... não fazem mal a uma mosca ” (p.90)	Ser inofensivo
“Das ist nix ” (p.71)	“... não vale um caracol ” (p.98)	Não ter valor nenhum
“... haben wir uns aufgelöst ” (p.72)	“...fomos cada um para seu lado ” (p.98)	Separar-se
“...daß Ihr Krieg eine Niete war ” (p.73)	“...que a guerra não lhe saiu na rifa ” (p.100)	Falhar
“Ich sags, wies ist ” (p.76)	“Eis a verdade nua e crua ” (p.105)	A verdade tal como ela é
“...wenns ganze Dorf verkohlt ist” (p.81)	“...a aldeia está reduzida a carvão ” (p.112)	Estar destruído
“... muß ich dirs halt sagen” (p.82)	“... não tenho outro remédio senão dizer-to” (p.114)	Não ter alternativa
“... weiß ich nicht ” (p.83)	“... não faço a mais pequena ideia ” (p.116)	Não saber
“... ich könnt s aber nicht ändern ” (p.86)	“... não te posso valer ” (p.119)	Ajudar alguém
“Es sind fahrende Leut” (p.89)	“... sem eira nem beira ” (p.123)	Sem objectivos ou sem condições
“... verhungern ” (p.89)	“... morremos de fome ” (p.123)	Ter muita fome
“...sie uns hier oben auch umbringen ” (p.90)	“... dar cabo de nós ” (p.125)	Destruir/matar alguém
“Sie hat sich raufgeschlichen ” (p.92)	“Ela foi lá para cima sem a gente dar conta ” (p.127)	Sem se aperceber
“Das nützt nix ” (p.93)	“... deitar tudo a perder ” (p.130)	Destruir o que foi conseguido até a um certo momento
“... sie selber müßens los ” (p.96)	“ Tem que meter-se ao caminho ” (p.133)	Iniciar uma viagem/um percurso
“ Mit seinem Glück, seiner Gefahre ” (p.96)	“ Com os seus altos e baixos ” (p.134)	Momentos bons e maus

Tabela 24 – Compensação – Bertolt Brecht

“Überhaupt sollst du dich schämen” – “Devias ter vergonha na cara”/ “daß du sicher nicht auf den Gedanken kommst” - “...que nem por sombras sonha em”

Para analisar alguns casos nos quais a tradutora recorreu à compensação, selecionei os exemplos “Überhaupt sollst du dich schämen”, traduzido por “Devias ter vergonha na cara” e “daß du sicher nicht auf den Gedanken kommst, damit wegzurennen...”, traduzido por “...que nem por sombras sonha em fugir com a caixa”.

No primeiro exemplo, Ilse Losa compensou o elemento “schämen”, traduzindo-o não apenas por “devias envergonhar-te” ou “devias ter vergonha”, mas sim por “devias ter vergonha na cara”, conferindo ao texto de chegada um carácter idiomático, visto que “ter vergonha na cara” é uma construção fraseológica bastante utilizada na língua portuguesa.

No que diz respeito ao exemplo “daß du sicher nicht auf den Gedanken kommst, damit wegzurennen”, podemos dizer que estão aqui presentes duas estratégias distintas, nomeadamente (a) um exemplo de compensação, pois Ilse Losa traduziu “sicher”, um elemento sem qualquer grau de idiomaticidade, pela expressão “nem por sombras” e (b) uma equivalência, na medida em que a expressão “auf den Gedanken kommen” foi traduzida por “sonha em (fugir com a caixa)”. Note-se ainda que, neste exemplo de equivalência, a tradutora poderia ter optado também pelo fraseologismo “que nem te passe pela cabeça”, fraseologismo este que, na minha opinião, seria mais fiel ao original e se aproximaria mais de uma equivalência total.

“...wenns ganze Dorf verkohlt ist” – “...a aldeia está reduzida a carvão”

Quanto ao exemplo que se segue, “...wenns ganze Dorf verkohlt ist”, traduzido por “...a aldeia está reduzida a carvão”, podemos dizer que há também, neste caso, uma tentativa por parte da tradutora de recorrer à estratégia da compensação. Ilse Losa poderia ter traduzido a palavra “verkohlt” literalmente, resultando daí a tradução “...a aldeia está carbonizada”. Contudo, a tradutora tentou encontrar uma forma de adicionar alguma idiomaticidade à frase e de preservar, simultaneamente, o sentido de “verkohlt”, sendo que alterou a expressão idiomática original “estar reduzido/a a cinzas” para “está reduzida a carvão”.

“...muß ich dirs halt sagen” – “...não tenho outro remédio senão dizer-to”/
“...weiß ich nicht” – “...não faço a mais pequena ideia”

Por fim, para terminar a análise de estratégias de tradução de fraseologismos encontradas na tradução da peça de Bertolt Brecht, gostaria de comentar dois exemplos nos quais Ilse Losa recorreu à compensação, traduzindo elementos sem qualquer sentido idiomático por construções fraseológicas. Observemos a frase “*muß ich dirs halt sagen*”, traduzida por “não tenho outro remédio senão dizer-to”. Neste caso, Ilse Losa traduziu “*muß*” (“ter de”) pela expressão idiomática “não tenho outro remédio”. O mesmo se verifica no exemplo “*...weiß ich nicht*” (“não sei”), traduzido por “...não faço a mais pequena ideia”.

É importante relembrar que a estratégia da compensação depende sempre de uma abdicção de idiomaticidade na tradução, quando não é possível traduzir uma construção fraseológica de um determinado ponto do texto de partida. Por outras palavras, estes exemplos de compensação só o podem ser, pelo facto de a tradutora ter recorrido também a estratégias como a literalidade e a tradução semântica, deixando de lado, com estas escolhas tradutológicas, o sentido idiomático de muitas expressões, mas recuperando esse carácter através da estratégia da compensação.

3.4. Conclusão da análise

Para concluir a análise das estratégias utilizadas por Ilse Losa na tradução da peça de Bertolt Brecht *Mutter Courage und ihre Kinder* (*Ti Coragem e os seus filhos*) é importante proceder a uma comparação entre as percentagens de utilização de cada estratégia presentes na tradução portuguesa de Bertolt Brecht e nas traduções alemãs de Mia Couto:

1. Como vimos anteriormente, a equivalência foi a estratégia mais utilizada, tanto pela tradutora de Mia Couto, Karin von Schweder-Schreiner (27%), como por Ilse Losa (56%).
2. Podemos constatar também que, tanto a recriação como a invenção-reconstrução foram as estratégias às quais Ilse Losa menos recorreu, somando cada estratégia apenas 2 exemplos, ou seja, uma percentagem de 1% cada. Além disso, como foi possível verificar, o recurso a estas estratégias resultou, nos 4 exemplos, em erros de interpretação.
3. Apesar de nas traduções de Mia Couto a invenção-reconstrução também ter sido a estratégia menos utilizada (7%), a estratégia da recriação, contrariamente ao que sucede na peça *Ti Coragem e os seus filhos*, desempenhou um papel importante na tradução de construções fraseológicas, tendo somado uma percentagem de utilização de 17%. Ou seja, a tradutora de Mia Couto, que se viu confrontada com as “brincadeiras” do autor moçambicano, sentiu uma maior necessidade de recorrer à criatividade para superar as dificuldades que as construções fraseológicas alteradas por Mia Couto apresentam. Desta forma, a percentagem de exemplos de recriações foi significativamente superior nas traduções de Karin von Schweder-Schreiner, sendo que as estratégias que envolveram a criatividade da tradutora somam quase um quarto dos exemplos (24%).
4. Quanto à utilização da tradução semântica, esta estratégia foi adoptada em 8% dos casos na tradução de Bertolt Brecht e em 27% dos casos nas traduções de Mia Couto, o que nos mostra que, muitas vezes, Karin von Schweder-

Schreiner precisou de recorrer a uma paráfrase ou ao significado do fraseologismo para conseguir ultrapassar as recriações de fraseologismos do próprio autor. Do mesmo modo, também verificamos que a estratégia da literalidade foi mais utilizada por Karin von Schweder-Schreiner (22%) como forma de transpor os obstáculos resultantes das modificações de Mia Couto, do que por Ilse Losa (2%).

5. Por fim, a estratégia da compensação foi aplicada em 32% dos casos na tradução portuguesa de Bertolt Brecht, como forma de equilibrar a perda do carácter idiomático decorrente dos exemplos em que a tradutora optou por uma tradução literal ou semântica. Contudo, Ilse Losa acabou por atingir um número muito superior de expressões idiomáticas e de provérbios na sua tradução em comparação com o texto original, visto que a percentagem de utilização da estratégia da compensação foi de 32% e que a estratégia da literalidade e da tradução semântica somam em conjunto apenas 10% dos exemplos. Finalmente, importa mencionar que esta estratégia não foi encontrada nas traduções alemãs de Mia Couto. Na minha opinião, isto deve-se ao facto de ser consideravelmente mais complexo para Karin von Schweder-Schreiner compensar a diminuição do carácter idiomático na sua tradução, devido às modificações de construções fraseológicas que teriam de existir. Tal diminuição de idiomaticidade resulta dos 22% de casos de literalidade, bem como dos 27% de exemplos de tradução semântica e, para a tradutora conseguir equilibrar a quantidade de fraseologismos na língua de chegada relativamente ao texto original, teria também de recriar construções fraseológicas e introduzi-las num determinado ponto na sua tradução, sem que houvesse, no ponto correspondente do texto de partida, uma construção desta natureza.

4. Conclusão

Com este trabalho, creio ter reunido alguns dos aspectos essenciais para a tradução de construções fraseológicas. Tal como foi mencionado várias vezes ao longo desta monografia, a tradução de fraseologismos é uma área de grande complexidade, pelo facto de não se ter encontrado ainda uma definição universal de “fraseologia” ou um consenso relativamente às subclasses que compõem este ramo. Contudo, apesar de não haver também uma delimitação concreta das próprias subclasses da fraseologia, o tradutor deve ter consciência das diferenças que existem entre elas para poder aplicar a estratégia de tradução mais adequada.

Existem ainda diversas especificações sobre as quais são elaboradas as várias classificações de fraseologismos, especificações estas que influenciam também a tradução de construções fraseológicas, tais como a idiomaticidade e a estabilidade. Considerando, por exemplo, o critério da idiomaticidade, perante um fraseologismo mais opaco como “*ich verstehe immer nur Bahnhof*” (significado: não compreender algo), a estratégia da literalidade revela-se impraticável. Além disso, grande parte das unidades fraseológicas tem uma carga cultural muito acentuada, o que reduz também a probabilidade de a estratégia da equivalência poder ser utilizada.

A tarefa do tradutor torna-se ainda mais árdua quando o próprio autor da obra original modifica as construções fraseológicas, como sucede com Mia Couto. Nestes casos, a estratégia a adoptar passa pela criatividade do tradutor, tal como verificámos na análise de estratégias de tradução de fraseologismos presentes em duas traduções alemãs de Mia Couto. Nas traduções das obras *A Varanda do Frangipani* (*Unter dem Frangipanibaum*) e *Terra Sonâmbula* (*Das schlafwandelnde Land*), concluiu-se que a tradutora Karin von Schweder-Schreiner recorreu com maior frequência à estratégia da equivalência e à tradução semântica. No entanto, as estratégias que exigem criatividade, como por exemplo a recriação e a invenção-reconstrução somaram, em conjunto uma percentagem de utilização de 24%. Ou seja, a tradutora de Mia Couto recorreu à criatividade enquanto estratégia de tradução em quase um quarto dos exemplos.

Em contrapartida, na tradução portuguesa de Bertolt Brecht *Ti Coragem e os seus filhos* (*Mutter Courage und ihre Kinder*), não existem fraseologismos modificados pelo autor. Desta forma, a tradutora Ilse Losa apenas recorreu às

estratégias mais criativas em 2% dos casos, sendo que aplicou a recriação e invenção-reconstrução, cada uma, em 1% dos exemplos.

Estes valores mostram-nos, portanto, que a tradutora de Mia Couto sentiu provavelmente uma maior necessidade de recorrer a uma tradução de alteridade, ou seja, a uma tradução que preserve os traços da língua de partida, pelo facto de o autor também reinventar vários fraseologismos. Assim sendo, podemos concluir que Karin von Schweder-Schreiner conseguiu alcançar o equilíbrio entre manter-se fiel ao trabalho do autor e oferecer ao leitor da sua tradução a mesma sensação de estranheza que o leitor da obra original sentiria. Porém, importa entender, que para se atingir este equilíbrio, a tradução sofre sempre uma perda e é nessa base que o tradutor deve aceitar a inviabilidade de uma tradução perfeita.

5. Bibliografia

Dicionários generalistas

Dicionário de Alemão-Português, Dicionários Editora, Porto Editora, Porto, 1997.

Dicionário de Português-Alemão, Dicionários Editora, Porto Editora, Porto, 1997.

Dicionário Michaelis de Sinônimos e Antônimos, Editora Melhoramentos, São Paulo, 2008.

Dicionário Verbo: Língua Portuguesa - Conforme o Novo Acordo Ortográfico, Editorial Verbo, 2ª edição, Lisboa, 2008.

Dicionários fraseológicos

SANTOS, António Nogueira. *Novos dicionários de expressões idiomáticas*, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1ª edição, 1990.

SANTOS, A. N.; SANTOS, P. *New Dictionaries of Idioms*, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1ª edição, 1990.

SCHEMANN, Hans; SCHEMANN-DIAS, Maria Luiza *et al.* *Dicionário Idiomático Alemão-Português*, Buske/Snah, Hamburg, 2ª edição, 2012.

SCHEMANN, Hans; DIAS, Idalete. *Dicionário Idiomático Português-Alemão*, Buske/Snah, Hamburg, 2ª edição, 2012.

SCHEMANN, Hans; SCHEMANN-DIAS, Maria Luiza. *Dicionário Idiomático Português-Alemão*, Max Hueber Verlag/Livraria Cruz, Braga, 1980.

Gramáticas

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 18ª edição, 2005.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa, 7ª edição, 2003.

VILLALVA, Alina. *Morfologia do português*. Universidade aberta, Lisboa, 2008.

SERÓDIO, Cristina; PEREIRA, Dulce *et al.* *Nova Gramática didática de português*, Santillana, Lisboa, 2011.

Obras literárias:

BRECHT, Bertolt. *Mutter Courage und ihre Kinder* in *Bertolt Brecht Stücke II*, Aufbau-Verlag Berlin und Weimar, 3. Auflage, 1981.

BRECHT, Bertolt. *Ti Coragem e seus filhos* in *Bertolt Brecht Teatro 1*, trad. Ilse Losa, Portugália Editora, Lisboa, 1961.

COUTO, Mia. *A Varanda de Frangipani*, Caminho, Lisboa, 8ª edição, 2006.

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*, LeYa, Lisboa, 4ª edição, 2011.

COUTO, Mia. *Unter dem Frangipanibaum*, trad. Karin von Schweder-Schreiner, Unionsverlag, Zürich, 2007.

COUTO, Mia. *Das Schlafwandelnde Land*, trad. Karin von Schweder-Schreiner, Dipa-Verlag, Frankfurt am Main, 1994.

Monografias:

ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz *et al.* *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia* - Anais – Volume 1, Pontes Editores, Brasil, 2012.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, trad. Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini, Copiart/PGET-UFSC, Brasil, 2ª edição, 2012.

BOXER, C.R. *Relações raciais no império colonial português 1415-1825*, trad. Elice Munerato, Biblioteca do Tempo Universitário, Rio de Janeiro, 1967.

BURGER, Harald; BUHOFER, Annelies *et al.* *Handbuch der Phraseologie*, Walter de Gruyter, Berlin/New York, 1982.

BURGER, Harald; DOBROVOL'SKIJ, Dimitrij *et al.* *Phraseologie/Phraseology – Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung/An international handbook of contemporary research* – Volume 1, Walter de Gruyter, Berlin/New York, 2007.

CASSIRER, Ernst. *Philosophie der symbolischen Formen - Erster Teil: Die Sprache*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 10. Auflage, 1994.

COWIE, A.P. *Phraseology: Theory, Analysis and Application*, Clarendon Press, Oxford, 1998.

FABER, Pamela. *A Cognitive Linguistics View of Terminology and Specialized Language*, Mouton de Gruyter, Berlin/Boston, 2012.

FLEISCHER, Wolfgang. *Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache*, Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 2. Auflage, 1997.

FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI, Eduardo. *Multimodal Metaphor*, Mouton de Gruyter, Berlin/New York, 2009.

GOATLY, Andrew. *Washing the Brain – Metaphor and Hidden Ideology*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia, 2007.

GRANGER, Sylviane; MEUNIER, Fanny. *Phraseology – An Interdisciplinary Perspective*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia, 2008.

HERVEY, Sándor; LOUGHRIDGE, Michael *et al.* *Thinking German Translation – A Course in Translation Method: German to English*, Routledge, London/New York, Second edition, 2006.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Schriften zur Sprache*, Philipp Reclam, Stuttgart, 1973.

HUNDT, Christine. *Untersuchungen zur portugiesischen Phraseologie*, Gottfried Egert Verlag, Wilhelmsfeld, 1994.

JORGE, Guilhermina *et al.* *Tradutor Dilacerado – Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*, Edições Colibri, Lisboa, 1997.

KÖVECSES, Zoltán. *Language, Mind and Culture – A Practical Introduction*, Oxford University Press, 2006.

MEUNIER, Fanny; GRANGER, Sylviane. *Phraseology in Foreign Language, Learning and Teaching*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia, 2008.

PALM, Christine. *Phraseologie – Eine Einführung*, Gunter Narr Verlag, Tübingen, 2. Auflage, 1997.

RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*, trad. Maria Jorge Figueiredo, Cotovia, Lisboa, 2005.

ROTHWELL, Phillip. *A Postmodern Nationalist – Truth, Orality and Gender in the Work of Mia Couto*, Rosemont Publishing, Cranbury, 2004.

SANROMÁN, Álvaro. *A unidade lexicográfica – Palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas*, Coleção POLIEDRO, Universidade do Minho - Centro de Estudos Humanísticos, 2001.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, trad. José Miranda Justo, Elementos Sudoeste - Porto Editora, Porto, edição bilingue, 2003.

SKANDERA, Paul. *Phraseology and Culture in English*, Mouton de Gruyter, Berlin/New York, 2007.

STEINER, George. *Depois de Babel – Aspectos da linguagem e tradução*, trad. Miguel Serras Pereira, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2002.

STEYER, Kathrin. *Wortverbindungen – mehr oder weniger fest*, Walter de Gruyter, Berlin/New York, 2004.

THUN, Harald. *Probleme der Phraseologie*, Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1978.

VILELA, Mário. *Problemas da lexicologia e lexicografia*, Livraria Civilização Editora, Porto, 1979.

WERNER, Hans-Georg. *Das klassische Werk Goethes und Schillers in Deutschsprachige Literatur im Überblick*, Reclam, Leipzig, 1973.

Dissertações de mestrado e teses de doutoramento:

JORGE, Guilhermina. *Da criatividade linguística à tradução – Uma abordagem das unidades polilexicais em Mia Couto*, Doutoramento em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014.

MARTINS, Pedro. *Em busca do equilíbrio – Interculturalidade na tradução de “Night of the Quickened Trees”*, Dissertação de Mestrado em Tradução, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

PEPERA, Agnieszka. *Domínios semânticos na obra “Disgrace” de J.M. Coetzee e Tradução*, Dissertação de Mestrado em Tradução, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

PINHO, Daniela. *O Realismo Maravilhoso em “Terra Sonâmbula” de Mia Couto*, Dissertação de Mestrado do Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, 2010.

Trabalhos académicos:

DIAS, Maria João; NOGUEIRA, Maria João. *Uma viagem através dos sentidos: análise dos rótulos das cápsulas “Nespresso”*, Trabalho académico realizado durante o Mestrado de Tradução 2012/2013 no seminário de Língua, Discurso e Tradução, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013.

Artigos:

AHMADI, Sahar; KETABI, Saeed. “Translation Procedures and Problems of Color Idiomatic Expressions in English and Persian: Cultural Comparison in Focus”, *The Journal of International Social Research*, University of Isfahan, 2011.

ALMEIDA, Maria Clotilde. “A arte de ser metáfora: estudo interlinguístico português-alemão de índole cognitiva”, *Polifonia*, Edições Colibri, nº2, Lisboa, pp.59-74, 1999.

ÁLVAREZ, Carlos Alberto. “Fraseoparemiologia e interculturalidad” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais – Volume 1*, Pontes Editores, Brasil, pp.171-204, 2012.

ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. “Apresentação” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais* – Volume 1, Pontes Editores, Brasil, pp.11-14, 2012.

ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. “Estudos fraseológicos no Brasil – Estado da arte” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais* – Volume 1, Pontes Editores, Brasil, pp.355-360, 2012.

ARSENTEVA, Elena. “Online Russian-English Phraseological Dictionary – New Perspectives” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais* – Volume 1, Pontes Editores, Brasil, pp.51-58, 2012.

ATHAYDE, Maria Francisca; HÖRSTER, Maria António. “Compostos alemães – Aspectos da sua tradução para português”, *Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006.

BARBOSA, Maria Aparecida. “A fraseologia no percurso gerativo de enunciação de codificação – No sistema, nas normas, no falar concreto” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais* – Volume 1, Pontes Editores, Brasil, pp.247-254, 2012.

BEVILACQUA, Cleci Regina. “Fraseologia - Perspectiva da língua comum e da língua especializada”, *Revista Língua e Literatura*, nº 10/11, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Brasil, pp. 73-86, 2004/2005.

CHACOTO, Lucília. “A produção fraseoparemiográfica” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais* – Volume 1, Pontes Editores, Brasil, pp.157-170, 2012.

CHACOTO, Lucília. “Fraseoparemiologia e tradutologia” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais* – Volume 1, Pontes Editores, Brasil, pp.213-236, 2012.

DOBROVOL'SKIJ, Dmitrij. "Phraseology – Historical Development and Theoretical Aspects" in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais* – Volume 1, Pontes Editores, Brasil, pp.15-50, 2012.

JORGE, Guilhermina. "A tradução nos estudos fraseológicos" in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais* – Volume 1, Pontes Editores, Brasil, pp.59-90, 2012.

JORGE, Guilhermina *et al.* "As cores preto no branco - Uma análise comparativa", *Polifonia*, Edições Colibri, nº 6, Lisboa, pp.111-136, 2003.

JORGE, Guilhermina. "Da palavra às palavras - Alguns elementos para a tradução de expressões idiomáticas", *Polifonia*, Edições Colibri, nº 5, Lisboa, pp.119-133, 2002.

JORGE, Guilhermina. "Grão a grão, enche o provérbio a tradição", *Polifonia*, Edições Colibri, nº 10, Lisboa, pp.77-95, 2007.

JORGE, Guilhermina. "Reflexões em torno da tradutologia das construções fraseológicas na perspectiva interlínguas", *Polifonia*, Edições Colibri, nº1, Lisboa, pp.33-43, 1997.

JUSTO, José Miranda. "Wilhelm von Humboldt – Um extracto da "Introdução" ao Agamémnon (1816)", *Revista da Faculdade de Letras*, Universidade de Lisboa, pp. 279-288, 2003.

KÖVECSES, Zoltán; SZABÓ, Péter. "Idioms: A View from Cognitive Linguistics" in *Applied Linguistics* - Volume 17, nº 3, Oxford University Press, pp.326-355, 1996.

LAPORTE, Éric. "Corpus Linguistics and Phraseo-Paremiology" in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais* – Volume 1, Pontes Editores, Brasil, pp.255-268, 2012.

LEMOS, Vera San Payo de. “Artes de ensinar e aprender. Propostas para uma educação estética e política numa série de peças” in *Bertolt Brecht – Teatro 3*, Cotovia, Lisboa, pp.7-99, 2005.

LEMOS, Vera San Payo de. “Cartas de tempos sombrios. Cinco formas de escrever a verdade” in *Bertolt Brecht – Teatro 4*, Cotovia, Lisboa, pp.7-56, 2006.

LEMOS, Vera San Payo de. “Os primeiros trabalhos do jovem Brecht” in *Bertolt Brecht – Teatro 1*, Cotovia, Lisboa, pp.17-35, 2003.

LEMOS, Vera San Payo de. “Os princípios do teatro épico de Brecht” in *Bertolt Brecht – Teatro 2*, Cotovia, Lisboa, pp.7-46, 2004.

MARTÍNEZ, Immaculada Penadés. “Didáctica de la fraseología y de la paremiología” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais* – Volume 1, Pontes Editores, Brasil, pp.91-117, 2012.

MEJRI, Salah. “Délimitation des unités phraséologiques” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais* – Volume 1, Pontes Editores, Brasil, pp.139-156, 2012.

MELO, Jorge Silva. “Com Bertolt Brecht. Aprender a impiedade, preparar a amabilidade” in *Bertolt Brecht – Teatro 1*, Cotovia, Lisboa, pp.7-15, 2003.

MOREIRA, Fernando. “Palavra e identidade em Mia Couto”, *Revista África e Africanidades*, ano IV, nº 14/15, 2011.

MOTALLEBZADEH, Khalil; TOUSI, Seika. “Employing Compensation Strategy in Translation of Idioms: A Case Study of the Translation of Mark Twain’s Adventures of Huckleberry Finn in Persian”, *International Journal of Linguistics*, Volume 3, nº1, 2011.

MUÑOZ, Julia Sevilla. “Trayectoria de los estudios paremiológicos” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais – Volume 1*, Pontes Editores, Brasil, pp.119-137, 2012.

PAMIES, Antonio. “O projecto ‘Dicionários culturais’” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais – Volume 1*, Pontes Editores, Brasil, pp.345-354, 2012.

POS, Arie. “O choque de cultura do tradutor”, adaptação de uma comunicação apresentada na FLUL no dia 15 de Março de 2001, no âmbito das V Jornadas da Unil, *Polifonia*, Edições Colibri, nº 5, Lisboa, pp.153-172, 2002.

RIVA, Huélington Cassiano. “O levantamento de neologismos fraseológicos” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais – Volume 1*, Pontes Editores, Brasil, pp.313-331, 2012.

SILVA, Augusto Soares. “A linguística cognitiva – Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística”, *Revista Portuguesa das Humanidades – Volume 1*, nº 1-2, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga, pp.59-101, 1997.

SILVA, Maria Eugénia Olímpio. “Por uma produção fraseográfica efetiva – Desafios e metas” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais – Volume 1*, Pontes Editores, Brasil, pp.237-245, 2012.

TAGNIN, Stella. “Fraseologia especializada para tradutores – Glossários direcionados pelo corpus” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais – Volume 1*, Pontes Editores, Brasil, pp. 333-344, 2012.

UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva. “Unidades fraseológicas en la experienciación y conceptualización de actos de habla” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais – Volume 1*, Pontes Editores, Brasil, pp. 269-312, 2012.

XATARA, Claudia. “A produção fraseoparemiográfica” in *Tendências actuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais – Volume 1*, Pontes Editores, Brasil, pp. 205-212, 2012.

Sites consultados:

Biografia de Mia Couto. Disponível em:

http://lusofonia.com.sapo.pt/mia.htm#NOTA_BIOBIBLIOGR%C1FICA

<http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.pt/2012/11/mia-couto-professorbiologopoeta-e.html>

<http://mozindico.blogspot.pt/2008/10/mia-couto-biografia.html>

Consultados em Junho de 2015

Cadernos de fraseologia Galega. Disponíveis em:

http://www.cirp.es/pls/bdox/inv.cfg_numeros

COUTO, Mia. *Escrita, língua portuguesa e poder em Moçambique*, Revista África 21, 2013. Disponível em:

<http://www.ciberduvidas.com/portugues.php?rid=2638>

Consultado em Janeiro de 2014.

EUROPHRAS (European Society of Phraseology). Disponível em:

<http://www.euophras.org>

KHALIL, Ghusoon. *Overcoming difficulties in translating idioms from English to Arabic*, Department of Translation - College of Arts, Al-Mustansiriya University, s.d.

Disponível em: <http://www.iasj.net/iasj?func=fulltext&aId=37106>

Consultado em Janeiro de 2014

Vocabulário Ortográfico do Português. Disponível em:

<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/vop.html>